

ANA CATARINA GARCIA FERNANDES

**APAGAMENTO DE VOGAIS ÁTONAS
EM TRISSÍLABOS PROPÁROXÍTONOS:**

**Um Contributo para a Compreensão da Supressão Vocálica em
Português Europeu**

PORTO

2007

ANA CATARINA GARCIA FERNANDES

**APAGAMENTO DE VOGAIS ÁTONAS
EM TRISSÍLABOS PROPAROXÍTONOS**

**Um Contributo para a Compreensão da Supressão Vocálica em
Português Europeu**

Dissertação apresentada à
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
para obtenção do grau de
Mestre em Linguística
no âmbito do
I Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Linguística

Orientador:
Prof. Doutor João Veloso
(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

**PORTO
2007**

ÍNDICE

Agradecimentos	v
Resumo	vi

INTRODUÇÃO

0. Introdução.	1
0.1. Questões introdutórias sobre variação.	1
0.2. Proposta de trabalho.	3
0.2.1. Apresentação dos fenómenos estudados.	6
0.2.1.1. Vocalismo átono.	7
0.2.1.2. Grupos consonânticos.	8
0.2.1.3. Sílabas.	10
0.2.1.4. Trissílabos esdrúxulos.	11
0.3. Estrutura da tese.	13

I PARTE

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1

1. Introdução.	17
1.1. Enquadramento teórico.	
1.2. Acentuação.	17
1.3. Caracterização das vogais em português.	21
1.3.1. Vocalismo tónico.	23
1.3.2. Vocalismo átono: fenómenos de apagamento.	24
1.3.3. Vogais mais sujeitas a apagamento.	28
1.3.4. Contexto fonológico:	31
1.3.4.1. Há consoantes que favorecem a queda de vogais?	31
1.3.4.2. O apagamento de vogais provoca alterações no contexto fonológico adjacente?	34
1.4. Descrição da sílaba em português.	36
1.4.1. Perspectivas teóricas.	36
1.4.2. Fonologia autosegmental e fonologia métrica.	39
1.4.3. Princípio de Sonoridade e Condição de Dissemelhança.	41
1.5. Caracterização de grupos consonânticos (nível fonológico e fonético).	44
1.5.1. Grupos consonânticos «próprios» / «legítimos».	44
1.5.2. Grupos consonânticos «impróprios» / «ilegítimos».	46
1.5.3. Posições de diferentes autores.	48
1.5.4. Questões relacionadas com a divisão silábica: os grupos consonânticos constituem ataque de sílaba?	55
1.5.5. De que forma a não-realização de vogais átonas, originando sequências consonânticas longas, altera as estruturas silábicas do português?	59
1.5.6. Os encontros consonânticos «ilegítimos» são mais frequentes do que os encontros consonânticos «legítimos»?	61

II PARTE

ESTUDO EXPERIMENTAL

Capítulo 2

2. Introdução.	67
2.1. Metodologia.	
2.1.1. Questões de partida e hipóteses.	68
2.1.2. Identificação do material linguístico.	71
2.1.3. Informantes.	82
2.1.4. Método de gravação.	83
2.1.5. Método de análise.	84

Capítulo 3

3. Resultados.	86
3.1. Categorias de realizações fonéticas.	86
3.1.2. Percentagens totais.	88
3.1.2.1. Queda fonética da penúltima vogal dos trissílabos proparoxítonos.	90
3.1.2.2. Queda fonética da última vogal dos trissílabos proparoxítonos.	92
3.1.2.3. Realização de grupos consonânticos devido a apagamento fonético da penúltima vogal átona.	94
3.1.2.4. Queda de vogais átonas em palavras frequentes e não frequentes.	97
3.1.2.5. Realizações fonéticas dos trissílabos não frequentes.	100
3.1.2.6. Quadro-síntese das realizações fonéticas dos trissílabos proparoxítonos pertencentes ao nosso <i>corpus</i> (queda de vogais átonas e formação de encontros consonânticos).	102

Capítulo 4

4. Discussão dos resultados.	107
------------------------------	-----

III PARTE

CONCLUSÕES	135
------------	-----

ANEXOS

Formas de onda e espectrogramas de algumas realizações fonéticas.

Anexo 1: <i>Bêbera</i>	147
Anexo 2: <i>Época</i>	147
Anexo 3: <i>Péssimo</i>	148
Anexo 4: <i>Método</i>	148
Anexo 5: <i>Cómodo</i>	149

BIBLIOGRAFIA	153
--------------	-----

Alterar os n° todos

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao Professor Doutor João Veloso, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pelo seu apoio, constante disponibilidade e pela motivação que desde o início me incutiu. Agradeço-lhe também o facto de me ter disponibilizado os meios materiais necessários para a gravação e tratamento acústico do *corpus* analisado, bem como diversas recomendações bibliográficas. As suas críticas e sugestões foram sempre de extrema importância para a contínua aprendizagem que envolve a construção de um trabalho desta natureza.

Agradeço também às minhas colegas Isabel Henriques e Cláudia Silva, que contribuíram para a escolha do material linguístico e me ajudaram a superar dúvidas e receios.

Este trabalho foi concretizado graças à amabilidade do Professor Luís Henrique, que criou as condições necessárias para que as gravações pudessem ser efectuadas na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto (ESMAE). Agradeço ao Engenheiro Octávio Inácio e a Gustavo Costa (técnico dos serviços áudio do IPP) a disponibilidade e preciosa ajuda para a realização das gravações.

Agradeço, ainda, a todos os amigos e familiares que se viram privados da minha companhia em vários momentos da elaboração deste trabalho. Uma palavra de especial apreço aos meus pais e à minha irmã, que me apoiaram e me incentivaram ao longo de todo este percurso.

Por fim, manifesto o meu agradecimento aos informantes (CF, JR e LA) que aceitaram colaborar nesta dissertação e sem os quais este trabalho não poderia ter sido levado a cabo.

RESUMO

Este trabalho aborda o apagamento de segmentos vocálicos não acentuados em português europeu (PE), num conjunto de trissílabos proparoxítonos. Considerando que algumas vogais átonas destes trissílabos poderiam não ser realizadas foneticamente, propusemos um conjunto de hipóteses que tentámos verificar, tendo em conta as possíveis consequências fonéticas ou fonológicas que poderiam advir deste fenómeno.

Depois de procedermos à gravação das palavras pertencentes ao nosso *corpus* (lidas num texto por três falantes do PE) e de efectuarmos a análise acústica de cada uma delas, constatámos que muitos dos trissílabos fonológicos foram realizados maioritariamente com duas sílabas a nível fonético. Além disso, vários deles foram pronunciados apenas com uma sílaba. Como consequência, verificou-se a perda de uma (ou duas) sílabas fonéticas e a alteração dos constituintes silábicos daquelas que permaneceram a nível superficial.

Assim, as palavras realizadas como dissílabos com apagamento da vogal em posição medial apresentaram um encontro consonântico no ataque da segunda sílaba fonética; os dissílabos com supressão da última vogal foram produzidos apresentando em fim absoluto de palavra consoantes não admitidas em posição de coda e os monossílabos fonéticos surgiram com coda ramificada (não permitida em português). Além disso, nesta coda podem surgir consoantes não admitidas nesta posição pela fonologia da língua.

Para além destes aspectos, tentámos também verificar se trissílabos proparoxítonos menos frequentes no uso do quotidiano estariam menos sujeitos ao apagamento de vogais átonas. Relativamente a este aspecto, comprovámos que as palavras pouco frequentes ou desconhecidas dos falantes manifestaram menor número de quedas relativamente às palavras frequentes.

Outra das hipóteses abordadas neste trabalho foi a de que os trissílabos proparoxítonos, por não apresentarem um padrão acentual regular (a acentuação grave), manifestariam a tendência para sofrer uma espécie de regularização acentual, transformando-se em paroxítonos. Os nossos dados, contudo, não nos permitiram comprovar esta hipótese.

Os resultados obtidos no estudo experimental poderão sugerir uma interpretação do apagamento de vogais não acentuadas como um fenómeno variável, que pode ser condicionado por diversos factores.

Visto que a maior parte dos trissílabos fonológicos foi pronunciada apenas com duas sílabas (apresentando, desta forma, diversas consequências a nível da alteração da estrutura das mesmas), cremos que os princípios fonológicos que regem a constituição silábica do português poderiam começar a manifestar uma certa abertura às realizações efectivas dos falantes.

INTRODUÇÃO

0. Introdução.

0.1. Questões introdutórias sobre variação.

O português é uma língua que não apresenta grande variação dialectal¹. No entanto, isto não impede a existência de aspectos variáveis nos dialectos de cada região e mesmo em cada falante particular². Esses aspectos variáveis não conduzem necessariamente à mudança. Algumas formas variantes podem alternar numa determinada comunidade, durante várias gerações, sem que uma delas substitua as outras. Por outro lado, apesar de existir variação sem mudança, a mudança pressupõe sempre variação. Como refere Guy (2003:370), «(...) there is no change without variation. It is absurd to suppose that any speech community ever changes a phonological characteristic, or indeed any feature of language, abruptly, totally, and instantaneously, without passing through a period where what will turn out to be the ‘old’ form and the ‘new’ form are both simultaneously present in the community. Minimally, the variants will be found as features of social or regional dialects, but normally they will also occur as linguistic variables in the usage of each individual in the transitional generations». Assim, ao longo de várias gerações, os falantes podem hesitar entre várias formas. A dada altura, uma das variantes tornar-se-á mais frequente, chegando, por vezes, a substituir as formas concorrentes.

A variação pode ser provocada por vários factores como, por exemplo, a pertença a uma determinada geração, o grupo socioprofissional em que o falante está inserido ou o contacto com outras línguas (Faria, 2003:67). A variação pode ser

¹ Cf. Mateus; Nascimento (orgs.) (2005:19): «As variedades de uma língua não apresentam uma uniformidade interna, mas são constituídas por variantes geográficas que denominamos dialectos. Os dialectos do Português Europeu não são muito distintos entre si, talvez por razões de carácter histórico nas quais ressalta o facto de Portugal ser o país europeu com as fronteiras mais antigas.».

² Cf. Rodrigues (2000:9); Mateus; Nascimento (orgs.) (2005).

geográfica, social ou até mesmo pessoal, de acordo com o estilo de discurso dos falantes individuais e as circunstâncias (formais, coloquiais, ...) em que a fala é produzida (cf. Mateus; Nascimento (orgs., 2005:22). Como nos diz Faria (2003:67), «toda a variação parece assentar num princípio geral de *frequência de uso*». Esta *frequência de uso* está intrinsecamente relacionada com factores sociais, culturais, pessoais, profissionais, geográficos, temporais, ou seja, todos os contextos em que o ser humano se move, em constante interacção com os outros.

Para além destes factores externos à língua, existem ainda causas internas que podem provocar fenómenos de variação como, por exemplo, a supressão de sons favorecida por certos contextos fonológicos.

Ernesto d' Andrade (1994b:18), referindo-se a autores como Saussure, Chomsky ou Martinet, mostra-nos que a variação não merece um relevo de primeira linha na maioria das teorias linguísticas e que, quando é por elas admitida, as abordagens feitas apresentam limitações. Uma das contribuições essenciais prestadas ao estudo da variação, nomeadamente no âmbito da Sociolinguística, esteve a cargo de Labov. Este autor refere que não se pode compreender a mudança que se vai desenvolvendo na língua se não for tida em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre³. A variação está relacionada com o estatuto social e o conceito de *prestígio* tem uma extrema relevância para a propagação de fenómenos variáveis. Além disso, o estudo da variação, assumido como passível de observação e de análise estatística, recebe um novo impulso a partir das investigações de Labov⁴.

³ Cf. Labov (1972:3): «(...) social pressures are continually operating upon language, not from some remote point in the past, but as an immanent social force acting in the living present.»

⁴ Cf. Aitchison (2001:37): «Until relatively recently, the majority of linguists were convinced that language change was unobservable. Most of them simply accepted that it happened, but could never be pinpointed. (...) It happened so slowly and over so many decades that it was quite impossible to detect its occurrence». Aitchinson refere, ainda, o seguinte: «Since the 1970's, linguists have realized that language change is observable, provided one knows where to look. The pioneer in this field is William Labov (...). Labov recognised clearly one important fact: the variation and fuzziness which so many linguists tried to ignore are quite often indications that changes are in progress.» (Aitchinson, 2001:43).

A noção de variação parece opor-se à ideia de língua como sistema absolutamente homogêneo e invariável. Na verdade, apesar de viver de processos regulares e universais, a língua vive também da diversidade e daquilo que é irregular⁵.

0.2. Proposta de trabalho.

Esta dissertação pretende analisar certos fenómenos fonéticos relacionados com a variação, nomeadamente a variação verificada quanto à produção ou supressão das vogais átonas em português europeu e as implicações que daí decorrem, patentes a nível de superfície, para a constituição de encontros consonânticos e reestruturações silábicas.

Para isso, foi gravado e analisado acusticamente um *corpus* formado unicamente por palavras que são fonologicamente trissílabos proparoxítonos, de constituição silábica (C)(C)V.CV.CV(Spl)⁶, com o intuito de verificar se existe actualmente em português a tendência para suprimir foneticamente uma das vogais átonas, ou mesmo ambas, transformando, assim, trissílabos esdrúxulos em dissílabos graves ou, até, em monossílabos. Se tal se confirmasse, seriam, porventura, várias as consequências fonéticas e fonológicas que poderiam advir desse fenómeno. Para além da redução do número de sílabas, a estrutura silábica das formas realizadas como dissílabos e como monossílabos poderá eventualmente sofrer alteração.

Deste modo, os dissílabos formados por apagamento da penúltima vogal fonológica manifestarão a presença de um encontro consonântico: CV.CCV <

⁵ Cf. Santos (2003:20): «A eleição da diversidade linguística como objecto de estudo parece, numa primeira fase, difícil de conciliar com a concepção sistemática da língua, princípio basilar dos diversos estruturalismos e noção fundamental para a constituição da linguística como disciplina científica.»

⁶ Palavras com ataque simples, ramificado ou não preenchido (*júbilo*, *trôpego*; *útero*) e palavras em que a única sílaba fechada admitida é a sílaba final, se terminada em /S/ de plural (*títulos*). Em versão digital não foi possível colocar um acento agudo gráfico sobre o primeiro V. No entanto, note-se que a primeira vogal (V) é a tónica, pelo que se deve subentender a presença de um acento agudo gráfico sobre a mesma.

CV.C(V).CV. Depois de recordarmos, no enquadramento teórico deste trabalho (cf. 1.5.), quais os grupos consonânticos aceitáveis e não aceitáveis em português, e por que princípios fonológicos se rege, nesta língua, a distinção entre encontros permitidos e encontros não permitidos (vd. 1.4.2., onde abordaremos o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança), verificaremos no estudo de campo, apresentado no Capítulo 2, se os encontros consonânticos encontrados na produção fonética da segunda sílaba dos dissílabos graves são maioritariamente ilegítimos ou se respeitam os dois princípios acima referidos.

Um outro tipo de produção constituirá também motivo de estudo: se a vogal não acentuada final for suprimida, os dissílabos originados foneticamente apresentarão consoantes não admitidas, em português, em final de palavra. Mostraremos, relativamente aos constituintes silábicos, quais os segmentos que, nesta língua, podem ocupar a posição de coda (cf. 1.4.1.).

As palavras realizadas como monossílabos, para além de possuírem apenas um segmento vocálico – a vogal tónica –, serão pronunciadas com duas consoantes em final de sílaba, infringindo, desta forma, os princípios fonológicos de estruturação silábica do português (cf. 1.4.1.).

Desta forma, tentaremos perceber se o apagamento de vogais e a adjacência de consoantes se circunscrevem ao nível fonético ou se estará em curso uma reformulação dos princípios teóricos relativamente à estrutura dos constituintes silábicos.

Uma variável que mereceu a nossa atenção prende-se com a frequência de uso: quisemos verificar se palavras mais eruditas e menos frequentes no uso poderão

manifestar menor apagamento de vogais, relativamente às palavras mais comuns, tal como é admitido em Bergem (1995:331) e Aitchison (2001:86-87). Assim, incluímos no nosso *corpus* alguns trissílabos pouco frequentes com o propósito de verificar se estas palavras manifestam a tendência para preservar os seus segmentos vocálicos e, conseqüentemente, o número de sílabas.

Na parte experimental do nosso trabalho tentaremos verificar quais as vogais átonas mais sujeitas ao apagamento, tendo em conta os seguintes aspectos:

- 1) qualidade vocálica;
- 2) posição ocupada pela vogal (segunda e terceira sílabas fonológicas);
- 3) adjacências consonânticas legítimas/ilegítimas. Prestaremos atenção à possível influência que os segmentos consonânticos que ocupam posições contíguas às vogais não acentuadas possam exercer sobre a queda das mesmas. Tal como nos demonstram, por exemplo, G. Viana (1892), Strevens (1954), Companys (1954), A. Andrade (1994a,b), Rodrigues (2000), Bisol (2002), a consoante precedente ou seguinte a uma vogal não acentuada pode contribuir para a sua redução ou apagamento.

Relativamente aos encontros consonânticos, depois de apresentarmos, no enquadramento teórico, os princípios fonológicos que subjazem à admissão de determinadas sequências consonânticas no nível de base do português (vd. 1.4.2.) e de demonstrarmos a perspectiva de alguns autores sobre este assunto (cf. 1.5.), analisaremos os resultados obtidos no estudo experimental, tentando perceber se os trissílabos fonológicos do nosso *corpus* poderão manifestar maioritariamente realizações fonéticas como dissílabos graves, por apagamento da segunda vogal fonológica, com formação de encontro consonântico em interior de palavra. Este

fenómeno sucedeu já em latim, com a passagem de palavras proparoхítonas a paroxítonas, devido ao mesmo fenómeno e dando origem, de igual modo, a grupos consonânticos motivados por essa síncope: *masculu* > *masclu*; *auricula* > *auricla*; *oculu* > *oclu*. (cf. Williams, 1975:64-66; Lausberg, 1981:159; Teyssier, 1980:9, Niedermann, 1953:32; Wireback, 1997:66-69).

Partiu-se do princípio de que o apagamento de vogais não acentuadas é um fenómeno atestado em português e, presumivelmente, em estreita relação com uma multiplicidade de variáveis, tais como o contexto adjacente, factores ligados à familiaridade com certo tipo de palavras ou aspectos pessoais relacionados com cada falante, como, por exemplo, o débito elocucional.

Subjacente a todos estes aspectos encontra-se a questão silábica: os trissílabos proparoхítonos fonológicos de constituição silábica (C)(C)V.CV.CV(Spl)⁷, sendo realizados foneticamente com uma redução do número de sílabas, poderão demonstrar uma variação em curso, no sentido de uma alteração dos princípios fonológicos que regem a constituição silábica do português.

0.2.1. Apresentação dos fenómenos estudados.

Partindo de um conjunto de trissílabos proparoхítonos, com diferentes vogais na segunda sílaba fonológica, foram realizadas três gravações da leitura de um texto, efectuada por três falantes da região do Porto.

⁷ Em versão digital não foi possível colocar um acento agudo gráfico sobre o primeiro V. No entanto, note-se que a primeira vogal (V) é a tónica, pelo que se deve subentender a presença de um acento agudo gráfico sobre a mesma.

Foram escolhidos trissílabos com diferentes vogais pós-tônicas a fim de verificar em quais delas existe maior tendência para a não realização fonética. Na construção do *corpus*, procurou-se também comprovar se a supressão da vogal da segunda sílaba fonológica originária, nas realizações de superfície, encontros consonânticos legítimos e ilegítimos, tendo em conta o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança (vd. 1.4.2.).

Nas secções seguintes, apresentamos um resumo geral de alguns tópicos com relevância para o nosso estudo.

0.2.1.1. Vocalismo átono.

Uma das particularidades do português europeu (PE) é a oposição entre os seus sistemas vocálicos tónico e átono. Quando não recebem acento, as vogais são geralmente afectadas por regras que modificam o seu timbre e diminuem a sua intensidade e duração (cf. Delgado-Martins, 1975:59; Mateus e Delgado-Martins, 1982:115-116; Mateus *et al.*, 2003:1010). Em português, a aplicação das regras do vocalismo átono torna-as mais altas e mais recuadas, como constataremos em 1.3.2. Esta modificação de qualidade vocálica deixa as vogais não acentuadas mais vulneráveis aos fenómenos de redução e de apagamento, já que as vogais átonas altas são as mais sujeitas a estes fenómenos (cf. A. Andrade, 1987:309 e 1994a:1; Mateus e Andrade, 2000:39 e 134) Como se verá ao longo deste trabalho, o comportamento das vogais não acentuadas provoca divergências entre os níveis subjacente (fonológico) e superficial (fonético) do português, relativamente às sequências segmentais. Além disso, o comportamento do vocalismo átono é um dos aspectos responsáveis pelas

diferenças existentes entre o PE e outras variedades do português, como o português falado no Brasil (cf. Mateus e Andrade, 2000:17 e 20; Rodrigues 2000:18).

Neste trabalho serão estudados trissílabos proparoxítonos com as vogais átonas [i], [ɨ] e [u] na segunda sílaba fonológica. Excluimos, nesta posição, a vogal [ɐ] por ser uma das que menos apagamento sofre, como constatamos, por exemplo, em Mateus e Andrade (2000:18, 134). A última vogal das palavras analisadas não foi controlada. Não foi tido em conta, na fase de selecção do nosso *corpus*, o timbre da vogal pós-tónica final: por um lado, supúnhamos, inicialmente, que tais fenómenos se manifestariam de forma mais visível na segunda sílaba fonológica; por outro lado, a exclusão de vocábulos com a vogal [ɐ] em final de palavra restringiria demasiado o nosso *corpus*, já que nesta posição surgem apenas, em português europeu, as vogais [i], [u] e [ɐ] (cf. Mateus e Andrade (2000:18)⁸. No entanto, apesar de, inicialmente, termos atribuído especial relevo à segunda sílaba fonológica, estamos cientes dos fenómenos de variação, desvozeamento ou queda que podem afectar, de um modo geral, o vocalismo átono, motivo pelo qual acabámos por abranger, também, a variação de vogais não acentuadas nesta posição.

0.2.1.2. Grupos consonânticos.

Um grupo consonântico é constituído por uma sequência de consoantes adjacentes na mesma sílaba. Quando não obedecem a certos constrangimentos fonológicos, delimitados pelo Princípio de Sonoridade e pela Condição de

⁸ Mateus e Andrade (2000:18). A vogal átona [i] pode ocorrer em posição final de certas palavras cultas ou importadas, como *táxi* ou *júri*, mas que são excepcionais em português.

Dissemelhança, os encontros consonânticos revelam-se problemáticos em português, causando, por exemplo, dúvidas relativamente à posição silábica que as consoantes devem ocupar⁹. Estes dois princípios, que serão apresentados mais detalhadamente em 1.4.2., restringem a proximidade dos segmentos tendo em conta a noção de sonoridade (cf. Mateus *et al.*, 2003:1040; Vigário e Falé, 1994). Assim, a sonoridade dos segmentos deve aumentar da margem esquerda da sílaba em direcção ao núcleo e diminuir desde o núcleo até à margem direita. Relativamente às consoantes, os elementos que podem ocupar a posição de ataque silábico estão condicionados pelos princípios acima referidos. Deste modo, segundo o Princípio de Sonoridade, a segunda consoante de um ataque silábico deve possuir sonoridade superior à da primeira e, de acordo com a Condição de Dissemelhança, a distância entre a sonoridade de cada consoante deve ser, em português, a máxima possível. Os parâmetros que determinam essa distância serão apresentados em 1.4.2., de acordo com a escala de sonoridade proposta por Vigário e Falé (1994).

Quando estes princípios não são respeitados pela adjacência de certos elementos consonânticos em adjacência, tais agrupamentos tornam-se problemáticos a nível fonológico, nomeadamente na atribuição de posição silábica a cada uma das consoantes que os constituem. Veremos mais detalhadamente, na secção 1.5. deste trabalho, a abordagem que certos autores fazem relativamente a esta questão como, por exemplo, Sá Nogueira (1941), Morais Barbosa (1965), Mateus (1995), Mateus e Andrade (2000), e de que forma as dificuldades causadas por estes grupos são resolvidas em termos fonológicos.

⁹ Cf. Barroso (1999:156-157): «Todavia, a esta evidência intuitiva da sílaba opõe-se (...) a dificuldade de delimitar / estabelecer, com rigor e exactidão, as suas fronteiras. E isto acontece, particularmente, quando se está na presença dos chamados grupos (e/ou encontros consonânticos), sobretudo no interior de unidade acentual. Em alguns destes casos, não há certezas quanto à sua interpretação ou como *coda* da sílaba anterior, ou como *ataque* da seguinte, ou como uma e outra ao mesmo tempo (uns segmentos constituindo uma, outros segmentos formando outro).»

A nível fonético, a grande frequência com que estes encontros problemáticos surgem está directamente relacionada com o apagamento de vogais não acentuadas. Em 1.5.5., mostraremos as repercussões da queda de segmentos vocálicos átonos, especialmente de [i], nas estruturas silábicas do português. A não realização desta vogal, a nível de superfície, provoca o aparecimento de sequências consonânticas longas e irregulares que não respeitam os princípios fonológicos acima referidos.

0.2.1.3. Sílabas.

A sílaba tem recebido tratamentos diversos ao longo do tempo, de acordo com diferentes teorias fonológicas. No entanto, a partir das abordagens multilíneas, a sílaba recebeu um lugar de grande relevo, já que muitos processos fonológicos só podem ser claramente explicitados a partir do constituinte silábico (cf. Kenstowicz (1993:311); Hogg; McCully (1987:31); Goldsmith (1999:185)).

Relativamente às questões que pretendemos estudar neste trabalho, as vogais átonas, ao sofrerem frequentemente queda, desestruturam as unidades silábicas, provocando sequências consonânticas não admitidas no nível subjacente da língua e fazendo diminuir o número de sílabas das palavras (vd. 1.5.5.).

Depois de apresentarmos, em 1.4.1., a estrutura silábica em português e a organização hierárquica entre os seus constituintes, constataremos que, a nível fonético, muitos dos princípios fonológicos que determinam a constituição silábica não são respeitados. Quisemos saber se as formas fonéticas, violando os pressupostos fonológicos estabelecidos para o português, poderão revelar uma reestruturação silábica em curso, com consequências a nível subjacente.

0.2.1.4. Trissílabos esdrúxulos.

O *corpus* utilizado neste estudo é constituído unicamente por trissílabos esdrúxulos fonológicos de estrutura silábica (C)(C)V.CV.CV(Spl)¹⁰, pelas razões anteriormente apontadas. Sendo palavras formadas, a nível subjacente, por três sílabas e, conseqüentemente, por três núcleos silábicos, pretendemos verificar em qual das duas posições, interior ou final, as vogais não acentuadas sofrem queda com maior frequência.

Uma vez que o português é constituído, maioritariamente, por nomes de padrão acentual grave (cf. Pereira, 1999:121), podemos partir do princípio de que, através da supressão de vogais átonas, os nomes esdrúxulos, mais raros nesta língua, poderão manifestar alguma tendência à regularização acentual, transformando-se em graves. Deste modo, trissílabos proparoxítonos de estrutura silábica (C)(C)V.CV.CV(Spl) passariam a dissílabos paroxítonos de constituição (C)(C)V.CCV(Spl), nos quais surgiria um encontro consonântico provocado pela supressão da segunda vogal fonológica.

Apesar de não excluirmos a hipótese de que os trissílabos proparoxítonos se possam transformar, também, em dissílabos graves por apagamento da vogal átona final, a supressão da vogal da penúltima sílaba fonológica coloca determinado tipo de questões que poderão remeter para o problema dos encontros consonânticos a nível fonético e para a tentativa de verificar, caso os resultados do nosso trabalho o comprovem, se este fenómeno será semelhante ao que ocorreu em latim, com a

¹⁰ Em versão digital não foi possível colocar um acento agudo gráfico sobre o primeiro V. No entanto, note-se que a primeira vogal (V) é a tónica, pelo que se deve subentender a presença de um acento agudo gráfico sobre a mesma.

passagem de palavras proparoxítonas a paroxítonas, devido à síncope da vogal átona da segunda sílaba fonológica¹¹.

Além disso, podemos também considerar a possibilidade de estes trissílabos fonológicos perderem não uma, mas as duas vogais átonas, transformando-se, desta forma, em monossílabos fonéticos. Assim, tendo em conta as características próprias das vogais não acentuadas em português e a sua propensão para a queda (cf. 1.3.2.), os trissílabos proparoxítonos que constituem o nosso *corpus* poderão transformar-se foneticamente em dissílabos paroxítonos ou em monossílabos. Mostraremos também as diversas consequências fonéticas que advêm destas transformações: na passagem de trissílabos fonológicos a dissílabos fonéticos graves, verifica-se a perda de uma sílaba, enquanto as duas sílabas que permanecem vêm a sua estrutura alterada.

De facto, o apagamento da segunda vogal fonológica vai provocar o aparecimento de um encontro consonântico em posição de ataque daquela que será a segunda sílaba fonética e, por outro lado, a supressão da última vogal possibilitará a presença em final de sílaba de consoantes não admitidas fonologicamente nesta posição.

Se os trissílabos que constituem o nosso corpus apresentarem realizações fonéticas como monossílabos, surgirão em posição final de palavra sequências de duas consoantes, constituindo codas ramificadas¹².

Todas estas hipóteses serão tidas em conta, já que o fenómeno de apagamento do vocalismo átono, sendo caracterizado por vários autores como assistemático (cf. Rodrigues, 2000:116; Mateus e Delgado-Martins, 1982:111, Veloso, 2003b:262), pode apresentar consequências diversas a nível das representações fonéticas.

¹¹ Ver, por exemplo, o que nos dizem Williams (1975:64-66); Lausberg (1981:159); Teyssier (1980:9), Niedermann (1953:32); Wireback (1997:66-69), a respeito de transformações como *masculu* > *masclu*; *auricula* > *auricla*; *oculu* > *oclu*.

¹² A explicitação destes constituintes silábicos e a forma como se organizam dentro da sílaba será feita em 1.4.1.

0.3. Estrutura da tese.

Depois de uma abordagem introdutória à noção de «variação» e da apresentação sucinta dos aspectos que serão estudados neste trabalho, mostraremos agora de que forma esses aspectos se articulam ao longo deste estudo.

No Capítulo 1 faremos um enquadramento teórico das questões mais relevantes para a compreensão dos fenómenos analisados. Será referida primeiramente a acentuação, vista sobre determinadas perspectivas, para compreender a distinção entre vogais acentuadas e não acentuadas.

Em seguida, apresentaremos os sistemas vocálicos tónico e átono do português, prestando a este último uma particular atenção, já que o tema central do presente estudo diz respeito a várias questões suscitadas pelo comportamento dos segmentos vocálicos não acentuados (como, por exemplo, a variação e a queda) e as respectivas consequências fonéticas (formação de grupos consonânticos; alteração de construções silábicas). Assim, veremos quais as sequências consonânticas aceitáveis em português e a relação que estas mantêm com a estrutura silábica. No Capítulo 1 mostraremos, ainda, perspectivas teóricas relacionadas com a sílaba.

Relativamente aos grupos consonânticos, serão apresentadas as sequências de consoantes que respeitam ou violam os princípios fonológicos que regem a constituição silábica do português, bem como a posição de alguns autores face a esta problemática. De facto, como veremos ao longo de toda a secção 1.5., os encontros consonânticos não conformes ao Princípio de Sonoridade e à Condição de Dissemelhança (princípios que serão apresentados na secção 1.4., juntamente com as questões relacionadas com a sílaba) levantam vários problemas a nível fonético e fonológico, como a dificuldade de

divisão silábica e a criação de pressupostos que permitam a inserção desses segmentos na estrutura silábica de base.

No Capítulo 2 serão apresentadas questões metodológicas, como as hipóteses subjacentes à elaboração deste trabalho, o material linguístico analisado e as características dos informantes.

Nos Capítulos 3 e 4, apresentaremos os resultados e a discussão dos mesmos.

Na III parte mostraremos as conclusões do nosso trabalho, bem como os anexos e a bibliografia.

I PARTE

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1

1. Introdução.

1.1. Enquadramento teórico.

Antes de apresentarmos concretamente os fenómenos sobre os quais incidiu o nosso estudo, torna-se necessário abordar algumas questões teóricas que permitirão explicitar mais adequadamente os resultados obtidos na nossa análise.

1.2. Acentuação.

Aspectos relacionados com a acentuação serão úteis para compreender a distinção entre vogais tónicas e vogais átonas¹. Tenhamos presente a particularidade, muito específica em português, da distinção, nesta língua, entre a abertura das vogais tónicas e a das vogais não acentuadas (cf. Delgado-Martins, 1977:55).

A nível acústico, o acento relaciona-se com a duração, a frequência fundamental, a intensidade e a energia². Como referem alguns autores (cf. Mateus, 1996:195; Barroso, 1999:163; Delgado-Martins, 1989:218; Rodrigues, 2000:68), o acento está relacionado com as noções de *duração* e *intensidade* de uma determinada vogal, tornando uma sílaba mais proeminente. Quando uma palavra é composta por mais do

¹ Cf. Delgado-Martins (1977:15): «La langue portugaise suppose le passage d'un système vocalique à un autre selon le type d'accent.»

² Cf. Lieberman (1975:148); Fox (2000:122); Delgado-Martins (1977:154-155); Mateus (1996:195): «Do ponto de vista fonético, a intensidade está relacionada com a amplitude do som, a duração com o tempo e a altura com a frequência fundamental.»).

que uma sílaba, uma delas apresenta valores de intensidade, altura e duração mais elevados do que as outras³.

Como podemos ver em Moraes Barbosa (1965:219), «a sílaba acentuada não pode ser seguida por mais de duas sílabas não acentuadas à sua direita». Assim, as palavras em português podem ser acentuadas numa das últimas três sílabas: na última (sendo, desta forma, classificadas como agudas ou oxítonas), na penúltima (graves ou paroxítonas) ou na antepenúltima sílaba (esdrúxulas ou proparoxítonas) havendo, no entanto, uma tendência maior para a acentuação grave no léxico do português⁴.

Nesta língua, na maioria dos nomes e adjectivos o acento recai na última vogal do radical, enquanto nos verbos o acento incide geralmente na vogal temática⁵. Como o nosso *corpus* é constituído unicamente por nomes, vejamos o que nos diz a este respeito Pereira (1999:121). Como afirma a autora, o acento em português é morfologicamente condicionado, já que existem nesta língua dois subsistemas acentuais, verbal e não verbal. Assim, verificamos que nos «não-verbos»:

- « i) o acento concerne apenas os radicais, únicos constituintes morfológicos passíveis de os receber;
- ii) os morfemas flexionais são sempre átonos e não manifestam qualquer relevância na sua atribuição;
- iii) o acento é, dentro de certos limites, uma propriedade idiossincrática dos radicais.»

(Pereira, 1999:121)

³ Cf. Ladefoged (2003:90): «The auditory/acoustic consequences of a syllable having received stress in English (and in many languages) are likely to be some combination of increased pitch, length and loudness, with the first two playing the greatest roles.»

⁴ Cf. Barbosa (1965:127): «(...) le type accentuel que l'on peut dire canonique est en portugais celui des mots paroxytons (...).»

⁵ Cf. Mateus *et al.* (1990:354-355). Mateus *et al.* (2003:1052) afirma que nos tempos do Presente o acento recai sempre na vogal do tema (que pode ser a vogal temática ou a vogal do radical, se aquela tiver sido suprimida); nos tempos do Passado o acento incide sempre na vogal temática, enquanto nos tempos do Futuro o acento recai sempre na primeira vogal do sufixo.

Como esclarece a autora, não existem, nos verbos, idiossincrasias acentuais do radical a influenciar a localização do acento (Pereira, 1999:121-122). O acento das formas não-verbais pode ser descrito através de dois padrões: um «padrão normal» (em que «a sílaba acentuada é a última do radical derivacional») e dois «padrões marcados»: um padrão em que «a sílaba acentuada é a penúltima do radical derivacional», e um padrão em que «a sílaba acentuada é a antepenúltima sílaba do radical derivacional» (cf. Pereira, 1999:155).

Cada palavra possui um acento predominante, havendo, no entanto, palavras com acentos secundários. Em português, palavras derivadas com o sufixo *-mente* ou sufixos com *-z-* possuem um acento secundário, que é o acento da palavra primitiva. O acento secundário impede que a vogal acentuada na palavra primitiva seja modificada pelas regras do vocalismo átono quando surge a palavra derivada⁶.

Outra particularidade da acentuação em português é o facto de diferentes posições do acento na palavra permitirem distinguir categorias gramaticais e significados, constituindo pares distintivos como *dúvida/duvida*, *crítico/critico*⁷.

1.3. Caracterização das vogais em português.

Apresentamos, em seguida, o sistema vocálico português, de acordo com as descrições da literatura, feitas relativamente à norma-padrão⁸. Apesar de não ser esta a

⁶ Cf. Mateus *et al.* (2003:1058); Gonçalves Viana (1883: 63).

⁷ Ver, por exemplo, Bergem (1995:356), Delgado-Martins (1988:143 e seguintes) e Rodrigues (2000:68). Morais Barbosa (1965:220) demonstra que o papel do acento em português é essencialmente *contrastivo*, já que o lugar por ele ocupado permite distinguir duas formas idênticas. Segundo Barroso (1999:163-164), a posição do acento desempenha funções linguísticas como a distinção de significados e a marcação de unidades rítmicas. Este autor refere também funções não linguísticas do acento, como a função enfática.

⁸ Cf. Ferreira *et al.* (1996:483): «Entre as variedades faladas num território, uma delas, por diversas razões, pode adquirir maior prestígio e impor-se como *norma* ou *língua padrão*. Os factores que

norma utilizada pelos nossos informantes, baseámo-nos na caracterização feita por autores como Mateus e Andrade (2000).

Centrar-nos-emos apenas no vocalismo oral, já que o vocalismo nasal não será abordado neste trabalho⁹.

Para descrever o sistema vocálico, é necessário ter presente a noção de acento, dividindo as vogais entre tónicas (acentuadas) e átonas (não acentuadas). Como afirma Barroso (1999:117), «o que determina os diferentes inventários vocálicos são as diversas posições que a sílaba ocupa em relação ao acento. Assim, conforme estejamos na presença de uma sílaba portadora de acento ou não, temos, respectivamente, o inventário vocálico acentuado e o inventário vocálico não acentuado.»

Não existe apenas um inventário vocálico em português, mas sim dois. De facto, as vogais tónicas e átonas nesta língua apresentam diferenças que vão muito além da simples atribuição de acento. Como veremos em 1.3.2., o comportamento particular das vogais átonas prende-se ao facto de estes segmentos resultarem da aplicação de regras fonológicas que, na passagem do vocalismo tónico para o vocalismo átono, os torna mais altos e mais recuados (cf. Mateus *et al.*, 2003:1012). Em português europeu, os fenómenos de elevação e recuo das vogais não acentuadas provocam, nestes segmentos, a tendência para a redução e para o apagamento, ao contrário do que acontece, por exemplo, noutras variantes do português (cf. Mateus e Andrade, 2000:17 e 20; Rodrigues, 2000: 18).

determinam essa escolha são normalmente sociopolíticos, históricos, comunicativos e até pedagógicos. Nada, de um ponto de vista estritamente linguístico, leva a que uma determinada variedade seja preferida como norma de uma língua. Só factores extralinguísticos influem nessa escolha. A variedade proclamada padrão funcionará como língua oficial, de cultura, de ensino.»

⁹ Nenhum trissílabo esdrúxulo possui vogal nasal em posição pós-tónica (cf. Pereira, 1999:98). Cf. Mateus e Andrade (2000:22): «It is not possible to have an antepenultimate stressed syllable if the penultimate has a nasal vowel».

1.3.1. Vocalismo tónico.

A duração e a intensidade dos segmentos vocálicos encontram-se relacionadas com a noção de acento¹⁰. Como podemos verificar em Delgado-Martins, 1973:303, «as vogais tónicas portuguesas definem-se acusticamente pelos valores óptimos dos seus formantes e da sua duração (...)»¹¹.

Mateus e Andrade (2000:17) consideram a existência de sete vogais tónicas no nível fonológico: /i/, /e/, /ɛ/, /a/, /ɔ/, /o/, /u/. A nível fonético pode ainda existir a vogal acentuada [ɐ]¹². Estas vogais são classificadas como altas (/i/, /u/), médias (/e/, /o/) e baixas (/ɛ/, /a/, /ɔ/). As vogais /i/, /e/, /ɛ/ são anteriores e /a/, /o/, /ɔ/, /u/ centrais e recuadas.

O vocalismo tónico apresenta-se como estável, ao contrário do sistema vocálico átono, já que as vogais acentuadas não estão sujeitas a redução nem a apagamento (cf. Rodrigues, 2000:15).

Mattoso Câmara (1970:41) refere que a posição tónica é a que nos dá em sua nitidez e plenitude os traços distintivos vocálicos.

Para Moraes Barbosa (1965:12), as vogais acentuadas são distintamente pronunciadas, têm uma estrutura acústica precisa e destacam-se claramente dos sons que as rodeiam, na fala, pela sua intensidade e, sobretudo, pela sua duração relativa, que

¹⁰ Cf. Delgado-Martins (1975:59): «As vogais com maior duração e intensidade são as [+ baixas, -altas] que também são geralmente as que aparecem em posição tónica: [ɛ], [o], [a] com uma ligeira irregularidade quanto à duração do [a]. (...) Pode portanto concluir-se que a intensidade e a duração variam com o grau de abertura e de tonicidade».

¹¹ Não sendo um dos objectivos desta dissertação o estudo do vocalismo tónico, assumimos que «(...) les voyelles inaccentuées ont souvent moins d'intensité et d'énergie (particulièrement les voyelles fermées) que les accentuées (...)» (cf. Delgado-Martins, 1977:55).

¹² [ɐ] ocorre como vogal tónica em certos contextos: antes de consoante nasal resulta da elevação de /a/; antes de consoante palatal e de semivogal resulta de /e/ subjacente (cf. Mateus e Andrade, 2000:19). Como em posição *átona* [ɐ] deriva sempre de /a/, e como em posição *tónica* a ocorrência de [ɐ] é obtida através de regras, «conclui-se que não é necessário introduzir [ɐ] no nível fonológico.» (cf. Mateus *et al.*, 1990:328).

apresenta uma diferença considerável relativamente às vogais não acentuadas. Este autor classifica as vogais acentuadas em três séries (anterior, /i e ε/; central, /a ɐ/; posterior, /u o ɔ/) e quatro graus de abertura, do mais aberto ao menos aberto (/a/, /ε ɔ/, /ɐ/, /e o/, /i u/)¹³.

1.3.2. Vocalismo átono: fenómenos de apagamento.

Quando não recebem acento, as vogais sofrem alterações na intensidade, altura, duração, e também no timbre (cf. Mateus e Delgado-Martins, 1982:115-116; Mateus *et al.*, 2003:1010). Estas modificações fazem com que as vogais não acentuadas sofram facilmente redução ou mesmo apagamento (cf. A. Andrade, 1994b:303; Delgado-Martins *et alii*, 1995/2002: 295 e 299; Leite, 1997:157).

De acordo com Mateus e Andrade (2000:18), quatro vogais podem ocorrer em posição não acentuada: [i], [i]¹⁴, [u], [ɐ]. O sistema vocálico átono tem, assim, apenas dois graus de altura: três vogais altas e uma vogal média. Estas vogais não acentuadas podem ocupar as posições pré-tónica e pós-tónica não-final. Em posição final ocorrem apenas as vogais átonas [i], [u], [ɐ]¹⁵. Segundo interpretações fonológicas como as que encontramos em Mateus *et al.* (2003:1012), é precisamente graças a estas regras que as

¹³ Cf. Barbosa (1965:12): «(...) quatre degrés d'aperture, représentés (du plus ouvert au moins ouvert) par /a/, /ε ɔ/, /e o/, /i u/, /a/ ayant une ouverture comprise entre celles de /ε ɔ/ et de /e o/.»

¹⁴ Esta vogal pode também ser representada por [ə] em textos menos recentes (ver, por exemplo, Barbosa (1965); Companys (1954); Strevens (1954); Mateus e Delgado-Martins (1982).

¹⁵ A vogal átona [i] pode ocorrer em posição final de certas palavras cultas ou importadas, como *táxi* ou *júri*, mas que são excepcionais em português.

vogais átonas se restringem às vogais altas e médias acima referidas e que seriam, assim, o resultado de um processo fonológico de elevação e centralização/recuo.

Autores como A. Andrade (1987:309 e 1994a:303) e Mateus e Andrade (2000:39 e 134) concordam com o facto de que as vogais átonas do português, especialmente as altas não anteriores, podem ser reduzidas ou não ser realizadas foneticamente¹⁶. Este fenómeno apresenta-se como uma particularidade do português europeu, residindo aqui uma das principais diferenças, a nível fonético e fonológico, entre esta variedade e o português do Brasil.

Morais Barbosa (1965:11 e seguintes) refere a dificuldade que os estrangeiros que estudam português têm em compreender uma conversa entre nativos portugueses, devido ao apagamento de vogais e, conseqüentemente, de sílabas¹⁷. Este fenómeno está relacionado com o facto de, em português europeu, as vogais não acentuadas terem, como afirma o autor, uma duração relativamente breve.

Mattoso Câmara (1970:43) faz referência à alofonia que resulta das posições átonas e apresenta as diferenças que existem entre o vocalismo do português europeu e o do português brasileiro, considerando que a característica principal das posições átonas é a redução do número de fonemas¹⁸.

O fenómeno de mudança de timbre vocálico na passagem do vocalismo tónico para o átono é também referido por Louro (1954:236): «em português, as vogais *tónicas*

¹⁶ Como se pode verificar, por exemplo, em Rodrigues (2000:18), «o vocalismo átono do PE é conhecido por ser muito vulnerável a processos de enfraquecimento (entre os quais processos como a elevação e a centralização, o desvozeamento e a queda de certas vogais), ao contrário de outros tipos de português, nomeadamente o falado no Brasil. Muitas palavras ficam reduzidas, em termos vocálicos, no nível fonético à vogal acentuada, ainda que a nível fonológico contenham diversas vogais».

¹⁷ Cf. Moraes Barbosa (1965:13): «(...) on comprend que le portugais se présente à un étranger comme une langue où le nombre de consonnes l' emporte de très loin sur celui des voyelles et où la plupart des phrases paraissent réduites à leur squelette consonantique, entrecoupé çà et là par une voyelle accentuée ou, plus rarement, par une voyelle inaccentuée échappant à une telle 'réduction'».

¹⁸ «(...) mais de uma oposição desaparece ou é suprimida, ficando para cada uma um fonema em vez de dois. É o que Troubetzkoy tornou um conceito clássico em fonologia com o nome de 'neutralização'» (Mattoso Câmara, 1970:43).

*ásperas*¹⁹ ao passarem a *átonas* (na flexão ou nos derivados) mudam geralmente de valor: *á*, *á* e *æ* > *æ* (raras vezes *a*); *é* e *é* > *ə* ou *i* (raras vezes *e*); *ó* e *ó* > *u* (escrito *o*), raras vezes *o* ou *o*. Só o *í* e o *ú* conservam geralmente o mesmo timbre, dando respectivamente *i* e *u*»²⁰.

Apesar de frequente, a queda do vocalismo átono caracteriza-se por uma grande assistematicidade e irregularidade, necessitando de um maior número de estudos para obter conclusões mais rigorosas sobre este fenómeno (cf. Mateus e Delgado-Martins (1982:111); Veloso (2003 b:262)).

1.3.3. Vogais mais sujeitas a apagamento.

Uma das vogais referidas como mais frequentemente apagada é a vogal átona [i]²¹. Isto deve-se, em parte, às características da própria vogal, que possui baixa intensidade e breve duração²², e não pode ser nasalizada²³. Além disso, os contextos em que esta vogal ocorre são mais restritos, já que [i] surge apenas em sílabas não

¹⁹ Louro (1954:243) classifica as vogais *a*, *e*, *o* como *ásperas* e *i*, *u* como *doces*.

²⁰ Estas vogais possuem, no original, alguns acentos e símbolos gráficos que não foi possível colocar na versão digital. Sugerimos que se proceda à consulta da respectiva referência bibliográfica para a visualização dos mesmos.

²¹ Cf. A. Andrade (1994b:303): «De entre todas as vogais, o ‘e mudo’ é indubitavelmente a mais instável, a mais sujeita a não ter manifestação fonética própria.». Sobre este assunto ver também Mateus e Andrade (2000:39).

²² Estes aspectos dificultam muitas vezes o reconhecimento da ausência ou presença de [i] a nível perceptivo e, até acústico, como se pode verificar em Mateus e Delgado-Martins (1982:112).

²³ Esta vogal nunca se encontra presente nos sistemas vocálicos nasais apresentados, por exemplo, por Morais Barbosa (1965:81), Mateus e Andrade (2000:18) e Gonçalves Viana (1883:1).

acentuadas, entre consoantes (C-C), entre consoante e final de palavra (C-#), e não pode ocupar a posição de início absoluto de palavra²⁴.

Como podemos verificar, por exemplo, em Mateus *et al.* (1990:325), pelo facto de apenas surgir em posição átona, esta vogal é sempre resultado da aplicação de uma regra, sendo a realização de superfície das vogais subjacentes /e/ e /ɛ/, e não fazendo parte, por esse motivo, do nível fonológico do português²⁵. Em discurso rápido, [i] é geralmente suprimido, apesar de muitas vezes ser relevante para o estabelecimento de distinções entre palavras como *inquilino/inclino*, *feri-o/frio*. Autores como Morais Barbosa (1965:13), Gonçalves Viana (1883:4), Mateus e Delgado-Martins (1982:119) fazem também referência a esta particularidade de [i]. No entanto, apesar de ser, como se verificou acima, uma das vogais mais frequentemente elididas, [i] pode também ser uma vogal de apoio ou uma vogal epentética²⁶.

Outra das vogais átonas que sofre com bastante frequência apagamento é a vogal [u], principalmente quando se encontra em posição final de palavra ou quando segue uma labial (*f(o)nologia*; *f(u)turo*)²⁷. As vogais átonas das sílabas finais, que correspondem a uma diminuição de intensidade, altura e duração, ficam sujeitas a redução mais facilmente do que as pré-tónicas. Mateus e Andrade (2000:32) consideram

²⁴ «Excepto diante de uma coronal contínua, em situações de enunciação particulares», como refere A. Andrade (1994a:304). Estas situações envolvem, segundo a autora, silabação ou ênfase (uma palavra pronunciada geralmente como [ˈʃpasu] pode, em certas circunstâncias, ser produzida como [iʃˈpasu]).

²⁵ Em certas condições excepcionais, [i] pode surgir em sílaba tónica (cf. Morais Barbosa, 1965:218; Gonçalves Viana, 1892:84). Verificamos em Veloso (2003b:264-265) que as realizações fonéticas de [i] existentes em várias palavras do PE não se podem explicar somente a partir da elevação e recuo de /e/ ou /ɛ/ átonos (por exemplo, formas enclíticas como «que», «de», e todas as formas nominais terminadas ortograficamente em «-e»).

²⁶ Cf. A. Andrade (1994b:304); Barbeiro (1986:79-81); Freitas (2002:100); Mateus e Delgado-Martins (1982:111): «É possível afirmar que palavras como *amor* manifestam por vezes, a nível oral, um [i] bem nítido em posição final, embora na escrita essas palavras terminem em consoante». Além disso, esta vogal é muitas vezes inserida entre sequências de consoantes (f[i]llor), como se verá mais à frente, quando abordarmos os grupos consonânticos (vd. 1.5.). Delgado-Martins (1994:322) refere que esta vogal pode estar a sofrer mais acrescentos do que quedas, devido às reestruturações silábicas efectuadas pelos falantes.

²⁷ Cf. Mateus e Andrade (2000:134).

que as vogais átonas [i] e [u] em posição final de palavra são frequentemente apagadas no discurso coloquial, enquanto [ɐ] nunca é apagada.

Apesar de a queda de vogais átonas poder estar relacionada, como afirmam alguns autores, com o contexto fonológico adjacente (veja-se o ponto 1.3.4. deste trabalho) ou com aspectos prosódicos, este fenómeno, apesar de frequente, não é sistemático. Sobre a queda de [u] final, vejamos o que afirma Rodrigues (2000:116): «aparentemente, todos os falantes podem optar por produzir ou não a vogal, em muitos contextos. Além da queda da vogal, pode ocorrer desvozeamento, semivocalização, queda de toda a sílaba ou apenas da consoante sonante de um ataque complexo da sílaba final em que a vogal se encontra».

Ellison e Viana (1996:262-266) apresentam-nos algumas conclusões relativamente ao antagonismo e elisão de vogais não acentuadas em PE. Em posição final de palavra, uma vogal átona pode ser suprimida se a palavra seguinte começar também por vogal átona (*torre azul*), o mesmo não sucedendo se a palavra seguinte for iniciada por vogal tónica (*salto alto*), para não provocar um antagonismo acentual. Estes fenómenos estão condicionados com a qualidade das vogais, que pode favorecer ou não a elisão. Assim, «quando a vogal final da primeira palavra é um [i], este é elidido mesmo quando daí resulta um antagonismo acentual. A elisão não ocorre contudo quando esta vogal é um [u]. O efeito da qualidade da vogal manifesta-se também, mesmo quando não são criados antagonismos acentuais (...). Neste caso, as vogais átonas [+altas] que ocorrem na mesma posição não são realizadas foneticamente, ao passo que a vogal [ɐ] tende claramente a ser preservada», como se pode verificar em *fog(o) apagado, torr(e) amarela, casa escura*.

Relativamente à vogal átona [i], Gonçalves Viana (1883:29; 1892:56) refere que, em palavras cujas sílabas consecutivas possuam a vogal *i* (*ministro, militar, dividir*,

ridicularia), o primeiro *i* será pronunciado como [i], se a consoante seguinte não for palatal. O autor apresenta também as principais exceções a esta redução do [i] átono.

Andrade e Mascarenhas (1995) consideram a alternância de [i] átono com «e mudo» e zero como fenómenos variáveis, dependentes de dois contextos: consoante palatal à direita e sequências de sílabas com mais de um [i] em interior de palavra.

1.3.4. Contexto fonológico:

1.3.4.1. Há consoantes que favorecem a queda de vogais?

Parece haver contextos que induzam à ocorrência da vogal e outros em que a vogal apresentará tendência para não ser realizada²⁸. Vejamos o que nos dizem alguns autores relativamente à influência que o contexto fonológico adjacente pode exercer sobre a queda de vogais não acentuadas.

De acordo com Stevens (1954:7), o contexto fonético provoca geralmente a modificação da qualidade das vogais, especialmente em sílabas não acentuadas (por exemplo, as vogais tornam-se mais fechadas e recuadas quando seguidas de [l] ou [u])²⁹. Stevens (1954:15) afirma, também, que as vogais podem ser completamente ou parcialmente desvozeadas em português. Segundo este autor, o desvozeamento ocorre

²⁸ A. Andrade (1994b:306) afirma em rodapé: «O facto de a hiper-generalização da ausência do «e mudo», como acontece no português falado por alguns estrangeiros, ser sentido como não-nativo, é um indicativo de que existem condições em que a vogal tem de ser realizada.». Mateus e Delgado-Martins (1982:112) referem também este aspecto da pronúncia de falantes estrangeiros: «(...) por observação própria ou advertência de outrem, procuram suprimir as vogais átonas [i] e [u] ao exprimirem-se em português: torna-se então bem evidente o carácter artificial, ‘estrangeirado’ e mesmo ridículo dessa forma de falar.»

²⁹ Este fenómeno pode acontecer devido às características de [u], que é recuado, e de [l] em final de palavra ou de sílaba, que se torna recuado quando sofre velarização.

geralmente em sílabas finais não acentuadas, quando a vogal é precedida por uma oclusiva não vozeada; porém, em discurso rápido, o desvozeamento de vogal pode ocorrer em qualquer sílaba não acentuada, seguida ou precedida de uma consoante surda (não necessariamente uma oclusiva).

Company's (1954:113), no seu estudo sobre o ensurdecimento de vogais átonas finais depois de consoante surda, obtém os seguintes resultados: «Tout cela nous semble de nature à nous renforcer dans notre opinion que la norme consiste, en portugais parlé, à assourdir le [-ə] final après consonne sourde; à conserver –a sonore dans la plupart des cas et à assourdir ou non le [-u] final.» No entanto, o autor reconhece que seria necessário estudar um número significativamente maior de casos para atingir resultados mais conclusivos (Company's, 1954:115).

Rodrigues (2000:86), no seu estudo sobre a variação nas cidades de Lisboa e Braga, afirma que alguns contextos fonéticos podem inibir o apagamento de vogais átonas como, por exemplo, uma soante em coda e a posição inicial³⁰. A autora conclui que a queda de [u] final (/o#/) depende da natureza (consonântica ou vocálica) do segmento seguinte. Os seus resultados (Rodrigues, 2000:117-124) indicam que existe mais queda de [u] final se o segmento seguinte for uma vogal e que há maior tendência para o [u] final ser mantido antes de pausa do que antes de C ou V. Relativamente a /u/ não final, o fenómeno de queda apresenta maior ocorrência em sílabas simples do que complexas. Como a autora afirma, a supressão de vogais átonas em sílabas complexas originaria sequências consonânticas mais longas do que as permitidas para o português e ainda mais complexas do que as que ocorrem foneticamente devido à queda de vogais

³⁰ Cf. Rodrigues (2000:86). Em certos contextos, as regras do vocalismo átono (elevação e recuo) podem não ser aplicadas, o que impede a queda dessas vogais: antes de /l/ em final de sílaba ([ɫ]); em início absoluto de palavra, em palavras com sufixos iniciados por –z (-zinho, -zita, etc.) e com sufixos –mente; e, ainda, quando as vogais pertencem a ditongos decrescentes (*bairro*). Além destas exceções contextuais, existem também exceções cuja causa é histórica (*invasor*, *adoptar*). Sobre esta questão, cf. Mateus *et al.* (2003:1013-1016).

átonas em sílabas CV. Assim, o tipo de sílaba em que a queda da vogal /u/ pode dar-se mais vezes é «CV seguido de consoante» (Rodrigues, 2000:153-154).

Relativamente à vogal átona final [i], proveniente de /e#/ (Rodrigues (2000:159 e seguintes) conclui que a vogal terá grandes probabilidades de ser realizada nos seguintes contextos (apresentados por ordem decrescente): antes de pausa, em sílaba de ataque simples com consoante sonante, em sílaba de ataque simples com obstruinte vozeada. Por outro lado, o apagamento de [i] final será favorecido pela presença de uma vogal à direita, presença de uma vogal à esquerda (como, por exemplo, *série*), sílabas de ataque ramificado e sílabas de ataque simples com consoante não vozeada.

Gonçalves Viana (1892:57) refere também a influência da consoante anterior sobre certos segmentos vocálicos, afirmando que o *o*³¹ final precedido de consoante surda é «proferido em segredo, ciciado».

Estes autores parecem manifestar um consenso relativamente à sonoridade da consoante à esquerda da vogal átona: existe tendência para queda depois de consoante surda. Este argumento é reforçado por A. Andrade (1994a:2): «Do ponto de vista segmental, os contextos de obstruintes não vozeadas são universalmente condições que favorecem a lenição vocálica». Gonçalves Viana (1883:4) dá-nos a indicação de que a vogal [i] (símbolo não usado, naturalmente, por Gonçalves Viana) não é, geralmente, pronunciada entre duas consoantes surdas diferentes.

Relativamente ao apagamento da vogal pós-tónica não final, Bisol (2002:105-106) parte do pressuposto de que as líquidas constituem um dos contextos mais favorecedores à queda da vogal nessa posição. Isto pode estar relacionado com o facto de, em português, a formação de ataques complexos ser permitida, desde que a segunda

³¹ Esta vogal possui, no original, um símbolo gráfico que não foi possível colocar na versão digital. Sugerimos que se proceda à consulta da respectiva referência bibliográfica para a visualização do mesmo.

consoante seja uma líquida. Como a vibrante é «formadora de ataque complexo melhor do que a lateral», ela provoca mais apagamento.

Outro factor que parece propiciar a queda de [ɪ] é-nos apresentado por Aitchison (2001:86-87), relativamente ao inglês. Em palavras cuja primeira sílaba não é acentuada (por exemplo, em alguns nomes de meses do ano) se essa sílaba estiver seguida de consoante simples, a vogal que nela se encontra será, normalmente, reduzida a «schwa» (como se verifica, por exemplo, em *November, December*). Se a vogal não acentuada for seguida de duas consoantes, ela será mantida com as suas características originais, em palavras como *September, October*. No entanto, este fenómeno parece estar a alastrar-se, abrangendo algumas palavras cuja primeira sílaba é seguida de duas consoantes. Isto verifica-se em palavras como *mistake e mosquito*, enquanto em palavras de estrutura semelhante mas menos comuns, como *mistook e muscology*, a vogal é mantida. Esta diferença de pronúncia pode estar relacionada com a frequência de uso.

1.3.4.2. O apagamento de vogais provoca alterações no contexto fonológico adjacente?

Como temos vindo a constatar, as vogais em posição átona podem sofrer frequentemente queda ou perder parcialmente algumas das suas características. Estes fenómenos provocam muitas vezes algumas modificações nos segmentos que as seguem ou as precedem.

Company's (1954:114) afirma que, quando o final de uma palavra é destituído de sonoridade, podem ser vários os efeitos que o ensurdecimento ou a queda de vogal provocam sobre a consoante anterior. Assim, palavras como *gratuito* e *triunfo* apresentam um «sopro surdo» antes da vogal final (os falantes aspiram a consoante que precede a vogal desvozeada). Em palavras terminadas em ‘-e ortográfico’, a vogal final é substituída por um alongamento da consoante precedente, se essa consoante for uma fricativa.

Delgado-Martins (1996:258), num estudo sobre redução vocálica, faz referência à transferência progressiva «de certaines qualités vocaliques sur la consonne fricative («burst de voisement» et zones de fricatisation «formantiques»)). Ce phénomène pourrait expliquer acoustiquement la perception de la présence vocalique quand la voyelle en soi est acoustiquement non réalisée».

A. Andrade (1996:155-186) conclui, no seu estudo sobre consoantes oclusivas, que a queda de vogais não acentuadas pode modificar o contexto segmental adjacente, provocando o alongamento da consoante precedente. Os dados acústicos que a autora obteve relativamente a obstruintes simples indicam que, em posição final, a duração do período de oclusão de [t] e de constrição de [s] é menos longo se a consoante for seguida de [v] do que quando a consoante não é seguida de vogal, já que a preparação para o vozeamento se inicia bastante cedo. Quando não existe vozeamento final, ou seja, quando a consoante é seguida de «e mudo», a duração consonântica é mais longa³². Em palavras com oclusivas surdas em posição medial, como «adaptaram» e «atapetaram», apesar de a vogal não ser realizada entre duas consoantes oclusivas surdas, verifica-se maior intensidade da explosão da labial em [pít]. Isto pode significar que os falantes

³² Cf. A. Andrade (1996:163): «A duração consonântica tende a ser um pouco menor quando a realização vocálica tem lugar do que na sua ausência.»

realizam de forma distinta os dois grupos consonânticos, mesmo que a vogal não seja pronunciada, devido à consciência que eles parecem ter da presença ou ausência da vogal fonológica.

Morais Barbosa (1965:13) refere que, relativamente às vogais não acentuadas [i] e [u], existe uma transferência dos seus traços acústicos sobre a consoante precedente ou seguinte. O /u/ final de palavras como *gato* ou *uso* é muitas vezes representado, em registo rápido, sob a forma de uma labialização da consoante precedente. Se a consoante for já, por sua natureza, labial, essa labialidade será reforçada.

A modificação do contexto adjacente devido a apagamento de vogal é também indicada por Gonçalves Viana (1892:57) relativamente às consoantes surdas que precedem a vogal *e*. Se a consoante for explosiva, sofre aspiração. Nestes casos, *e* suprime-se, permanecendo apenas a aspiração da consoante («assim *bofe*, *passe*, *tape*, *sete*, *fique*, lêem-se *bòf*, *pàç*, *tàp*, *sèt*, *fiq*»³³). Relativamente à quantidade prosódica, a supressão de [i] em final de palavra provoca também o alongamento de consoantes quando estas são seguidas (devido à queda da vogal átona) por outra palavra começada por consoante homorgânica. Deste modo, «na fala usual e descuidada (...) *a vontade de Deus* pronuncia-se *avõntáddêus*»³⁴ (Gonçalves Viana, 1892:83).

³³ Estas consoantes possuem, no original, alguns símbolos gráficos que não foi possível colocar na versão digital. Sugerimos que se proceda à consulta da respectiva referência bibliográfica para a visualização dos mesmos.

³⁴ Estas vogais possuem, no original, alguns símbolos gráficos que não foi possível colocar na versão digital. Sugerimos que se proceda à consulta da respectiva referência bibliográfica para a visualização dos mesmos.

1.4. Descrição da sílaba em Português.

1.4.1. Perspectivas teóricas.

É geralmente admitido que todos os falantes da língua ostentam alguma forma de intuição silábica (cf. Barbeiro, 1986:156; Barroso, 1999:154; Blevins, 1995:209-210; Ladefoged, 2001:229-230; Mateus e Andrade, 2000:38; Rodrigues, 2000:97; Veloso, 2003a:82-85). Parece haver uma capacidade relativamente fácil de identificar as sílabas das palavras, por parte dos falantes nativos. Além disso é possível manipular ludicamente as estruturas silábicas (como se verifica, por exemplo, nas lengalengas ou em jogos de palavras) e também experimentalmente, em tarefas induzidas.

Em português existem os seguintes tipos silábicos: V; CV; CCV; VC; CVC; CCVC. A sílaba CV é a que predomina em todas as línguas do mundo³⁵, sendo por isso designada, também, como «sílabas básica» ou «não marcada»³⁶.

A sílaba é composta por elementos que se organizam numa estrutura hierárquica³⁷. Vejamos que elementos são esses e como se organizam entre si.

O ataque é constituído por uma ou mais consoantes à esquerda do núcleo. Um ataque simples possui apenas uma consoante e todas as consoantes podem ocupar a posição de ataque de sílaba em português, à excepção de [r] no início de palavra³⁸. O ataque pode ser também complexo, ou ramificado, se for constituído por sequências consonânticas. No entanto, estas sequências encontram-se sujeitas às restrições da língua, como se poderá ver nos grupos 1.4. e 1.5.3 deste trabalho.

³⁵ Mateus (1996:176); Barbeiro (1986:77); Blevins (1995:217).

³⁶ Vigário e Falé (1993:466) comprovam que as palavras mais frequentes do português são constituídas predominantemente por sílabas não marcadas (ou porque essas sílabas são «originalmente» simples, ou porque a grande frequência de uso favorece a regularização).

³⁷ Cf. Durand (1990: Cap. 6); Blevins (1995:212-213).

³⁸ As consoantes [ʎ] e [ɲ] podem ocupar a posição de ataque em início absoluto de palavra, mas muito raramente.

Outro dos constituintes silábicos é a rima, que forma com o ataque uma estrutura ramificada binária. A rima é obrigatoriamente constituída por um núcleo e por uma coda, que pode ser segmentalmente preenchida ou vazia. O núcleo é composto, em português, por uma vogal³⁹. Ele é o elemento central da sílaba, sendo a única posição obrigatoriamente preenchida. Em português, todas as vogais orais e nasais podem ser núcleo de sílaba. Para além de núcleos simples, formados apenas por uma vogal, existem núcleos complexos ou ramificados, constituídos por um ditongo decrescente (vogal+semivogal).

A coda é formada por uma consoante à direita do núcleo; não é de preenchimento obrigatório em português e é sempre não ramificada, apresentando apenas um segmento⁴⁰. Relativamente à coda, só um número muito reduzido de consoantes pode ocupar esta posição, em grande parte das línguas do mundo. Em português, apenas duas líquidas e uma fricativa, com diferentes realizações fonéticas, podem ser coda de sílaba: /l/, /r/, /s/⁴¹.

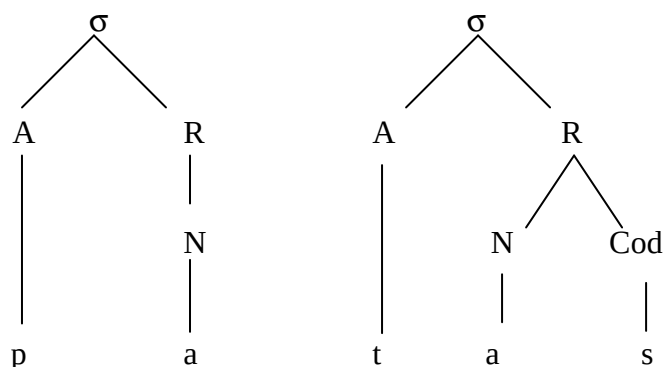
A estrutura da sílaba é representada da seguinte forma:

³⁹ Mateus e Andrade (2000:46): «In Portuguese there are no syllabic consonants. The rhymes of Portuguese syllables always have a nuclear vowel and all vowels can be syllable nuclei. They are the only indispensable elements in the syllabic parsing.» No entanto, existem línguas em que certas consoantes, normalmente as líquidas, podem constituir núcleos silábicos, como por exemplo o sérvio (exs.: *škrt* «avarento»; *čvrst* «estável»).

⁴⁰ Apesar de haver palavras que possuem foneticamente mais do que uma consoante em coda (*abstrair*, *perspectiva*), a nível fonológico as duas consoantes pertencem a sílabas distintas já que, entre elas, existe um núcleo vazio (cf. Mateus e Andrade 2000:53).

⁴¹ Para além destas consoantes fonológicas em coda, alguns autores consideram também a existência do arquifonema nasal /N/ (Barbosa: 1965; Barroso: 1999, Câmara:1970). Veja-se, ainda, a posição de Barbosa (1965:183) relativamente à classificação de /j/ e /w/ como consoantes possíveis em final de sílaba.

(1) Representação das duas sílabas da palavra patas:



(Mateus *et al.*, 2003:1039)

σ = Sílabas;

R = Rima;

Cod = Coda

A = Ataque;

N = Núcleo;

Segundo Mateus e Andrade (2000:58-59), todas as sílabas do português possuem um ataque e uma rima, mesmo que um deles (mas não ambos) não esteja preenchido⁴².

Dentro da descrição estruturalista, Mattoso Câmara (1970:53) considera que a sílaba, quando completa, é marcada por uma fase «ascensional» (*active*), por um momento de plenitude (*ápice*) e uma fase de «descensão» (*declive*). Ao *ápice* (o centro da sílaba) corresponde geralmente a emissão de uma vogal (fonema silábico), sendo as consoantes elementos marginais.

⁴² Isto acontece, por exemplo, em palavras iniciadas por certas vogais não acentuadas (*Elvira*, *elefante*) que parecem não estar sujeitas às regras do vocalismo átono. As vogais fonológicas não acentuadas /e/ e /ε/ são foneticamente [i] em posição final e interior de palavra. No entanto, isto não sucede em posição inicial, já que /e/ e /ε/ subjacentes ocorrem foneticamente como [ε] quando a coda é /l/ e apresentam variação entre [i] e [e] nos restantes casos. Este fenómeno deve-se, provavelmente, ao facto de estas sílabas em início de palavra possuírem um ataque vazio, que não permite a aplicação das regras do vocalismo átono, impedindo, assim a ocorrência de [i] nesta posição. Mesmo que, foneticamente, o ataque esteja vazio, ele encontra-se preenchido a nível fonológico (cf. Mateus e Andrade: 2000:58-59).

1.4.2. Princípio de Sonoridade e Condição de Dissemelhança.

Existem, a nível subjacente, determinados constrangimentos à estruturação silábica. Esses princípios determinam quais os segmentos que podem ocupar determinadas posições dentro da sílaba (Vigário e Falé, 1994:472-477).

O Princípio de Sonoridade é apresentado, numa adaptação ao português, em Mateus *et al.* (2003:1040) da seguinte forma: «A sonoridade dos segmentos que constituem a sílaba aumenta a partir do início até ao núcleo e diminui desde o núcleo até ao fim». De acordo com este princípio é estipulada uma ‘Escala de Sonoridade’, que apresenta os segmentos por ordem crescente de sonoridade: consoantes oclusivas (não-vozeadas, vozeadas) < fricativas (não-vozeadas, vozeadas) < nasais < líquidas (vibrantes, laterais) < glides < vogais (altas, médias, baixas)⁴³.

Goldsmith (1990:110) faz referência ao desacordo que se verifica, muitas vezes, em relação aos segmentos que podem surgir nas posições de ataque e coda, e em que ordem devem aparecer, afirmando em seguida que este problema pode ser minimizado recorrendo ao Princípio de Sonoridade. Goldsmith afirma também que o Princípio de Sonoridade é visto como condição necessária para a silabificação básica, e não como uma afirmação universal de sílabas possíveis em qualquer língua.

Para além do Princípio de Sonoridade, existe outro princípio que impõe restrições à adjacência de segmentos dentro da mesma sílaba. Segundo a Condição de Dissemelhança, dois segmentos contíguos devem possuir entre si uma certa distância, em termos de sonoridade. Em português essa distância deve ser a máxima possível⁴⁴. Desta forma, um grupo consonântico constituído por uma oclusiva e uma líquida é aceitável, mas o mesmo não sucede, por exemplo, entre uma oclusiva e uma fricativa.

⁴³ Mateus *et al.* (2003:1040).

⁴⁴ Mateus *et al.* (2003:1041).

De igual forma, sons adjacentes na escala de sonoridade não podem constituir, entre si, grupos consonânticos.

No entanto, como a Escala de Sonoridade não estipula a distância de sonoridade que deve existir entre os segmentos contíguos, Vigário e Falé (1994) propõem uma quantificação dessas distâncias, construindo uma Escala de Sonoridade Indexada para o português:

(2) Escala de Sonoridade Indexada ao Português

OCL.	[-voz]	0.5
	[+voz]	1
FRIC	[-cor] [-voz]	1.5
	[+voz]	2
	[+cor] [-voz]	2.5
	[+voz]	3
NAS		3.5
LÍQ. LAT.		5.5
VIB.		6
VOG.		10

(Vigário e Falé, 1994:474)

A partir desta escala, as autoras formulam uma Condição de Dissemelhança baseada nos seguintes termos (em que o valor de 4 é calculado com base na Escala reproduzida em (2)):

«Condição de Dissemelhança

Os segmentos adjacentes numa mesma sílaba têm de ter entre si uma diferença de sonoridade igual ou superior a 4 [...], sendo sempre preferível um valor superior e sendo sempre marcada (ou impossível) uma sequência com um valor inferior.»

(Vigário e Falé, 1994:474)

Apesar de estes princípios estabelecerem as regras de constituição silábica, eles sofrem inúmeras violações a nível fonético. Desta forma, parte-se do pressuposto de que eles actuam na silabificação de base, ou seja fonológica⁴⁵. Ao serem constantemente postos em causa pelas manifestações superficiais, tais princípios teóricos não reflectem as sequências que são efectivamente realizadas pelos falantes.

A disparidade verificada entre os conceitos fonológicos e os dados concretos da fala torna esta questão problemática. Como refere Delgado-Martins (1994:316-317), «será o princípio da sonoridade dependente das possibilidades articulatórias de produção de sons, neste caso sequenciais, e então o princípio não pode ser violado enquanto constrangimento fisiológico que determina a possibilidade de produção articulatória das sequências? Pode o princípio de sonoridade, a nível fonológico, ser diferente do fonético mas, então, poderá a análise fonológica admitir a violação de princípios por ela própria estipulados?». Mais à frente, a mesma autora refere o seguinte: «Mas, se a fonologia não se basear em dados de fala e admitir princípios não determinados por parâmetros fonéticos, deverá então permitir a violação dos princípios que ela própria estipula?» (cf. Delgado-Martins, 1994:318).

⁴⁵ Ver Mateus e Andrade (1998:284).

1.5. Caracterização de grupos consonânticos (nível fonológico e fonético).

Apresentamos, de seguida, alguns pressupostos teóricos relativos à caracterização de grupos consonânticos. Relembramos que um dos objectivos do nosso estudo se prendia à tentativa de confirmar a hipótese de que o contexto consonântico pode favorecer ou inibir a supressão vocálica.

1.5.1. Grupos consonânticos «próprios» / «legítimos».

No nível fonológico do português, um grupo consonântico em posição de ataque ramificado é constituído por duas consoantes adjacentes na mesma sílaba. Como demonstrámos em 1.4.2. existem dois princípios que restringem a contiguidade de segmentos dentro de uma sílaba: o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança. Como a sonoridade deve crescer desde o início da sílaba até ao núcleo, os ataques devem ser constituídos por duas consoantes com sonoridade crescente entre si e essa distância deve ser a máxima possível na escala de sonoridade. Os grupos consonânticos a seguir apresentados respeitam estes dois requisitos pois, para além de a sonoridade aumentar da primeira para a segunda consoante, a distância entre elas respeita a Escala de Sonoridade Indexada proposta por Vigário e Falé (1994:474).

Vejamos, então, quais os grupos consonânticos aceitáveis em português, em início e interior de palavra, de acordo com Mateus e Andrade (2000:40-41):

(3)

(a) Oclusiva + Vibrante:

Início de palavra Meio de palavra

[pr]	prato	[pr]	comprar
[br]	branco	[br]	abraço
[tr]	trapo	[tr]	retrato
[dr]	droga	[dr]	síndrome
[kr]	cravo	[kr]	acre
[gr]	graça	[gr]	regra

(b) Oclusiva + Lateral:

Início de palavra Meio de palavra

[pl]	plano	[pl]	repleto
[bl]	bloco	[bl]	ablução
*[tl]		[tl]	atleta
*[dl]		*[dl]	
[kl]	claro	[kl]	recluso
[gl]	glande	[gl]	aglomerar

(Mateus e Andrade, 2000:40)

Os grupos consonânticos constituídos por oclusiva+vibrante são mais frequentes em português do que os grupos formados por oclusiva+lateral⁴⁶. Como podemos verificar em (3) (a) e (b), as sequências de oclusiva+vibrante podem ocorrer em início ou meio de palavra, o mesmo não acontecendo com os grupos constituídos por oclusiva+lateral: [tl] só surge em posição interior e [dl] não constitui ataque de sílaba nem no início nem no interior de palavra.

Segundo Mateus e Andrade (2000:41), as sequências constituídas por fricativa e líquida constituem normalmente ataques não aceitáveis, à exceção das sequências formadas por fricativa não coronal ([f] ou [v]) e lateral. Podemos constatar que, na *Escala de Sonoridade Indexada* apresentada por Vigário e Falé (1994:474) (vd. 1.4.2., (2)), as fricativas [- coronais] estão mais próximas das oclusivas do que as [+ coronais].

⁴⁶ Cf. Mateus e Andrade (2000:40).

(c) Fricativa + Vibrante

Início de palavra *Meio de palavra*

[fr] frio [fr] refrescar
*[vr] [vr] palavra
*[sr], *[zr], *[ʃr], *[ʒr]

(d) Fricativa + Lateral

Início de palavra *Meio de palavra*

[fl] flor [fl] aflorar
*[vl], *[sl], *[zl], *[ʃl], *[ʒl]

(Mateus e Andrade, 2000:41)

1.5.2. Grupos consonânticos «impróprios» / «ilegítimos».

Segundo Mateus e Andrade (2000:41-42), as seguintes sequências consonânticas não deveriam ser aceitáveis, por não respeitarem o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança, como veremos mais à frente (cf. 1.5.3. e 1.5.4.). No entanto, elas existem no nível fonético do PE:

(4)

(a) Oclusiva + Oclusiva

Início de palavra *Meio de palavra*

[pt] ptério [pt] captar
[bt] [bt] obter
[bd] bdélio [bd] abdómen
[dk] [dk] adquirir
[kt] ctenóforo [kt] pacto

(b) Oclusiva + Fricativa

Início de palavra *Meio de palavra*

[ps] psicologia [ps]
[bs] [bs] absurdo
[bv] [bv] óbvio
[bʒ] [bʒ] abjurar
[tz] [tz] quartzo
[dv] [dv] advertir
[ks] [ks] axioma

(Mateus e Andrade, 2000:42)

(Mateus e Andrade, 2000:42)

(c) Oclusiva + Nasal

<i>Início de palavra</i>	<i>Meio de palavra</i>	<i>Início de palavra</i>	<i>Meio de palavra</i>
[pn] pneu	[pn] apneia	[dm]	[dm] admirar
[bn]	[bn] obnócio	[dn]	[dn] adnominal
[tm] tmesa	[tm] ritmo	[gm]	[gm] estigma
[tn]	[tn] étnico	[gn] gnomo	[gn] diagnose

(Mateus e Andrade, 2000:42-43)

(d) Fricativa + Oclusiva

<i>Início de palavra</i>	<i>Meio de palavra</i>
[ft]	[ft] afta

(Mateus e Andrade, 2000:43)

(e) Nasal + Nasal

<i>Início de palavra</i>	<i>Meio de palavra</i>
[mn] menmónica	[mn] amnésia

(Mateus e Andrade, 2000:43)

1.5.3. Posições de diferentes autores.

Mateus e Andrade (2000:42) consideram que a sequência oclusiva+líquida é a mais comum em ataque no português, apesar de uma distância menor também ser aceitável (fricativa+líquida). Neste último caso, só as fricativas não-coronais ([f] e [v]) são permitidas como primeiro elemento de ataques regulares, sendo o segundo elemento

desses ataques sempre coronal e [+anterior] ([l] ou [r])⁴⁷. Mateus *et al.* (2003:1042), não distinguindo inequivocamente as sequências que violam e as que respeitam a Escala de Sonoridade apresentada por Vigário e Falé (1994), afirmam que nos grupos constituídos por fricativa+vibrante e fricativa+lateral «é respeitado o princípio de sonoridade, mas não a condição de dissimilaridade», não ocorrendo em português, por esse motivo, muitos grupos constituídos por essas sequências. No entanto, em Mateus (1995:273) admite-se que os grupos constituídos por fricativa seguida de líquida estão de acordo com o Princípio de Sonoridade e com a Condição de Dissemelhança.

Os restantes grupos (oclusiva+oclusiva, oclusiva+fricativa, oclusiva+nasal, fricativa+oclusiva, nasal+nasal) violam claramente os dois princípios. Contudo, essa violação ocorre apenas a nível fonético já que, fonologicamente, pode ser admitida a existência de um núcleo vazio entre as duas consoantes⁴⁸. Desta forma, as sequências consonânticas violadoras não fazem parte da silabificação de base em português, existindo apenas a nível superficial. Esta questão será retomada mais à frente, quando abordarmos a divisão silábica (vd. 1.5.4.).

Morais Barbosa (1965:14) considera haver na língua uma tendência para dissociar os grupos consonânticos, principalmente aqueles cujo segundo elemento não é [l] ou [r]. Esta dissociação é efectuada tanto pelos idiolectos populares (através da inserção de [i] ou [ɐ] entre as duas consoantes) como por «pessoas cultivadas», que introduzem, geralmente, a vogal [i], «par exemple dans *objecto* [...] prononcé [o-βə-ʒɛ-tu] ou dans *planta* [...] [pə-lɔ-tɔ]»⁴⁹. De acordo com este autor (1965:180-181), os

⁴⁷ Cf. Barbeiro (1986:177-178).

⁴⁸ Mateus e Andrade (2000:44): «In fact, in order to explain these consonant clusters it is necessary to assume that they are not onsets of a single syllable but that they are onsets of different syllables whose nuclei are empty.» O mesmo pressuposto é admitido em Mateus (1995).

⁴⁹ Não foi possível colocar na versão digital os acentos gráficos sobre estas duas transcrições fonéticas. Sá Nogueira (1941:71) afirma que a inserção de uma vogal entre sequências consonânticas é muito comum na pronúncia enfática («é claro»: «é kelaro»). Gonçalves Viana (1883:86) refere também que e

grupos consonânticos mais comuns em português, tanto em início de palavra como depois de uma consoante heterossilábica, são aqueles cujo segundo elemento é /l/ ou /r/ e o primeiro elemento um dos ‘fonemas’ /p b f v t d k g/. As restantes consoantes (/ m n l r ñ λ j s z ʒ w ɣ/) não podem formar grupos homossilábicos com /l/ ou /r/⁵⁰. No entanto, estas combinações são possíveis quando a vogal não acentuada [ə] não se manifesta sob a forma de um «fone vocálico» (em palavras como *selar* ['slar] ou *zeloso* ['zlozu]), originando numerosas combinações consonânticas. O autor refere ainda a impossibilidade de os grupos homossilábicos, cujo primeiro elemento é uma consoante permitida em final de sílaba, fazerem parte da estrutura fonológica do português. Assim, em palavras como *cantar*, Morais Barbosa afirma que a fronteira silábica deve ser colocada entre as duas consoantes⁵¹. Outros grupos, como /pt/, /bt/, /ft/, /kt/, /bʒ/, /dm/, /gn/, apresentam a tendência para «abrir» as suas sílabas. Se uma sílaba for terminada por uma consoante não permitida nesta posição (ou seja, /L N R S j w/) é necessária a inserção da vogal [i], que tem por efeito «abrir» a sílaba, transformando, por exemplo, uma palavra como *apto* num trissílabo (*a-p[i]-to*) (Morais Barbosa, 1965:212).

Vejamos agora a posição de Sá Nogueira (1941). Este autor define *grupo consonântico* como a combinação de dois fonemas consoantes capazes de formarem sílaba com uma vogal/ditongo. Relativamente aos grupos *legítimos* e *ilegítimos*, Sá Nogueira refere o seguinte: «Foneticamente, a meu ver, só se podem considerar grupos consonânticos, no sentido próprio, as combinações de consoantes cujo segundo

torna possível a pronúncia de certos grupos de consoantes. A palavra *observar* pronuncia-se *obeservar*, com quatro sílabas, tal como *obedecer*. Sempre que duas consoantes de «géneros» diferentes (surda e sonora ou sonora e surda) estejam em contacto, a inserção deste *e* evita a alteração de som e as assimilações que, de outra forma, seriam provocadas por estes encontros incompatíveis.

⁵⁰ A mesma ideia é defendida por Barroso (1999:142). Assim, as consoantes que podem surgir em posição pré-consonântica, constituindo grupos homossilábicos com /R/ e /L/ são as seguintes: /p b f v t d k g/.

⁵¹ Note-se que, para Morais Barbosa, o arquifonema /N/ é uma das consoantes que pode ocupar a posição final de sílaba.

elemento se profere no início com a saída mais ou menos livre do ar pela boca (...). O conjunto de dois oclusivos ou de um constritivo e de um oclusivo não são grupos consonânticos foneticamente falando, o que já não acontece com os conjuntos de um oclusivo e de um constritivo» (cf. Sá Nogueira, 1941:68).

Tendo em conta esta definição, apresentamos em seguida as sequências consonânticas aceitáveis e não aceitáveis em português, segundo a perspectiva de Sá Nogueira. Na divisão silábica de uma palavra, os dois elementos dos grupos consonânticos em (5) pertencem à mesma sílaba, o que não sucede com os grupos impróprios. Para explicitar a presença de certas sequências consonânticas neste quadro, o autor esclarece que os grupos indicados entre parêntesis não são naturais, havendo tendência para ocorrer transformação de sonoridade ou assimilação («Por exemplo, *bs* tende a passar a *ps* ou a *bz*»). Além disso, alguns destes grupos como, por exemplo, *bv*, são à primeira vista fisiologicamente/ foneticamente impossíveis⁵².

(5) Grupos Consonânticos Próprios segundo Sá Nogueira:

Oclusivas + Constritivas

[pr]	[pl]	[ps]	→(pz) [px]	(pj)	pf	(pv)	
[br]	[bl]	→(bs)	[bz]	→(bx)	bj	(bf)	bv
[tr]	[tl]	[ts]	→(tz)	tx	(tj)	tf	(tv)
[dr]	[dl]	→(ds)	[dz]	dx	(dj)	(df)	dv
[kr]	[kl]	[ks]	→(kz)	kx	(kj)	(kf)	(kv)
[gr]	[gl]	→(gs)	[gz]	(gx)	gj	(gf)	gv

(Sá Nogueira, 1941:69)

⁵² Cf. Sá Nogueira (1941:69).

As sequências consonânticas a seguir apresentadas são consideradas grupos impróprios por Sá Nogueira. Estes grupos não possuem «valor silábico» já que, na divisão silábica de uma palavra, cada um dos elementos que os constituem pertencem foneticamente a sílabas diferentes.

(6) Grupos Consonânticos Impróprios segundo Sá Nogueira:

Oclusivo + Oclusivo

pt	tp	kp	(gp)	(pb)	(td)	(kg)
(pd)	(tb)	(kb)	gb	(bp)	(dt)	(gk)
pk	tk	kt	(gt)			
(pg)	(tg)	kd				
(bt)	(dp)		gd			
bd	db					
(bk)	(dk)					
bg	dg					

(Sá Nogueira, 1941:71)

As sequências consonânticas seguintes são semelhantes aos grupos impróprios pois apresentam «valor dissilábico» (na divisão silábica de uma palavra, cada um dos elementos pertence foneticamente à sua sílaba).

(7) *Grupos Consonânticos Disjuntos segundo Sá Nogueira:*

Construtivo + Oclusivo

Construtivo + Construtivo

fp	(vp)	sp	(zp)	xp	(jp)	lp	rp	fs
(fb)	vb	(sb)	zb	(xb)	jb	lb	rb	(fz)
ft	(vt)	st	(zt)	xt	(jt)	lt	rt	fx
(fd)	vd	(st)	zd	(xd)	jd	ld	rd	(fj)
fk	(vk)	(sk)	(zk)	xk	(jk)	lk	rk	(fv)
(g)	vg	(sg)	zg	(xg)	jg	lg	rg	

(vs)	sf	(zf)	xf	(jf)	fl	fr	lf	rf
vz	(sv)	zv	(xv)	jv	vl	vr	lv	rv
(vx)	sx	(zx)	xs	(js)	sl	rs	ls	rs
vj	(sj)	zj	(xz)	jz	zl	zr	lz	rz
(vf)	(sz)	(zs)	(xj)	(jx)	jl	jr	lj	rj
					rl	lr		

(Sá Nogueira, 1941:72)

Mattoso Câmara (1970:56) considera as sequências constituídas por oclusiva ou fricativa seguidas de uma oclusiva, fricativa ou nasal como sequências de origem erudita, provenientes do latim clássico e introduzidas pela língua escrita. Estes encontros consonânticos (*ct*, *pt*, *tm*, *ft*) possuem entre eles uma vogal, a nível «fonémico».

Apesar de, como temos vindo a observar (cf., por exemplo, Mattoso Câmara, 1970:56; Morais Barbosa, 1965:212; Gonçalves Viana (1883:86)), uma vogal ser frequentemente inserida entre as sequências consonânticas ilegítimas, como forma de resolver estes encontros problemáticos, Veloso (2003a:122; 2006) sugere que esse fenómeno se verifica, igualmente, em grupos constituídos por Obstruinte+Lateral,

considerados admissíveis em português (cf. 1.5.1.). O autor afirma que estes grupos consonânticos se apresentam, tal como as sequências Obstruinte+Obstruinte e Obstruinte+Nasal, como «excepcionais» ou «marcados» em português devido, por exemplo, a razões de carácter histórico. Os grupos constituídos por Obstruinte+Lateral não resultaram de uma evolução espontânea do latim coloquial para o português, mas sim de importações tardias e eruditas do latim e do grego. Desta forma, pelo facto de não estarem de acordo com as intuições fonológicas dos falantes, sofrem um fenómeno de «regularização» semelhante ao que se verifica nas sequências consonânticas incompatíveis: a epêntese de uma vogal (cf. Veloso 2003a:122-127). Este argumento é igualmente apresentado por Freitas (1997:193), relativamente à aquisição das estruturas silábicas.

Além disso, em registo coloquial e enfático é muitas vezes inserida uma vogal entre as sequências constituídas por Obstruinte+Lateral (cf. Veloso, 2003a:125; Sá Nogueira, 1941:71)⁵³. Veloso (2003a:125) refere, ainda, a introdução de uma vogal epentética entre estas sequências consonânticas nas produções metrificadas tradicionais.

No seu estudo, Veloso (2003a:389 e seguintes) demonstra que as crianças em início de escolaridade apresentam a tendência para considerar as sequências formadas por Obstruinte+Lateral como heterossilábicas (repartidas por duas sílabas), constatando-se, no entanto, uma crescente representação destas sequências como tautossilábicas, à medida que se obtêm maiores níveis de escolarização, por influência do conhecimento ortográfico.⁵⁴

⁵³ Barbeiro (1986:111 e 116) admite também a inserção de uma vogal entre sequências de Obstruinte+Líquida, provocando a constituição de uma nova sílaba.

⁵⁴ Cf. Veloso (2003a:395 e seguintes).

1.5.4. Questões relacionadas com a divisão silábica: os grupos consonânticos constituem ataque de sílaba?

Apesar de, como afirmámos acima (cf. 1.4.1), a sílaba ser uma unidade perceptível pelos falantes, isso não impede que várias dificuldades surjam relativamente à delimitação exacta das fronteiras silábicas em português⁵⁵. Esta dificuldade surge, particularmente, devido à existência de grupos consonânticos, que poderão causar dúvidas quanto à sua inserção em apenas uma sílaba (constituindo as duas consoantes uma ataque silábico complexo) ou em duas (ocupando uma consoante a posição de coda e a outra consoante o lugar de ataque da sílaba seguinte)⁵⁶. Tais dúvidas advêm do facto de em português só ser admitido em posição de coda um grupo muito restrito de consoantes e de a posição de ataque só poder ser preenchida por sequências consonânticas que não violem o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança.

Mateus (1996:177-178) considera que os grupos consonânticos constituídos por oclusiva+líquida e fricativa+líquida pertencem à mesma sílaba, formando o ataque da segunda sílaba da palavra. O argumento apresentado pela autora para atribuir a posição de ataque a estes grupos prende-se ao facto de muitas palavras, em português, serem iniciadas por grupos semelhantes (*braço, claro, frito, etc.*). As sequências como [ft] (*afta*), [kt] (*pacto*) ou [bs] (*absurdo*), apesar de não formarem um grupo próprio, pertencem também à mesma sílaba. Mais uma vez, esta classificação é efectuada relativamente ao facto de existirem, por vezes, em início de palavra, duas consoantes que também não formam grupo mas que, segundo a autora, «são indubitavelmente

⁵⁵ Cf. Barbeiro (1986:155); Barroso (1999:156); Veloso (2003 a:107).

⁵⁶ Outras dificuldades relacionadas com a divisão silábica são referidas por outros autores como, por exemplo, a sequência de dois segmentos vocálicos, que poderá ser interpretada como «hiato» ou «ditongo» (Mattoso Câmara, 1970:55).

ataque de sílaba.» As palavras atrás referidas devem ser, então, divididas silabicamente como *a-fa*, *pa-cto* e *a-bsurdo* (cf. Mateus, 1996:177-178).

No entanto, noutros trabalhos (ver, por exemplo, Mateus, 1995:273) a mesma autora admite a existência de um núcleo vazio⁵⁷ entre duas sequências consonânticas que formem um grupo problemático, recorrendo a alguns argumentos empíricos: na linguagem infantil, ou na pronúncia lenta de certas palavras, ocorre muitas vezes a inserção de uma vogal entre as sequências consonânticas não admissíveis (**peneu*)⁵⁸. Além disso, em linguagem infantil, não é, por vezes, pronunciada a segunda consoante de um grupo permitido (*prato* [pátu])⁵⁹, o que não acontece em grupos não permitidos (pelo contrário, em outras línguas, é o primeiro elemento dos grupos inadmissíveis que é suprimido: «*psychology*»).

Outro argumento é o facto de as sequências não permitidas não ocorrerem em português do Brasil pois, nesta variedade, as duas consoantes pertencem foneticamente a sílabas diferentes devido à inserção de uma vogal epentética (*pineu*)⁶⁰. Mateus e Andrade (2000:45) apresentam, ainda, outro argumento para provar a existência de um núcleo vazio entre os grupos consonânticos impróprios. Em palavras como *quartzó* [ˈkwartzu] não há assimilação de vozeamento da primeira consoante, ao contrário do que acontece, por exemplo, com [ˈʃpasu] e [ˈʒbiru]⁶¹. Isto sucede porque há um núcleo vazio que previne a regra de assimilação da consoante.

⁵⁷ Relembramos que, tal como foi referido em 1.5.3., Mattoso Câmara (1970:56) considera a existência de uma vogal, a nível «fonémico», entre as sequências consonânticas raras.

⁵⁸ Este argumento é confirmado por Freitas (2002:103; 2007:193).

⁵⁹ Cf. Barbeiro (1986:110-113), Freitas (1997:193).

⁶⁰ Mattoso Câmara (1970:57) afirma que palavras como *raptó* e *rápido* apenas se distinguem pela diferença de sonoridade da última consoante, já que entre o grupo consonântico da primeira palavra é introduzido um [i].

⁶¹ Como podemos ver, por exemplo, em Mateus *et al.* (2003:995), [ʃ] alterna com [ʒ] em final de sílaba, conforme a sonoridade da consoante que se lhe segue (antes de consoante surda realiza-se como [ʃ], antes de consoante sonora ocorrerá [ʒ]). Esta assimilação de vozeamento por parte de -s é já referida por Gonçalves Viana (1883:93).

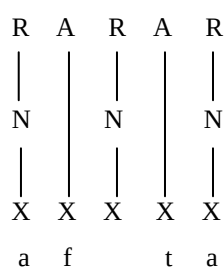
Além de todos estes pressupostos, consideremos, agora, a divisão silábica destas sequências consonânticas. Os grupos consonânticos violadores da Escala de Sonoridade e da Condição de Dissemelhança apresentam dificuldades de distribuição das duas consoantes nas sílabas correspondentes. Mateus *et al.* (2003:1042) defendem que, perante um grupo próprio, o falante não hesita na divisão silábica, pois sabe que as duas consoantes não podem ser separadas, devendo constituir ataque de sílaba.

Vejamos, agora, de que modo a construção da estrutura silábica vem reforçar a afirmação de que existem núcleos vazios entre as duas consoantes que formam, foneticamente, grupos consonânticos impróprios. Segundo a perspectiva autossegmental, a cada constituinte silábico está associada uma posição no esqueleto⁶² (ou duas, se ramificar), representada por X. Depois da construção da rima, associando a um núcleo todos os X que digam respeito a um segmento [+silábico], os restantes segmentos, [+consonânticos], serão associados a ataques (se estiverem de acordo com o Princípio de Sonoridade e com a Condição de Dissemelhança) e a codas (se forem /s/, /l/ ou /r/)⁶³. As consoantes que não obedeçam a estes requisitos não se associam a nenhum constituinte silábico, sendo consideradas extrassilábicas. Algumas consoantes podem ser consideradas extrassilábicas quando permitem duas possibilidades de divisão ortográfica (ex.: *af-ta* / *a-fta*). Assim, é necessário inserir um núcleo vazio à direita de cada uma delas, associando-as, desta forma, a um ataque:

⁶² Cf. Mateus (1995:272): «Entende-se por esqueleto, numa perspectiva autossegmental, uma fiada ('tier' ou 'central core') constituída por *uma sequência de unidades de tempo abstractas*».

⁶³ Cf. Mateus (1995:275).

(8)



(Mateus, 1995:276)

Como se conclui, através da existência de núcleos vazios, as sílabas de base em português europeu apresentam a estrutura CV, apesar das violações que ocorrem no nível fonético⁶⁴. Desta forma, a nível subjacente, só os grupos consonânticos constituídos por oclusiva+líquida e fricativa+líquida são permitidos como ataque de sílaba, como podemos verificar em Mateus e Andrade (2000:46). Vigário e Falé (1994:475) referem que o primeiro elemento de um ataque complexo pode ter qualquer ponto de articulação, enquanto o segundo apenas pode possuir os traços [+coronal] e [+anterior]. Assim, as autoras partem do princípio de que a sílaba apenas legitima um ponto de articulação distintivo, pertencente à primeira consoante, já que o segundo elemento consonântico apenas pode ter um ponto de articulação com valor fixo.

Pelo que foi dito, Mateus (1995:273) assume que «na silabificação de base não há sequências de consoantes em ataque de sílaba que violem o princípio de sonoridade e a condição de dissemelhança estabelecida para o português.»

⁶⁴ Mateus e d' Andrade (1998: 295).

1.5.5. De que forma a não-realização de vogais átonas, originando sequências consonânticas longas, pode alterar as estruturas silábicas do português?

Como temos vindo a observar, o fenómeno de apagamento fonético de vogais átonas provoca, a nível de superfície, agrupamentos consonânticos e novas estruturas silábicas, incompatíveis com as regras fonológicas de formação silábica do português (cf. Mateus e Andrade, 2000:43; Leite, 1997:157).

Existem, no nível de superfície desta língua, muitas sequências consonânticas que não respeitam o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança (cf. 1.4.2.). Os encontros consonânticos que a seguir apresentamos devem-se à supressão de [i], em início ou interior de palavra e ilustram a situação de violação dos princípios silábicos fonológicos do português:

(9) Encontros consonânticos provocados pela queda de [i] em início de palavra:

[ʃt] estar	[ʒl] escravos
[ʒm] esmagar	[ʒd] esdrúxula
[ʒv] esvair	

(Mateus *et al.*, 2003:1043)

(10) *Encontros consonânticos provocados pela queda de [i] em interior de palavra:*

[pkénu] pequeno	[tlfɔn] ⁶⁵ telefone	[dʃpgár] despegar
[dsifrár] decifrar	[mrsér] merecer	[dʃprʃtiziár] desprestigiar
[sutrár] soterrar	[dpnikár] depenicar	

(Mateus *et al.*, 2003:1043)

Como se pode constatar através destes exemplos, algumas palavras são realizadas foneticamente com seis consoantes contíguas. Quando o apagamento da vogal átona ocorre em final de palavra, podemos constatar a presença de todas as consoantes em coda, para além das que apresentámos como permitidas nesta posição (cf. 1.4.1): *quente* ['ket]⁶⁶, *vende* ['ved]⁶⁷, *lave* ['láv], etc. Verificamos também que, apesar da presença de várias vogais a nível fonológico, as formas de superfície apresentam, muitas vezes, apenas a vogal tónica.

Vários autores referem estas sequências consonânticas como estruturas até agora consideradas como incompatíveis com as regras de formação silábica do português⁶⁸. Como nos diz Rodrigues (2000:18), «tal situação acarreta dificuldades descritivas para alguma perspectivas teóricas, uma vez que bem estabelecidos princípios linguísticos universais relacionados com a silabificação parecem não ser respeitados por tais formas fonéticas.»

⁶⁵ Não foi possível colocar um acento gráfico sobre esta vogal na versão digital.

⁶⁶ Não foi possível colocar um acento gráfico sobre esta vogal na versão digital.

⁶⁷ Não foi possível colocar um acento gráfico sobre esta vogal na versão digital.

⁶⁸ Cf., por exemplo, Delgado-Martins (1994) e Mateus e Andrade (2000:43-44).

1.5.6. Os encontros consonânticos «ilegítimos» são mais frequentes do que os encontros consonânticos «legítimos»?

Verificámos em 1.5.1. e 1.5.2. quais os grupos consonânticos considerados, respectivamente, legítimos e ilegítimos em português, de acordo com os princípios fonológicos apresentados em 1.4.2. Concluímos que os primeiros, formados pela sequência Obstruinte+Líquida, respeitam o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança, enquanto os segundos violam estes mesmos princípios (cf. Mateus e Andrade, 2000:40-43; Vigário e Falé, 1994:472 e seguintes).

Vejamos agora o que nos dizem alguns autores relativamente à frequência destas sequências consonânticas em português. De acordo com autores como, por exemplo, Mattoso Câmara (1970), Moraes Barbosa (1965), Vigário e Falé (1994), Veloso (2003a; 2006), os grupos consonânticos mais frequentes em português resultam da adjacência de uma consoante Obstruinte (oclusiva ou fricativa) com uma Líquida (lateral ou vibrante).

Mattoso (1970:56-57) refere que as palavras que possuem grupos raros provêm, por via erudita, do latim clássico, tendo sido introduzidas através da língua escrita, somente a partir do século XV. Entre as duas consoantes que formam estes grupos é geralmente introduzida uma vogal que, segundo o autor, «não parece poder ser fonemicamente desprezada».

Segundo Moraes Barbosa (1965:211-212), sequências consonânticas como /kt/, /pt/, /dʒ/, /bʃ/ são «beaucoup moins fréquents», relativamente aos grupos formados por /p b f v t d k g/ seguidos de /L/ e /R/. Os grupos raros manifestam a tendência, em português, para «abrir as suas sílabas», apresentando a inserção de uma vogal entre as

duas consoantes. Assim, uma palavra como *a-pto* será realizada foneticamente com três sílabas (*a-p[i]-to*).

Vigário e Falé (1994:470 e seguintes) apresentam-nos, também, os grupos constituídos por oclusiva+líquida como os mais frequentes. Vigário e Falé (1994:476-477) referem, ainda, que sequências consonânticas como «ct» e «gm», não conformes aos princípios fonológicos da constituição silábica, podem vir a ser resolvidas através de estratégias já utilizadas, historicamente, em português: semivocalização da primeira consoante (*noctem* > *noite*) ou queda do primeiro elemento consonântico, como sucedeu no português do Brasil (*facto* > *fato*).

Como os grupos consonânticos raros apresentam dificuldades de segmentação silábica e não estão de acordo com o conhecimento fonológico implícito dos falantes⁶⁹, estes manifestam a tendência para encontrar estratégias de resolução destas sequências problemáticas. Deste modo, é frequentemente inserida, a nível fonético, uma vogal entre as duas consoantes em causa (Mattoso Câmara (1970:56-57), Morais Barbosa (1965:212), Vigário e Falé (1994:477), Mateus e Andrade (2000:44)). Esta vogal epentética permite desfazer encontros consonânticos problemáticos, através de um processo de regularização silábica. Assim, a vogal inserida permite a criação de uma nova sílaba, de tipo CV (que, como vimos em 1.4.1., é a que predomina em todas as línguas do mundo⁷⁰).

Depois de referidos os mecanismos de resolução fonética destas sequências raras e problemáticas, relembremos a posição de Mateus (1995:273) e Mateus e Andrade (2000:44-45) relativamente ao estatuto fonológico destes mesmos encontros consonânticos. Tal como demonstrámos em 1.5.4., estes autores assumem que no interior de um encontro consonântico ilegítimo existe, fonologicamente, um núcleo

⁶⁹ Cf. Veloso (2003a:115).

⁷⁰ Cf. Vigário e Falé (1994).

vazio. Deste modo, as duas consoantes passam a ocupar, respectivamente, as posições de ataque e coda de duas sílabas distintas. A existência de uma vogal entre as duas consoantes é expressa também em Mattoso Câmara (1970:56-57), não com a designação de *núcleo vazio*, mas como uma vogal com carácter «fonémico».

II PARTE

ESTUDO EXPERIMENTAL

Capítulo 2

2. Introdução.

No presente capítulo apresentamos os objectivos do nosso estudo experimental e as hipóteses que tentaremos comprovar.

Tal como referimos no início do nosso trabalho (cf. 0.1.), os falantes podem apresentar alguma variação nas suas realizações fonéticas. Este estudo pretende abordar essencialmente o apagamento de vogais átonas de palavras proparoxítonas com a estrutura silábica (C)(C)V.CV.CV(Spl)¹ e as consequências fonéticas e fonológicas que daí possam advir, nomeadamente a perda de sílabas e a eventual formação de encontros consonânticos «problemáticos». Para fundamentar a nossa proposta de trabalho foram abordados ao longo do enquadramento teórico diversas questões relacionadas com a variação dos segmentos vocálicos não acentuados do português europeu. Assim, depois de termos referido as regras fonológicas que actuam sobre estes segmentos, tornando-os mais vulneráveis ao fenómeno de apagamento, revimos a perspectiva de vários autores relativamente às vogais átonas que sofrem queda com mais frequência, à posição de palavra em que tal poderá suceder e as alterações provocadas no constituinte silábico, a nível superficial.

Tais perspectivas ser-nos-ão úteis ao longo deste estudo experimental, já que tentaremos comprovar hipóteses relacionadas, por exemplo, com o apagamento de vogais não acentuadas, influência do contexto fonológico adjacente, formação de

¹ Em versão digital não foi possível colocar um acento agudo gráfico sobre o primeiro V. No entanto, note-se que a primeira vogal (V) é a tónica, pelo que se deve subentender a presença de um acento agudo gráfico sobre a mesma.

encontros consonânticos e diversas alterações fonéticas provocadas nas estruturas silábicas.

2.1. Metodologia.

2.1.1. Questões de partida e hipóteses.

A escolha do tema da presente dissertação foi fundamentada na colocação de várias hipóteses, relacionadas com as causas e as consequências da variação vocálica. Partimos do pressuposto – com base nos dados revistos no Capítulo 1 – de que as vogais átonas manifestariam tendência para sofrer apagamento provocando, desta forma, a diminuição do número de sílabas das palavras analisadas, bem como a alteração das estruturas silábicas em que ocorrem. Assim, visto que o fenómeno de variação do vocalismo átono é um campo fecundo e que carece ainda de estudos mais aprofundados², tentaremos verificar as seguintes previsões e questões através do trabalho experimental:

- a) Existe a tendência, em trissílabos esdrúxulos, para a queda das vogais átonas que se encontram na penúltima sílaba dos mesmos. Pelo que foi já referido acerca do vocalismo átono do português (cf. 1.3.2.), os segmentos não acentuados apresentam a particularidade de sofrer, por vezes, um fenómeno de redução ou apagamento (cf. Delgado-Martins *et alii*, 1995/2002:295 e 299; Rodrigues, 2000:18; A. Andrade, 1994a:303; Leite, 1997:157).

² Cf. Mateus e Delgado Martins (1982:111).

- b) De entre todos os segmentos que constituem o inventário do vocalismo átono português, alguns manifestam maior propensão para serem reduzidos ou suprimidos. Como constatámos em 1.3.3., os segmentos átonos [i] e [u] são geralmente referidos como os mais sujeitos ao fenómeno de apagamento (cf. A. Andrade, 1994a:303; Mateus e Andrade, 2000:39 e 134).
- c) A queda das vogais átonas provoca, a nível fonético, a formação de encontros consonânticos que, muitas vezes, não respeitam o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança. Tal como afirmámos em 1.4.2., estes dois princípios estabelecem restrições à adjacência de consoantes na mesma sílaba, em termos fonológicos (cf. Mateus *et al.*, 2003:1040; Vigário e Falé, 1994:474; Goldsmith, 1990:110). Vimos que a sonoridade dos segmentos deve aumentar desde o início da sílaba em direcção ao núcleo, e diminuir deste até ao final. Para o português, Vigário e Falé (1994:474) propõem uma escala que estabelece em termos quantitativos as distâncias permitidas entre as sequências de segmentos. No entanto, estes princípios fonológicos são frequentemente violados a nível superficial.
- d) Devido ao apagamento das vogais átonas da penúltima e/ou última sílaba fonológica, os trissílabos proparoxítonos podem transformar-se em dissílabos paroxítonos ou até em monossílabos, se a única vogal pronunciada for a tónica. Como a presença de um segmento vocálico é imprescindível para a constituição da sílaba em português (vd. 1.4.1.), podemos constatar que o apagamento de uma vogal culminará na supressão de uma sílaba. Do mesmo modo, se duas

vogais átonas sofrerem queda, duas sílabas serão foneticamente eliminadas. Assim, se as palavras do nosso *corpus* forem pronunciadas sem a vogal pós-tônica não final ou sem a vogal final, elas transformar-se-ão foneticamente em dissílabos graves, mas se foram produzidas unicamente com a vogal tónica apresentarão apenas uma sílaba fonética.

- e) Existirá uma tendência menor para o apagamento de vogais átonas em palavras não frequentes no uso do quotidiano? A «estranheza» provocada por palavras eruditas ou desconhecidas poderá promover a manutenção de todas as vogais presentes nesses vocábulos. Esta hipótese parte do pressuposto de que as palavras que não fazem parte do vocabulário quotidiano dos falantes apresentam uma maior predisposição para a preservação dos seus segmentos, já que não estão sujeitas a uma utilização frequente (cf. Bergem, 1995:331, Aitchison, 2001:86-87).
- f) O acento desempenhará um papel importante neste fenómeno, sofrendo uma espécie de «regularização acentual»? As palavras esdrúxulas, com menos frequência na língua, sofreriam, então, uma regularização acentual, transformando-se em graves. Depois de termos demonstrado, em 1.2., que o padrão acentual nominal em português é maioritariamente grave (cf. Pereira, 1999:121), poderíamos partir do princípio de que as palavras esdrúxulas, mais raras nesta língua, apresentariam alguma tendência para assumir o padrão acentual predominante.

2.1.2. Identificação do material linguístico.

Uma lista de 658 trissílabos proparoxítonos do português europeu foi elaborada depois de se proceder à consulta do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (quatro volumes), Lello & Irmão – Editores (1996).

Esta lista foi apresentada a duas estudantes de Linguística a nível de pós-graduação e a um doutorado em Linguística, todos falantes nativos monolingues do português europeu, para que indicassem quais as palavras que consideravam frequentes no vocabulário do quotidiano (esta selecção foi também feita pela nossa parte, de acordo com a nossa intuição). Os trissílabos que apresentaram um total de 4 escolhas (palavras coincidentes pela maioria dos 3 linguistas consultados e da nossa própria opinião) foram, desta forma, considerados palavras frequentes (233 palavras).

Relembramos que um dos nossos objectivos era verificar se a queda vocálica é menos frequente em palavras com as quais os falantes não estão familiarizados. A inclusão destas palavras no material de análise justifica-se pela tentativa de provar se os falantes tendem a preservar, na produção fonética de palavras desconhecidas, a sua forma teórica. Os trissílabos que apresentaram 0 escolhas, ou seja, que não foram seleccionados por nenhum dos indivíduos, consideraram-se, por este motivo, palavras não frequentes em português (342 palavras).

Depois de termos, assim, discriminado quais os trissílabos proparoxítonos frequentes e não frequentes, alguns deles foram excluídos pelos seguintes critérios:

- Trissílabos proparoxítonos nos quais a queda fonética da segunda vogal provocasse o encontro de três consoantes (ex. *ásp(e)ro*, *fósf(o)ro*, *cél(e)bre*). Como um dos aspectos que pretendíamos estudar no nosso trabalho era a eventual formação de encontros de duas consoantes a nível fonético, eliminámos as palavras cuja queda vocálica na segunda sílaba colocasse em adjacência um número maior de segmentos consonânticos, já que estes se revelariam ainda mais problemáticos relativamente à posição silábica ocupada por cada um desses segmentos.

- Trissílabos proparoxítonos cuja vogal da penúltima sílaba fonológica fosse [ɐ], já que este segmento vocálico não fica sujeito a apagamento de forma tão frequente como as restantes vogais átonas (cf. Mateus e Andrade, 2000:134, onde se explicita a tendência, em português europeu, para a supressão das vogais átonas altas [i] e [u]).

- Trissílabos proparoxítonos cuja vogal final fosse [i]. Como um dos nossos pressupostos iniciais seria o de que a vogal da segunda sílaba fonológica manifestaria o maior número de quedas e provocaria o aparecimento de encontros consonânticos fonéticos em posição interior de palavra, excluímos as palavras com [i] em posição final, já que a queda deste segmento poderia colocar em adjacência três consoantes em final de palavra. Por este motivo, as palavras que constituem o nosso corpus apresentam [ɐ] ou [u] na última sílaba, havendo uma única excepção (*séseles*)³.

³ Note-se que o facto de inserir as palavras do nosso *corpus* num texto causou certas dificuldades e limitações relativamente à escolha de determinados trissílabos pouco frequentes. Como muitas destas

- Trissílabos proparoخ́tonos cujo ataque da segunda sílaba fonológica fosse [l] ou [r] (por exemplo, *fôlego*; *lírico*). Como estas consoantes são as únicas que podem ocupar a posição de coda em português (juntamente com /S/)⁴, a eventual supressão da vogal em posição medial poderia colocar foneticamente este segmento consonântico em coda da sílaba anterior e não como primeiro elemento de um ataque ramificado.

Podemos verificar, pelos critérios acima apresentados, que a selecção do *corpus* foi efectuada, essencialmente, em função do eventual apagamento da vogal átona não final. No entanto, visto que o vocalismo átono se apresenta vulnerável, pelas suas características, a fenómenos de redução ou apagamento (vd. 1.3.2.), assumimos a possibilidade de estes aspectos se manifestarem na vogal átona final dos trissílabos proparoخ́tonos que constituem o nosso *corpus*, como deixamos antever em 2.1.1. (alínea d))⁵. Por este motivo, foram também considerados no nosso estudo os dados relativos às produções obtidas com estas palavras.

Depois de excluídas as palavras que não obedeciam a todos estes critérios, obtivemos 37 trissílabos proparoخ́tonos com estrutura silábica (C)(C)V.CV.CV(SpI)⁶,

palavras apresentam um carácter erudito ou técnico e pertencem a campos semânticos relacionados, por exemplo, com a medicina, botânica, biologia, etc., foi necessário encontrar palavras que permitissem a construção coerente de um texto.

⁴ Cf. 1.4.1.

⁵ Na constituição do nosso material linguístico foi apenas controlada a penúltima sílaba fonológica. Como foi já explicitado em 0.2.1.1. a supressão da vogal átona final não era, inicialmente, um dos principais objectivos desta dissertação. Por este motivo, a vogal [ɐ] surge nesta posição e foi tida em conta na análise dos resultados. A observação dos dados permitiu-nos verificar que ocorreram fenómenos relevantes a ter em conta na terceira sílaba fonológica das palavras que constituem o *corpus*. No entanto, [ɐ] não apresenta um comportamento semelhante ao das vogais átonas altas, manifestando maior resistência ao apagamento (cf. Mateus e Andrade, 2000:32, 134).

⁶ Como foi já referido na Introdução deste trabalho (cf. 0.2.), o nosso *corpus* é constituído por palavras com ataque simples, ramificado ou não preenchido (*júbilo*, *trôpego*; *útero*), e palavras em que a única sílaba fechada admitida é a sílaba final, se terminada em /S/ de plural (*títulos*). Em versão digital não foi

de acordo com os critérios acima explicitados: 25 trissílabos esdrúxulos frequentes e 12 trissílabos esdrúxulos não frequentes.

As palavras frequentes foram divididas nas seguintes categorias⁷:

- 8 trissílabos esdrúxulos com a vogal [i] na penúltima sílaba:
 - 3 cujo apagamento da vogal provoca o encontro consonântico de Obstruinte + Líquida;
 - 5 cujo apagamento provoca encontros consonânticos ilegítimos;

- 7 trissílabos esdrúxulos com a vogal [i] na penúltima sílaba:
 - 2 cuja queda da vogal origina o encontro de Obstruinte + Líquida;
 - 5 cuja queda provoca outro tipo de encontros consonânticos;

- 10 trissílabos esdrúxulos com a vogal [u] na penúltima sílaba:
 - 5 cujo apagamento da vogal origina o encontro de Obstruinte + Líquida;
 - 5 cujo apagamento provoca encontros consonânticos ilegítimos.

possível colocar um acento agudo gráfico sobre o primeiro V. No entanto, note-se que a primeira vogal (V) é a tónica, pelo que se deve subentender a presença de um acento agudo gráfico sobre a mesma.

⁷ Vd. *Quadro 3* (vogais pós-tónicas não-finais) e *Quadros 5 e 6* (formação de grupos consonânticos próprios e impróprios devido a apagamento de vogal não acentuada).

Os trissílabos esdrúxulos eruditos ou pouco frequentes na fala quotidiana dividem-se da seguinte forma:

- 4 trissílabos esdrúxulos com a vogal [i] na penúltima sílaba;
- 4 trissílabos esdrúxulos com a vogal [i] na penúltima sílaba;
- 4 trissílabos esdrúxulos com a vogal [u] na penúltima sílaba.

Nos *Quadros 1* e *2* apresentamos por ordem alfabética as 37 palavras que constituem o nosso *corpus* (trissílabos proparoquítonos frequentes e não frequentes, respectivamente).

QUADRO 1: *Trissílabos proparoquítonos frequentes.*

TRISSÍLABOS PROPAROQUÍTONOS FREQUENTES
Bússola
Chávena
Cócoras
Cómodo
Época
Fêvera
Género
Ímpeto
Júbilo
Método
Música
Número
Óculos
Ópera
Página
Péssimo
Próximo
Sátira
Século
Símbolo
Súbito
Títulos
Trémulo
Trôpego
Útero

QUADRO 2: *Trissílabos proparoخ́tonos não frequentes.*

TRISSÍLABOS PROPAROخ́TONOS NÃO FREQUENTES
Bêbera
Díssona
Dróseras
Flâmula
Índigo
Nêvedas
Próvida
Râncidas
Rémora
Rúbido
Séseles
Sítulas

Tendo em conta as hipóteses apresentadas, e dado que pretendemos constatar quais as vogais átonas que manifestam maior apagamento e em que posição de palavra tal acontece, os quadros seguintes mostram-nos quais as vogais que se encontram na penúltima e última sílabas das palavras que constituem o nosso *corpus*. Desta forma, as percentagens serão apresentadas, no Capítulo 3, relativamente à posição (medial ou final) ocupada pela vogal não acentuada.

QUADRO 3: *Vogais pós-tônicas não finais.*

[i] <i>Penúltima sílaba</i> <i>(11 palavras)</i>	Índigo Júbilo Música Página Péssimo Próximo Próvida Râncidas Rúbido Sátira Súbito
--	--

[i] <i>Penúltima sílaba</i> <i>(12 palavras)</i>	Bêbera Chávena Dróseras Fêvera Género Ímpeto Nêvedas Número Ópera Séseles Trôpego Útero
--	--

[u] <i>Penúltima sílaba</i> <i>(14 palavras)</i>	Bússola Cócoras Cómodo Díssona Época Flâmula Método Óculos Rémora Século Símbolo Sítulas Títulos Trémulo
--	---

QUADRO 4: *Vogais finais.*

[ø] <i>Última sílaba</i> (18 palavras)	Bêbera Bússola Chávena Cócoras Díssona Dróseras Época Fêvera Flâmula Música Nêvedas Ópera Página Próvida Râncidas Rémora Sátira Sítulas	[u] <i>Última sílaba</i> (18 palavras)	Cómodo Género Ímpeto Índigo Júbilo Método Número Óculos Péssimo Próximo Rúbido Século Símbolo Súbito Títulos Trémulo Trôpego Útero
---	---	---	--

[i] <i>Última sílaba</i> (1 palavra)	Séseles
---	----------------

Em seguida, apresentamos as palavras nas quais o apagamento fonético da vogal átona pós-tônica não final pode provocar a adjacência de duas consoantes. Desta forma, surgirão em interior de palavra grupos consonânticos próprios e impróprios⁸.

QUADRO 5: *Trissílabos esdrúxulos nos quais a queda da penúltima vogal átona pode provocar encontro consonântico próprio (Obstruinte+Líquida).*

<i>Trissílabos proparoxítonos com [ɨ] na penúltima sílaba, em que a queda de [ɨ] origine Obstruinte + Líquida</i>	Bêb(e)ra [br] Fêv(e)ra [vr] Óp(e)ra [pr] Út(e)ro [tr]
<i>Trissílabos proparoxítonos com [i] na penúltima sílaba, em que a queda de [i] origine Obstruinte + Líquida</i>	Júb(i)lo [bl] Sát(i)ra [tr]
<i>Trissílabos proparoxítonos com [u] na penúltima sílaba, em que a queda de [u] origine Obstruinte + Líquida</i>	Óc(u)los [kl] Séc(u)lo [kl] Tít(u)los [tl] Cóc(o)ras [kr] Símb(o)lo [bl] Sít(u)las [tl]
TOTAL de palavras cuja queda da penúltima vogal origina O+L: 12	

⁸ Os critérios para a classificação das sequências consonânticas como próprias ou impróprias em português foram explicitados no Enquadramento Teórico do nosso trabalho (cf. 1.4.2., onde abordamos o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança, e 1.5.1. / 1.5.2., onde são apresentados os grupos consonânticos admitidos e não admitidos em português).

QUADRO 6: *Trissílabos esdrúxulos nos quais a queda da penúltima vogal átona pode provocar encontro consonântico impróprio (diferente de Obstruinte+Líquida).*

<i>Trissílabos proparoxítonos com [i] na penúltima sílaba, em que a queda de [i] não origine Obstruinte + Líquida</i>	Cháv(e)na [vn] Drós(e)ras [zr] Gén(e)ro [nr] Ímp(e)to [pt] Nêv(e)das [vd] Núm(e)ro [mr] Sés(e)les [zl] Trôp(e)go [pg]
<i>Trissílabos proparoxítonos com [i] na penúltima sílaba, em que a queda de [i] não origine Obstruinte + Líquida</i>	Índ(i)go [dg] Mús(i)ca [zk] Pág(i)na [ʒn] Próv(i)da [vd] Próx(i)mo [sm] Rânc(i)das [sd] Rúb(i)do [bd] Súb(i)to [bt] Péss(i)mo [sm]
<i>Trissílabos proparoxítonos com [u] na penúltima sílaba, em que a queda de [u] não origine O + L</i>	Búss(o)la [sl] Cóm(o)do [md] Díss(o)no [sn] Ép(o)ca [pk] Flâm(u)la [ml] Mét(o)do [td] Rém(o)ra [mr] Trém(u)lo [ml]
TOTAL de palavras cuja queda da penúltima vogal não origina O+L: 25	

Todas estas palavras foram incluídas num texto escrito por nós, lido pelos falantes no momento de recolha do material linguístico. A decisão de criar um texto deve-se ao intuito de evitar que os falantes se apercebessem de que essas palavras eram o nosso objecto de estudo. Nesse texto encontram-se também vários trissílabos graves, de constituição silábica CV.CV.CV⁹, para que os falantes não reparassem na forte presença de trissílabos esdrúxulos.

QUADRO 7: *Texto lido pelos informantes.*

O dia tinha sido péssimo.

Quando finalmente entrou em casa começava a anoitecer.

Depois de pousar o casaco no sofá dirigiu-se à cozinha. Abriu o frigorífico para guardar a rémora que comprara no mercado. Sentiu fome, mas apenas restara uma fêvera com batatas do almoço. Preferiu então beber uma chávena de café e comer uma torrada. Tirou uma bêbera do prato pousado em cima da mesa, mas ainda não estava madura.

Ficou parado, a pensar no seu próximo estudo sobre o útero. Aproximava-se uma época de importantes desenvolvimentos nessa área e teria que encontrar outro método de análise para apresentar propostas concretas. Mas naquele momento sentia-se cansado para pensar. Apenas o reconfortava o júbilo que iria sentir quando o trabalho fosse publicado. Com um suspiro, passou a mão pelo cabelo e voltou à sala.

Lembrou-se então que há vários dias não regava as dróseras, nêvedas e séseles que se acumulavam na varanda. De forma pródida cortou as folhas secas e râncidas e limpou as sítulas.

⁹ Em versão digital não foi possível colocar um acento agudo gráfico sobre o segundo V. No entanto, note-se que a segunda vogal (V) é a tónica, pelo que se deve subentender a presença de um acento agudo gráfico sobre a mesma.

Em seguida ligou a aparelhagem para ouvir a sua ópera favorita. Aproximou-se da estante e deu uma vista de olhos pelos títulos dos livros. Procurou uma sátira de um dos seus autores preferidos. Era um livro antigo, com um símbolo rúbido e índigo gravado na encadernação.

Ao retirar o livro da estante, a velha bússola caiu ao chão com grande ímpeto, partindo-se em vários pedaços. Aborrecido, pôs-se de cócoras para apanhar os vidros espalhados pelo chão.

Depois procurou um sítio cómodo para se sentar e colocou os óculos. Virou a primeira página lentamente. Os minutos avançavam devagar, pareciam durar um século. A música inundava toda a casa e transformava-se aos poucos numa enorme confusão díssona. Uma pesada sonolência apoderava-se do seu corpo e todo o género de pensamentos se misturavam na sua cabeça.

De súbito, um grande estrondo acordou-o do seu sono. Levantou-se, um pouco trôpego, e aproximou-se da janela. Fortes trovões ecoavam lá fora e a chuva caía com grande violência.

Trémulo pelo cansaço e pelo susto, reparou que estava às escuras. Acendeu uma vela, mas a flâmula depressa se apagou. Quantas horas teriam passado? Sentiu-se só e quis telefonar a alguém. Marcou um número, mas do outro lado ninguém atendia.

2.1.3. Informantes.

Foram escolhidos três informantes do sexo masculino, pertencentes à mesma faixa etária (entre 21 e 25 anos). Todos eles são estudantes universitários, frequentando o terceiro ano de Línguas e Literaturas Modernas, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Pretendia-se também que os informantes fossem naturais da mesma região, para evitar um possível efeito de dispersão dialectal: todos nasceram e vivem no Porto ou em

Vila Nova de Gaia. Além disso, os pais de cada um deles são provenientes de uma dessas duas cidades, à excepção do pai de um dos informantes.

Os falantes não foram informados do objectivo concreto deste trabalho nem do tipo de fenómenos que iriam ser analisados; apenas lhes foi dito que iriam participar num estudo para a elaboração de uma dissertação em fonologia do português.

Face às limitações de um trabalho desta natureza, foram utilizados apenas três informantes. Este número foi considerado, numa primeira abordagem, suficiente para obter resultados reveladores das hipóteses que propusemos estudar. Além disso foi tida em conta a necessidade de analisar acusticamente os dados, o que levantaria maiores dificuldades se o número de informantes e de palavras fosse consideravelmente mais elevado.

Os falantes passarão a ser designados pelas siglas CF, JR e LA.

2.1.4. Método de gravação.

A leitura e gravação dos textos foram efectuadas na câmara semi-anecóica da Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Instituto Politécnico do Porto (ESMAE). Tentou-se que o material a analisar fosse obtido nas melhores condições acústicas possíveis.

Foi utilizado o Microfone G.R.A.S. Sound & Vibration ½ " Random Incidence Microphone 40 AR e um Altifalante GENELEC 1029A. Foi ainda utilizado o Software WinMLS (www.winmls.com) e o Microfone (gravação) 414 AKG (formato de

captação: padrão de polaridade cápsula cardióide). Em seguida procedeu-se à gravação autodigital em suporte CD, formato wav, transferido para o disco do computador.

2.1.5. Método de análise.

Depois de efectuadas as gravações, procedeu-se à análise acústica dos 111 trissílabos proparoxítonos (37 palavras x 3 falantes). Para tal, foi utilizado o programa de computador PRAAT¹⁰.

Em primeiro lugar, foi ouvida a leitura integral do texto, criando-se, em seguida, ficheiros individuais para cada palavra, de modo a que cada uma delas pudesse ser analisada separadamente.

Para a identificação acústica das vogais foram utilizados os seguintes critérios: reforço de intensidade na forma de onda; espectro vocálico (F1, F2 e F3) e presença de F0, sobretudo entre consoantes surdas (já que as consoantes sonoras podem, por vezes, possuir energia nas zonas espectrais de frequência mais baixa). A maior intensidade na forma de onda indica a existência de vogal e, consequentemente, de sílaba.

Em algumas palavras verificou-se a dificuldade de determinar se certas vogais átonas eram ou não foneticamente realizadas, o que se deve às características próprias destas vogais, especialmente de [i]: para além de serem breves, confundem-se com

¹⁰ Boersma, Paul & Weenink, David (2006). Praat: doing phonetics by computer (Versão 4.4.32) [Programa de Computador]. Acedido em 4 de Novembro de 2005, a partir de <http://www.praat.org/>. Ladefoged (2003:84) faz referência a este programa: «This is a program for ‘doing phonetics by computer’, as it says on Praat website at <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. The program was developed by Paul Boersma and David Weenink of the Institute of Phonetic Sciences, University of Amsterdam. It enables users to investigate a large numbers of processes, from making spectrograms and pitch analyses to looking at how the ear analyzes sounds, synthesizing speech in articulatory terms, using neural nets, describing phonetic events by means of optimality theory, and much more.»

espectros consonânticos¹¹. Para além da análise acústica foram ainda efectuadas múltiplas audições das palavras.

Assim, considerou-se haver apagamento de vogal sempre que os três aspectos acima referidos (reforço de intensidade na forma de onda; espectro vocálico (F1, F2 e F3) ou presença de F0) não se manifestaram a nível da análise dos espectrogramas.

Na identificação acústica das vogais átonas não se verificou, por vezes, a coexistência dos três critérios acima apresentados. Nestes casos, optou-se por considerar apagamento de segmentos átonos perante a ausência de espectro vocálico (F1, F2 e F3).

Reconhecemos, no entanto, que entre a realização total de uma vogal não acentuada e a sua completa supressão poderá haver estádios intermédios. Talvez algumas das vogais que considerámos suprimidas sofram apenas enfraquecimento. Admitimos, contudo, que o enfraquecimento e o desvozeamento poderão ser um primeiro passo para o apagamento.

Noutros casos, verificou-se a inexistência de marcas acústicas de vogal, apesar de ela parecer estar presente a nível perceptivo. Este facto pode dever-se às marcas deixadas pelo segmento vocálico no contexto consonântico adjacente. Delgado-Martins (1996:258) faz referência à transferência progressiva «de certaines qualités vocaliques sur la consonne fricative («burst de voisement» et zones de fricatisation «formantiques»)). Ce phénomène pourrait expliquer acoustiquement la perception de la présence vocalique quand la voyelle en soi est acoustiquement non réalisée».

No entanto, apesar de algumas dificuldades sentidas durante o processo de análise acústica, não cremos que tais factos possam anular os resultados obtidos.

¹¹ Outros autores deparam com esta mesma dificuldade (cf. A. Andrade (1987:11): «Note-se que a descrição acústica das vogais, e de um modo geral das sonantes, levanta bastantes dificuldades precisamente devido à sua grande variabilidade dinâmica e susceptibilidade articulatória.»; cf. Mateus e Delgado-Martins (1982:112): «(...) em virtude da extrema variação da presença/ausência dessas vogais em espectrogramas analisados, e tendo em conta a dificuldade que muitas vezes existe em determinar se as vogais estão ou não presentes nos registos gráficos.»).

Capítulo 3

3. Resultados.

Foi pedido aos falantes que lessem o texto com naturalidade e todos eles apresentaram um débito elocucional aparentemente rápido.

3.1. Categorias de realizações fonéticas.

Depois de feita a gravação, os resultados foram repartidos por várias categorias, de acordo com o número de sílabas pronunciadas efectivamente em cada produção fonética segundo os critérios expostos em 2.1.5. As realizações de cada falante foram classificadas da seguinte forma¹²:

TRI (*Trissílabos*):

Os falantes pronunciaram as palavras assinaladas com TRI como trissílabos fonéticos, mantendo a articulação (fonética) das três vogais e, consequentemente, de três sílabas (ex.: *sátira* ['satirɐ]; *bêbera* ['bebɐrɐ]).

¹² No final do nosso trabalho encontram-se, em anexo, os espectrogramas e formas de onda de algumas palavras que demonstram cada uma destas realizações.

DISS 103 (*Dissílabos com apagamento da penúltima vogal*):

Desta categoria fazem parte as palavras cuja vogal da segunda sílaba fonológica foi foneticamente suprimida. Estes trissílabos esdrúxulos foram pronunciados, a nível superficial, como dissílabos graves. A queda da vogal provoca o aparecimento de um grupo consonântico não existente a nível fonológico (ex.: *ép(o)ca* ['ɛpkə]; *pág(i)na* ['paʒnə]).

DISS 120 (*Dissílabos com apagamento da última vogal*):

As palavras pronunciadas desta forma conservam foneticamente a vogal átona da segunda sílaba mas não a última vogal. Não há formação de grupo consonântico, mas podem surgir em coda segmentos não admissíveis nesta posição (ex.: *péssim(o)* ['pɛsim], *súbit(o)*, ['subit]).

MONO (*Monossílabos com apagamento das duas últimas vogais*):

Os falantes pronunciaram as palavras assinaladas com MONO como monossílabos, mantendo foneticamente apenas a vogal tónica. Com a queda das vogais átonas, dois segmentos consonânticos poderão ocupar a posição de coda (ex.: *gén(e)r(o)* ['ʒɛnr], *mét(o)d(o)* ['mɛtd]).

OUTR (*Outros*):

Algumas palavras apresentaram uma produção que não se revê em nenhuma das categorias anteriormente referidas. Tais produções foram inseridas numa categoria à parte. Neste grupo incluem-se palavras em que o [l] não foi pronunciado (exs.: *bússu(l)a*, *f(l)âmu(l)a*, *júbi(l)o*, etc.). Nestes casos o falante parece pronunciar a vogal interna como se de uma semivogal se tratasse ([¹buswə], [¹ʒubju]). Neste grupo encontram-se ainda palavras em que uma sílaba foi apagada, talvez devido a leitura rápida por parte do informante (ex.: *chá(ve)na*), ou palavras lidas de forma anómala (ex.: *râncidas* [¹rɛkideʃ]¹³).

3.1.2. Percentagens totais.

Os resultados das realizações fonéticas e as respectivas percentagens são apresentados no quadro seguinte.

¹³ Em versão digital não foi possível colocar na transcrição fonética um acento gráfico indicador da nasalidade da primeira vogal.

QUADRO 8: *Realizações fonéticas dos trissílabos incluídos no material linguístico (por informante e no total dos 3 informantes).*

	CF N=37	JR N=37	LA N=37	TOTAL N=111
TRI <i>Trissílabos</i>	N=10 27.03%	N=12 32.43%	N=9 24.32%	N=31 27.93%
DISS 1ø3 <i>Dissílabos com apagamento da penúltima vogal</i>	N=9 24.32%	N=12 32.43%	N=13 35.14%	N=34 30.63%
DISS 12ø <i>Dissílabos com apagamento da última vogal</i>	N=5 13.51%	N=5 13.51%	N=4 10.80%	N=14 12.61%
MONO <i>Monossílabos com apagamento das duas últimas vogais</i>	N=7 18.92%	N=7 18.92%	N=10 27.03%	N=24 21.62%
OUTR <i>Outros</i>	N=6 16.22%	N=1 2.71%	N=1 2.71%	N=8 7.21%

N=total de palavras/ocorrências

As percentagens referem-se ao total de cada informante na coluna respectiva e ao total dos 3 informantes (última coluna).

3.1.2.1. Queda fonética da penúltima vogal dos trissílabos proparoxítonos (103).

Vejamos agora o que sucede relativamente à queda dos segmentos vocálicos na segunda sílaba dos trissílabos fonológicos que constituem o nosso *corpus* ([i], [ɨ], [u])¹⁴.

Para isso, foi tido em consideração o número de palavras que possuem essas vogais em posição pós-tónica não final.

Assim, dos 37 trissílabos que constituem a totalidade do nosso *corpus*, 11 têm na segunda sílaba um [i], 12 têm um [ɨ] como vogal em interior de palavra e 14 possuem [u] na mesma posição. Como constatamos no *Quadro 9*, [i] é a vogal menos suprimida na penúltima sílaba, enquanto [ɨ] e [u] apresentam valores não muito distanciados (69.44% e 61.90%, respectivamente).

¹⁴ Nenhuma palavra do nosso *corpus* possui vogal átona [ɐ] na segunda sílaba devido às razões apresentadas em 2.1.2.

QUADRO 9: *Realizações com vogais suprimidas foneticamente na penúltima sílaba.*

[i] (<i>penúltima sílaba</i>)	CF N=11	JR N=11	LA N=11	TOTAL N=33
	N=3 27.27%	N=1 9.09%	N=3 27.27%	N=7 21.21%
[i̥] (<i>penúltima sílaba</i>)	CF N=12	JR N=12	LA N=12	TOTAL N=36
	N=6 50%	N=11 91.67%	N=8 66.67%	N=25 69.44%
[u] (<i>penúltima sílaba</i>)	CF N=14	JR N=14	LA N=14	TOTAL N=42
	N=7 50%	N=7 50%	N=12 85.71%	N=26 61.90%
TOTAL de vogais suprimidas foneticamente por cada falante na penúltima sílaba	CF N=37	JR N=37	LA N=37	TOTAL N=111
	N=16 43.24%	N=19 51.35%	N=23 62.16%	N=58 52.25%

N=total de palavras/ocorrências

As percentagens referem-se ao total de cada informante na coluna respectiva e ao total dos 3 informantes (última coluna).

3.1.2.2. Queda fonética da última vogal dos trissílabos proparoxítonos (12ø).

Relativamente às vogais átonas finais, podemos encontrar 18 trissílabos cuja vogal final é [ɐ], 1 com [i] em posição final e 18 cuja última vogal é [u]. A vogal [i] não ocorre nesta posição em nenhuma palavra do *corpus* utilizado neste trabalho¹⁵.

[i] surge como última vogal em apenas uma palavra, seguida de marca de plural (*séseles*). Por este motivo, tal realização fonética não foi tida em conta na análise percentual dos dados, ao contrário das palavras que possuem as vogais [ɐ] e [u] na última sílaba fonológica.

¹⁵ Como foi dito no início deste trabalho (vd. 1.3.2), as vogais átonas que ocupam a posição final de sílaba são apenas [i], [u] e [ɐ]. A vogal não acentuada [i] poderá ocorrer raramente nesta posição, em palavras importadas ou cultas (cf. Mateus *et al.*, 2003:992).

QUADRO 10: *Realizações com vogais suprimidas foneticamente na última sílaba*¹⁶.

[ɐ] (última sílaba)	CF N=18	JR N=18	LA N=18	TOTAL N=54
	N=2 11.11%	N=1 5.56%	N=1 11.11%	N=4 7.41%
[u] (última sílaba)	CF N=18	JR N=18	LA N=18	TOTAL N=54
	N=10 55.56%	N=11 61.11%	N=12 66.67%	N=33 61.11%
TOTAL <i>de vogais</i> <i>suprimidas</i> <i>foneticamente</i> <i>por</i> <i>cada falante na</i> <i>última sílaba</i>	CF N=37	JR N=37	LA N=37	TOTAL N=111
	N=12 32.43%	N=12 32.43%	N=14 37.84%	N=38 34.23%

N=total de palavras/ocorrências

As percentagens referem-se ao total de cada informante na coluna respectiva e ao total dos 3 informantes (última coluna).

¹⁶ Verifica-se no nosso *corpus* a existência de um trissílabo com a vogal átona [i] em sílaba fonológica final (*séseles*). No entanto, visto que esta vogal surge em apenas uma palavra, optámos por não considerar as percentagens dos dados obtidos, já que elas não se apresentariam como relevantes.

3.1.2.3. Realização de grupos consonânticos devido a apagamento fonético da penúltima vogal átona.

Para verificarmos a percentagem de grupos consonânticos produzidos foneticamente em interior de palavra foram elaborados dois quadros.

No primeiro deles (*Quadro 11*) a percentagem é calculada relativamente aos 37 trissílabos que constituem o nosso *corpus*.

No *Quadro 12* os resultados são calculados em função do número de trissílabos presentes no nosso *corpus* cuja queda fonética da vogal medial pudesse causar encontros consonânticos legítimos ou ilegítimos. Isto significa que em 37 trissílabos proparoxítonos existem 12 cujo apagamento da vogal átona medial pode colocar em adjacência uma consoante obstruinte e uma consoante líquida. As percentagens dos resultados de cada falante para os grupos consonânticos permitidos são, assim, efectuadas a partir dessas 12 palavras. Por outro lado, nos 37 trissílabos que constituem o nosso *corpus*, encontram-se 25 palavras cuja supressão da penúltima vogal átona pode provocar o aparecimento de um grupo consonântico impróprio, constituído por qualquer adjacência de consoantes diferente de obstruinte+líquida. Assim, as percentagens para os grupos ilegítimos são calculadas em função desse número.

Nos falantes CF e JR o número de encontros consonânticos não permitidos é superior ao dos encontros permitidos, ao contrário do que se verifica para LA. No entanto, tendo em conta que existem, no nosso *corpus*, menos palavras que podem, eventualmente, originar grupos consonânticos legítimos (12 palavras contra as 25 que podem originar encontros impróprios), as percentagens apresentadas no *Quadro 12* são superiores para os grupos permitidos, em todos os falantes.

QUADRO 11: *Encontros consonânticos fonéticos em interior de palavra, devido ao apagamento da vogal átona em posição medial.*

	CF N=37	JR N=37	LA N=37	TOTAL N=111
<i>Encontro consonântico permitido</i>	N=3 8.11%	N=5 13.51%	N=8 21.62%	N=16 14.41%
<i>Encontro consonântico não permitido</i>	N=6 16.22%	N=7 18.92%	N=5 13.51%	N=18 16.22%
TOTAL <i>Encontros consonânticos (permitidos e não permitidos) pronunciados por cada falante</i>	CF N=37	JR N=37	LA N=37	TOTAL N=111
	N=9 24.32%	N=12 32.43%	N=13 35.14%	N=34 30.63%

N=total de palavras/ocorrências

As percentagens referem-se ao total de cada informante na coluna respectiva e ao total dos 3 informantes (última coluna).

As percentagens foram calculadas relativamente ao número total de palavras que constituem o nosso *corpus* (37 trissílabos proparoquítonos fonológicos).

QUADRO 12: *Encontros consonânticos fonéticos em interior de palavra, devido ao apagamento da vogal átona em posição medial.*

<i>Encontro consonântico permitido</i>	CF N=12	JR N=12	LA N=12	TOTAL N=36
	N=3 25%	N=5 41.67%	N=8 66.67%	N=16 44.44%
<i>Encontro consonântico não permitido</i>	CF N=25	JR N=25	LA N=25	TOTAL N=75
	N=6 24%	N=7 28%	N=5 20%	N=18 24%
TOTAL <i>Encontros consonânticos (permitidos e não permitidos) pronunciados por cada falante</i>	CF N=37	JR N=37	LA N=37	TOTAL N=111
	N=9 24.32%	N=12 32.43%	N=13 35.14%	N=34 30.63%

N=total de palavras/ocorrências

As percentagens referem-se ao total de cada informante na coluna respectiva e ao total dos 3 informantes (última coluna).

Os trissílabos que constituem o nosso corpus (37 palavras) foram divididos em duas categorias: trissílabos cujo apagamento de vogal pudesse provocar encontros consonânticos fonologicamente permitidos (12 palavras) e trissílabos cujo apagamento de vogal pudesse provocar encontros consonânticos fonologicamente não permitidos (25 palavras). As percentagens foram calculadas relativamente a cada uma destas categorias.

3.1.2.4. Queda de vogais átonas em palavras frequentes e não frequentes.

De seguida, apresentamos o número de quedas fonéticas ocorridas em palavras frequentes e não frequentes.

Tal como sucedeu com os encontros consonânticos, apresentamos os resultados em dois quadros distintos.

No *Quadro 13* todas as percentagens são calculadas em função dos 37 trissílabos que constituem o nosso *corpus*. Note-se que em alguns trissílabos fonológicos frequentes houve mais do que uma queda por palavra. Assim, palavras como, por exemplo, *número*, foram realizadas foneticamente como monossílabos, perdendo as duas vogais átonas ([¹numr]).

No *Quadro 14* os valores são apresentados em função do número específico de palavras frequentes e não frequentes que existem realmente no conjunto de palavras que estamos a analisar no nosso trabalho¹⁷. Assim, nos 37 trissílabos pertencentes ao nosso *corpus* encontramos 25 trissílabos frequentes e 12 trissílabos não frequentes. As percentagens do *Quadro 14* são calculadas em função destes dois valores.

¹⁷ Cf. *Quadros 1 e 2*, onde se pode ver, respectivamente, quais as palavras frequentes e não frequentes que constituem o nosso *corpus*. Para a explicitação dos critérios que nos levaram a classificar cada palavra como frequente ou não frequente, vd. 2.1.2.

QUADRO 13: *Número de quedas em palavras frequentes e não frequentes.*

	CF N-Pal=37	JR N-Pal=37	LA N-Pal=37	TOTAL N-Pal=111
<i>Queda em palavras frequentes</i>	N-Qd=23 62.162%	N-Qd=28 75.675%	N-Qd=33 89.189%	N-Qd=84 75.675%
<i>Queda em palavras não frequentes</i>	N-Qd=5 13.51%	N-Qd=3 8.11%	N-Qd=4 10.81%	N-Qd=12 10.81%
TOTAL de quedas realizadas foneticamente por cada falante (palavras frequentes e não frequentes)	CF N-Pal=37	JR N-Pal=37	LA N-Pal=37	TOTAL N-Pal=111
	N-Qd=28 75.675%	N-Qd=31 83.783%	N-Qd=37* 100%	N-Qd=96 86.49%

N-Pal= número de palavras pronunciadas.

N-Qd= número de *quedas* (por exemplo, *em 37 palavras pronunciadas, CF suprimiu 23 vogais*).

As percentagens referem-se ao total de cada informante na coluna respectiva e ao total dos 3 informantes (última coluna).

* Este resultado não significa que LA tenha realizado foneticamente todas as palavras do nosso *corpus* com supressão de vogal. Algumas palavras não apresentaram apagamento de nenhuma vogal e noutras houve mais do que uma queda. Este resultado mostra-nos que LA suprimiu 37 vogais em 37 palavras (e não necessariamente uma vogal por cada palavra).

QUADRO 14: Número de quedas em palavras frequentes e não frequentes.

	CF N-Pal=25	JR N-Pal=25	LA N-Pal=25	TOTAL N-Pal=75
<i>Queda em palavras frequentes</i>	N-Qd=23 92%	N-Qd=28** 112%	N-Qd=33** 132%	N-Qd=84** 112%
	CF N-Pal =12	JR N-Pal=12	LA N-Pal=12	TOTAL N-Pal=36
<i>Queda em palavras não frequentes</i>	N-Qd=5 41.67%	N-Qd=3 25%	N-Qd=4 33.33%	N-Qd=12 33.33%
	CF N-Pal =37	JR N-Pal =37	LA N-Pal =37	TOTAL N-Pal =111
TOTAL de quedas realizadas foneticamente por cada falante (palavras frequentes e não frequentes)	N-Qd=28 75.675%	N-Qd=31 83.783%	N-Qd=37* 100%	N-Qd=96 86.486%

N-Pal= número de palavras pronunciadas.

N-Qd= número de *quedas* (por exemplo, em 25 palavras pronunciadas, JR suprimiu 28 vogais).

As percentagens referem-se ao total de cada informante na coluna respectiva e ao total dos 3 informantes (última coluna).

O *corpus* de trissílabos proparoxítonos utilizado neste trabalho possui 25 palavras frequentes e 12 palavras não frequentes. As percentagens aqui apresentadas são calculadas em função destes dois valores.

* Este resultado não significa que LA tenha realizado foneticamente todas as palavras do nosso *corpus* com supressão de vogal. Algumas palavras não apresentaram apagamento de nenhuma vogal e noutras houve mais do que uma queda. Este resultado mostra-nos que LA suprimiu 37 vogais em 37 palavras (e não necessariamente uma vogal por cada palavra).

** Como foi acima referido, os resultados dizem respeito ao número de ocorrências de supressão de vogais e não ao número de palavras em que houve queda. Isto significa que houve palavras que não manifestaram queda de segmentos vocálicos e palavras em que foram suprimidas foneticamente duas vogais átonas. Como se pode constatar pelo total de quedas em palavras frequentes, em 75 palavras verificou-se o apagamento de 84 vogais átonas, o que explicita uma percentagem de 112%.

3.1.2.5. Realizações fonéticas dos trissílabos não frequentes.

Relativamente às palavras não frequentes, os *Quadros 13 e 14* mostraram-nos apenas o número total de quedas efectuadas por cada falante. Vejamos agora com mais pormenor o que sucede com essas palavras e como é que as quedas se distribuem por cada uma delas (12 palavras lidas por cada falante, o que perfaz um total de 36 realizações de palavras não frequentes):

QUADRO 15: Realizações fonéticas dos 12 trissílabos não frequentes.

		CF N=12	JR N=12	LA N=12	TOTAL N=36	
TRI <i>Trissílabos</i>		N=5 41.67%	N=9 75%	N=8 66.67%	N=22 61.11%	
DISS 102 <i>Dissílabos com apagamento da penúltima vogal</i>	[i]	N=0 0%	N=0 0%	N=0 0%	N=0 0%	N=8 22.22%
	[i]	N=1 8.33%	N=3 25%	N=1 8.33%	N=5 13.89%	
	[u]	N=1 8.33%	N=0 0%	N=2 16.67%	N=3 8.33%	
DISS 120 <i>Dissílabos com apagamento da última vogal</i>	[ø]	N=1 8.33%	N=0 0%	N=0 0%	N=1 2.78%	N=4 11.11%
	[i]	N=0 0%	N=0 0%	N=1 8.33%	N=1 2.78%	
	[u]	N=2 16.67%	N=0 0%	N=0 0%	N=2 5.56%	
MONO <i>Monossílabos</i>		N=0 0%	N=0 0%	N=0 0%	N=0 0%	
OUTR <i>Outros</i>		N=2 16.67%	N=0 0%	N=0 0%	N=2 5.56%	

N=total de palavras/ocorrências

As percentagens referem-se ao total de cada informante na coluna respectiva e ao total dos 3 informantes (última coluna).

3.1.2.6. Quadro-síntese das realizações fonéticas dos trissílabos proparoxítonos pertencentes ao nosso *corpus* (queda de vogais átonas e formação de encontros consonânticos).

TRISSÍLABO ESDRÚXULOS	CF	JR	LA
Bêbera	TRI	TRI	TRI
Bússola	OUTR	DISS 1ø3 [sl] [u]	DISS 1ø3 [sl] [u]
Chávena	DISS 1ø3 [vn] [i]	DISS 1ø3 [vn] [i]	OUTR
Cócoras	DISS 1ø3 [kr] [u]	TRISS	DISS 1ø3 [kr] [u]
Cómodo	DISS 12ø [u]	TRI	MONO [md] [u] [u]
Díssona	DISS 1ø3 [sn] [u]	TRI	TRI
Dróseras	TRI	DISS 1ø3 [zr] [i]	TRI

Época	DISS 1ø3 [pk] [u]	DISS 1ø3 [pk] [u]	DISS 1ø3 [pk] [u]
Fêvera	DISS 1ø3 [vr] [i]	DISS 1ø3 [vr] [i]	DISS 1ø3 [vr] [i]
Flâmula	OUTR	TRI	DISS 1ø3 [ml] [u]
Género	MONO [nr] [i] [u]	MONO [nr] [i] [u]	MONO [nr] [i] [u]
Ímpeto	MONO [pt] [i] [u]	MONO [pt] [i] [u]	MONO [pt] [i] [u]
Índigo	DISS 12ø [u]	TRI	TRI
Júbilo	OUTR	DISS 12ø [u]	DISS 12ø [u]
Método	MONO [td] [u] [u]	MONO [td] [u] [u]	MONO [td] [u] [u]
Música	DISS 12ø [ɐ]	DISS 12ø [ɐ]	MONO [zk] [i] [ɐ]

Nêvedas	DISS 1ø3 [vd] [i]	DISS 1ø3 [vd] [i]	DISS 1ø3 [vd] [i]
Número	DISS 1ø3 [mr] [i]	MONO [mr] [i] [u]	MONO [mr] [i] [u]
Óculos	MONO [klʃ] [u] [u]	DISS 1ø3 [kl] [u]	MONO [klʃ] [u] [u]
Ópera	TRI	DISS 1ø3 [pr] [i]	DISS 1ø3 [pr] [i]
Página	DISS 1ø3 [ʒn] [i]	DISS 1ø3 [ʒn] [i]	DISS 1ø3 [ʒn] [i]
Péssimo	MONO [sm] [i] [u]	DISS 12ø [u]	DISS 12ø [u]
Próvida	A	A	A
Próximo	MONO [sm] [i] [u]	DISS 12ø [u]	MONO [sm] [i] [u]
Râncidas	OUTR	TRI	TRI

Rémora	DISS 12ø [ø]	TRI	TRI
Rúbido	DISS 12ø [u]	TRI	TRI
Sátira	TRI	TR	TRI
Século	MONO [kl] [u] [u]	MONO [kl] [u] [u]	DISS 1ø3 [kl] [u]
Séseles	TRI	DISS 1ø3 [zl] [i]	DISS 12ø [i]
Símbolo	OUTR	DISS 1ø3 [bl] [u]	DISS 1ø3 [bl] [u]
Sítulas	TRI	TRI	DISS 1ø3 [tl] [u]
Súbito	TRI	DISS 12ø [u]	DISS 12ø [u]
Títulos	DISS 1ø3 [tl] [u]	DISS 1ø3 [tl] [u]	DISS 1ø3 [tl] [u]

Trémulo	OUTR	OUTR	MONO [ml] [u] [u]
Trôpego	TRI	MONO [pg] [i] [u]	MONO [pg] [i] [u]
Útero	TRI	MONO [tr] [i] [u]	DISS 1ø3 [tr] [i]

TRI: Trissílabos

DISS 1ø3: Dissílabos com apagamento da penúltima vogal

DISS 12ø: Dissílabos com apagamento da última vogal

MONO: Monossílabos com apagamento das duas últimas vogais

OUTR: Outros

Palavras escritas a negrito: palavras não frequentes

Capítulo 4

4. Discussão dos resultados.

Tal como esperávamos, a queda de vogais átonas revelou-se bastante frequente no *corpus* de palavras utilizado para este trabalho (cf. *Quadros 8, 9 e 10*). Os trissílabos esdrúxulos foram foneticamente realizados como dissílabos (30.63% de dissílabos provocados pelo apagamento da vogal da segunda sílaba fonológica e 12.61% de dissílabos originados pela supressão da vogal da última sílaba fonológica) e também como monossílabos (21.62%). Além disso, os dissílabos surgem em duas variantes: dissílabos com apagamento da vogal em posição medial e dissílabos com apagamento da última vogal. Os monossílabos apresentam, nos três falantes, valores superiores aos dos dissílabos com apagamento da última vogal, e um dos falantes (LA) manifesta maior realização de monossílabos (27.03%) do que de trissílabos (24.32%).

Como podemos constatar pelos *Quadros 8, 9 e 10*, LA é o falante que menos trissílabos pronuncia e que mais vogais suprime. Este indivíduo realiza maioritariamente dissílabos com apagamento da penúltima vogal (35.14%), em seguida, monossílabos (27.03%), trissílabos (24.32%) e, por fim, dissílabos com supressão da última vogal (10.80%). Como é o falante que produz maior número de dissílabos com supressão da penúltima vogal (35.14%), é também o que apresenta mais ocorrências de grupos consonânticos a nível fonético (cf. *Quadros 11 e 12*).

CF apresenta uma percentagem bastante elevada (16.22%) de leituras anómalas (OUTR) devido ao facto de manifestar alguma dificuldade na produção da líquida lateral ([l]). As realizações fonéticas deste falante são as seguintes: 27.03% de

trissílabos, 24.32% de dissílabos com apagamento da vogal pós-tónica não final, 18.92% de monossílabos e 13.51% de dissílabos com supressão da última vogal.

JR realiza foneticamente a mesma percentagem de trissílabos e de dissílabos com supressão da penúltima vogal (32.43%), apresentando 18.92% de monossílabos e 13.51% de dissílabos com apagamento da vogal final.

Como as palavras utilizadas no nosso estudo foram lidas num texto, tivemos em atenção o facto de a vogal final de um trissílabo poder fundir-se com a vogal inicial da palavra seguinte ou semivocalizar. Assim, em casos como «a *música* inundava» a queda da vogal átona final pode estar relacionada com o carácter vocálico do segmento seguinte¹⁸. A palavra *música* foi realizada das seguintes formas: dissílabo com apagamento da última vogal (CF e JR) e monossílabo (LA). Relativamente a «*próximo* estudo», o trissílabo foi pronunciado como dissílabo com apagamento da última vogal (JR) e como monossílabo (CF e LA). Em «*rúbido e índigo*», a palavra *rúbido* teve uma realização como dissílabo com apagamento da última vogal (CF) sendo mantida por JR e LA como trissílabo. Os restantes casos em que um trissílabo é seguido de segmento vocálico não foram tidos em consideração já que as palavras se encontram separadas por pausa. Reconhecemos, no entanto, que este aspecto deveria ter sido controlado, de modo a que fosse evitado o posicionamento de palavras pertencentes ao material linguístico antes de palavras iniciadas por segmento vocálico.

O apagamento de vogais átonas é referido por alguns autores (cf., por exemplo, A. Andrade (1994b:303), Delgado-Martins (1982:111), Veloso (2003b:262)) como um fenómeno facultativo e irregular. Este facto é confirmado pelos resultados que obtivemos pois, para uma determinada palavra, existem por vezes três realizações

¹⁸ Como afirmámos em 0.2.1.1. e 2.1.2, no momento de selecção do *corpus* e de construção do texto lido pelos informantes não foi atribuída muita relevância à vogal final dos trissílabos proparoxítonos, pelos motivos já explicitados. Desta forma, três trissílabos do nosso *corpus* surgem antes de palavra iniciada por vogal. Reconhecemos, no entanto, que este facto constitui uma falha metodológica na construção do nosso *corpus*.

fonéticas distintas. A palavra *cómodo* foi produzida como um trissílabo (JR), um monossílabo (LA) e um dissílabo com supressão da última vogal (CF)¹⁹.

Em 2.1.1. apresentámos várias hipóteses que tentámos comprovar. Verifiquemos agora se os resultados confirmam essas hipóteses. A discussão de cada uma das nossas questões de partida será feita em separado, em secções autónomas do texto. No início de cada uma destas secções, retomamos na íntegra a formulação da questão respectiva, de acordo com 2.1.1.

1ª Questão

«Existe a tendência, em trissílabos esdrúxulos, para a queda das vogais átonas que se encontram na penúltima sílaba dos mesmos.»

Ao colocarmos esta hipótese partimos do princípio de que trissílabos esdrúxulos de constituição silábica (C)(C)V.CV.CV(Spl)²⁰ poderiam passar foneticamente a dissílabos graves de estrutura (C)(C)V.CCV(Spl), devido a uma regularização a nível acentual, já que as palavras esdrúxulas constituem uma minoria em português.

Como podemos constatar pelo *Quadro 8*, a queda da penúltima vogal confirmou-se em 30.63% dos trissílabos esdrúxulos analisados, sendo superior à

¹⁹ Os espectrogramas das três realizações encontram-se no Anexo 5.

²⁰ Como foi já referido em 0.2. e 2.1.2., as palavras analisadas neste estudo podem apresentar ataque simples, ramificado ou não preenchido (*júbilo*, *trôpego*; *útero*). Algumas palavras apresentam sílaba final fechada, se terminada em /S/ de plural (*títulos*). Em versão digital não foi possível colocar um acento agudo gráfico sobre o primeiro V. No entanto, note-se que a primeira vogal (V) é a tónica, pelo que se deve subentender a presença de um acento agudo gráfico sobre a mesma.

percentagem de palavras realizadas com as três sílabas originárias (27.93%). No entanto, os falantes não pronunciaram apenas dissílabos com apagamento da vogal pós-tónica não-final, mas também dissílabos com supressão da última vogal. Além disso, várias palavras foram produzidas como monossílabos. LA é o falante que apresenta maior percentagem de dissílabos com supressão da penúltima vogal (35.14%), relativamente aos outros falantes e às outras variantes apresentadas (trissílabos, dissílabos com apagamento da última vogal e monossílabos). O segundo falante com maior realização de dissílabos com supressão da penúltima vogal é JR (32.43%) e, em seguida, CF com 24.32%.

O apagamento da penúltima vogal não é, como se verifica, um fenómeno regular já que em várias palavras foram suprimidas as duas vogais átonas ou a vogal não acentuada final.

2ª Questão

«De entre todas as vogais átonas, algumas manifestam maior propensão para serem reduzidas ou suprimidas.»

Vejamos, em primeiro lugar, o que sucede na segunda sílaba fonológica das palavras analisadas (cf. *Quadro 9*). A vogal [i] encontra-se nesta posição em 12 palavras, o que perfaz um total de 36 realizações (12 × 3 falantes). Em 36 palavras podemos constatar que a vogal medial [i] é suprimida em 25 delas (69.44%). Esta é a vogal que apresenta maior número de quedas na penúltima sílaba, relativamente a [u] e [i]. A vogal [u] encontra-se na penúltima sílaba de 14 trissílabos proparoxítonos, o que

perfaz um total de 42 palavras (14×3 falantes). Como [u] é suprimido em 26 dessas palavras, obtemos uma percentagem de 61.90% de quedas desta vogal. [i] é o segmento vocálico menos suprimido em posição interior já que, em 33 palavras (11×3 falantes), é suprimida apenas sete vezes (21.21%).

Relativamente à posição final de palavra (cf. *Quadro 10*), existem 18 trissílabos esdrúxulos com a vogal átona final [ɐ]²¹. Num total de 54 palavras (18×3 falantes) com [ɐ] em posição final, ocorre apagamento da vogal em apenas 4 palavras (7.41%). Note-se que três dessas quedas dizem respeito a *música* que, como foi já referido, se encontra antes de palavra iniciada por vogal, o que poderá ter provocado a supressão de [ɐ] final por parte dos três falantes. Quanto à vogal [i] encontramos apenas 1 trissílabo com esse segmento vocálico em posição final (seguido de marca de plural), o que origina 3 palavras (1×3 falantes). Apenas um dos falantes suprimiu a vogal final [i]. Podemos constatar que, em posição final, [u] foi largamente suprimido. Em 54 palavras (18 trissílabos com vogal final [u] $\times 3$ falantes) a vogal final não foi pronunciada 33 vezes (61.11%).

Como vimos inicialmente (vd. 1.3.4.1.), o contexto fonológico adjacente pode contribuir para a supressão de vogais átonas. Constatámos, também, que vários autores referem a presença de consoante oclusiva surda antes de vogal não acentuada como um dos ambientes propiciadores para a queda da mesma (cf. Gonçalves Viana, 1883; Stevens, 1954; Companys, 1954; A. Andrade, 1994a; Rodrigues, 2000). Pelos dados obtidos no nosso estudo, a vogal átona pós-tónica não final foi suprimida em praticamente todos os trissílabos esdrúxulos em que a consoante precedente é uma oclusiva surda. Assim, palavras como *cócoras*, *ópera*, *trôpego* e *útero* manifestam

²¹ A presença de [ɐ] em sílaba final é explicitada em 0.2.1.1. e 2.1.2.

apagamento da penúltima vogal por parte de dois falantes; *época*, *ímpeto*, *método*, *óculos*, *século* e *títulos* foram realizadas sem vogal medial pelos três falantes, enquanto *sítulas* apresenta apenas uma queda. O único trissílabo cuja vogal átona precedida de consoante surda em posição medial não sofre supressão é o trissílabo *sátira*, talvez devido ao facto de a vogal átona [i] ser uma das que manifesta menor propensão para a queda.

Relativamente às sílabas finais, são poucas as oclusivas surdas em posição de ataque na terceira sílaba fonológica dos trissílabos analisados. De todas as palavras que obedecem a esta condição, *época* é a única que não apresenta apagamento da vogal final, provavelmente devido às características particulares de [ɐ] que, segundo Mateus e Andrade (2000:32), nunca é apagado em posição final²². A vogal final de *música* foi suprimida pelos três falantes na leitura do texto, devido ao segmento vocálico que inicia a palavra seguinte. As palavras *ímpeto* e *súbito* apresentam queda da vogal final em três e dois falantes, respectivamente.

Vejamos agora o número de quedas de vogais finais precedidas por líquida lateral, líquida vibrante, nasal e oclusiva sonora. Em seis trissílabos cuja sílaba final é constituída por líquida lateral+[u] verifica-se a ocorrência de apagamento em quatro palavras: duas quedas de [u] em *júbilo*, duas quedas em *óculos*, duas em *século* e uma em *trémulo*. A palavra *séseles*, com [l]+[i] na última sílaba, apresenta supressão de [i] por parte de um falante.

Quanto à líquida vibrante, em sete palavras com [r]+[ɐ] na última sílaba, uma delas manifestou um apagamento do segmento vocálico final (*ré mora*). Das três palavras cuja sílaba final é constituída por [r]+[u], uma delas apresenta supressão por

²² Cf. Mateus e Andrade (2000:32): «Word-final unstressed [i] and [u] are frequently deleted in colloquial speech while [ɐ] is never deleted».

parte dos três falantes (*género*) e outra é realizada com duas quedas (*número*), enquanto a vogal final de *útero* é suprimida apenas por um falante.

De todos os trissílabos utilizados no nosso *corpus* existem apenas cinco com consoante nasal em ataque na última sílaba (três nasais coronais e duas nasais labiais). Nas palavras com [n]+[ɐ] em sílaba final (*chávena*, *díssona*, *página*) não se verifica apagamento de vogal pois, como foi já referido, [ɐ] átono não manifesta tendência para sofrer apagamento. Nos dois trissílabos com [m]+[u] (*péssimo*, *próximo*) ocorre supressão da vogal final por parte dos três falantes.

Ainda em sílaba final podemos encontrar vogais precedidas de consoantes oclusivas sonoras. Dos três trissílabos com [d]+[u] em sílaba final, *cómodo* manifesta queda por parte de dois falantes, *método* apresenta três quedas e *rúbido* apenas uma.

Quanto às duas palavras com [g]+[u], podemos verificar que uma delas é realizada com um apagamento da vogal final (*índigo*) e outra é produzida com supressão da vogal final por parte de dois falantes (*trôpego*)²³.

²³ Para além de poder ser provocada pelo contexto fonológico adjacente, a queda de vogais não acentuadas modifica, por vezes, os segmentos próximos dessas vogais. A ausência de vogal não é, por vezes, uma ausência total, já que alguns dos seus traços podem reflectir-se nas consoantes que as seguem ou as precedem. Como constatámos no nosso *corpus*, a redução e o apagamento das vogais átonas finais provocam algumas transformações no contexto consonântico adjacente, nomeadamente na oclusiva precedente. A análise das palavras *súbit(o)* (LA), *imp(e)t(o)* (CF, JR, LA) e *mét(o)d(o)* (CF) revela uma «fricatização» dessa oclusiva, cuja marca acústica é visível pela concentração de energia nas regiões superiores do espectro, semelhante ao efeito de «chuva» característico das fricativas. Na segunda sílaba fonológica é também possível encontrar fricatização da oclusiva em *trôp(e)g(o)* (JR, LA). Este fenómeno é referido por alguns autores. Companys (1954:114) afirma que a queda da vogal final provoca a aspiração da consoante precedente, que passa a ser pronunciada com um «sopro surdo» e Gonçalves Viana refere que se a consoante for explosiva sofre aspiração. No entanto, dadas as limitações temporais e visto foi deliberadamente excluída deste estudo a análise das marcas deixadas no contexto adjacente pela queda da vogal, não nos foi possível aprofundar este assunto. Apesar disso, admitimos que este aspecto merece estudo ulterior. Fica registada, contudo, a influência que o apagamento de segmentos vocálicos não acentuados poderá exercer sobre as consoantes adjacentes.

3ª Questão

«A queda das vogais átonas provoca, a nível fonético, a formação de grupos consonânticos que, muitas vezes, não respeitam o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança.»

Nos trissílabos analisados só se verifica a formação de encontros consonânticos quando ocorre a queda da vogal da penúltima sílaba. Desta forma, só as palavras assinaladas com DISS 103 manifestam um encontro consonântico em interior de palavra. As percentagens de realizações de grupos próprios e impróprios foram efectuadas em dois quadros (*Quadros 11 e 12*). No primeiro, a percentagem foi calculada em função dos 37 trissílabos proparoxítonos pronunciados por cada falante. No segundo foram tidos em conta o número de palavras que poderiam originar encontros consonânticos legítimos e o número de palavras que originariam, eventualmente, grupos consonânticos ilegítimos.

Podemos constatar que no *Quadro 11* o número de realizações de encontros inadmissíveis é superior, relativamente aos encontros admissíveis, nos falantes CF (16.22%) e JR (18.92%), ao contrário do que acontece com LA, que pronuncia maioritariamente grupos consonânticos permitidos (21.62%). Assim, o total de realizações de encontros consonânticos legítimos (14.41%) é inferior ao total de realizações de encontros consonânticos ilegítimos (16.22%), já que estes valores são efectuados relativamente às 37 palavras que constituem o nosso *corpus*.

Contudo, no *Quadro 12*, como as percentagens são calculadas em função do número de palavras que, potencialmente, poderão originar encontros permitidos e não permitidos, verificam-se valores superiores para os encontros permitidos (44.44% contra 24%).

Vejamos agora quais os grupos consonânticos encontrados nos trissílabos pertencentes ao nosso *corpus* e a respectiva transcrição fonética²⁴:

(11) Sequências consonânticas aceitáveis em português:

(a) Oclusiva + Lateral

[kl]	óc(u)los	[ˈɔkluʃ]
	séc(u)lo	[ˈsɛklu]
[tl]	sít(u)las	[ˈsitlɐʃ]
	tít(u)los	[ˈtitluʃ]
[bl]	símb(o)lo	[ˈsiblu] ²⁵

(b) Oclusiva + Vibrante

[pr]	óp(e)ra	[ˈɔprɐ]
[kr]	cóc(o)ras	[ˈkɔkrɐʃ]
[tr]	út(e)ro	[ˈutru]

O grupo seguinte é também geralmente classificado como admissível, apesar de ser constituído por consoantes que apresentam um nível menor de distanciamento em relação à escala de sonoridade. As únicas sequências consonânticas constituídas por

²⁴ Os Quadros 5 e 6 (cf. 2.1.2.), apresentam-nos todas as palavras do nosso *corpus* nas quais a penúltima vogal átona poderá, eventualmente, causar encontros consonânticos legítimos e ilegítimos.

²⁵ Em versão digital não foi possível colocar na transcrição fonética um acento gráfico indicador da nasalidade da primeira vogal.

fricativa+lateral e fricativa+vibrante, atestadas em português, são, respectivamente, [fl], [fr] e [vr].

(c) Fricativa + Vibrante

[vr] *fêv(e)ra* ['fevrɐ]

(12) Sequências consonânticas não aceitáveis em português:

(a) Fricativa + Oclusiva

[vd] *nêv(e)das* ['nevdeʃ]

(b) Fricativa + Nasal

[ʒn] *pá(g)ina* ['paʒnɐ]

[sn] *díss(o)na* ['disnɐ]

[vn] *cháv(e)na* ['ʃavnɐ]

(c) Fricativa + Lateral

[sl] *búss(o)la* ['buslɐ]

[zl] *sés(e)les* ['sezliʃ]

(d) Fricativa + Vibrante

[zʁ] drós(e)ras [ˈdʁɔzʁɐʃ]

(e) Oclusiva + Oclusiva

[pk] ép(o)ca [ˈɛpkə]

(f) Nasal + Lateral

[ml] flâm(u)la [ˈflɐmlɐ]

(g) Nasal + Vibrante

[mr] núm(e)ro [ˈnumʁu]

As sequências consonânticas presentes em (12) violam claramente o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança (cf. 1.4.2.), já que apresentam segmentos cuja sonoridade diminui da esquerda para a direita²⁶ (fricativa+oclusiva), segmentos com o mesmo grau de sonoridade (oclusiva+oclusiva) e segmentos com sonoridade

²⁶ Note-se que foi dito, acerca do Princípio de Sonoridade, que a sonoridade dos segmentos deve aumentar em direcção ao núcleo (vd. 1.4.2).

crescente entre si, mas muito próximos na Escala de Sonoridade (fricativa+nasal; nasal+lateral; nasal+vibrante).

Como foi já referido, os trissílabos proparoxítonos estudados neste trabalho apresentam a estrutura silábica (C)(C)V.CV.CV(Spl). Podemos verificar que, no nosso *corpus*, na sequência assinalada a negrito ((...) CV.C (...)) quando a consoante da segunda sílaba é uma obstruinte e a consoante da terceira é uma líquida, a vogal sofre, geralmente, apagamento. Bisol (2002:105-106) apresenta as consoantes líquidas como um dos ambientes mais favorecedores ao apagamento da vogal pós-tónica não final, já que, em português, a segunda consoante de ataques complexos deve ser sempre uma líquida.

Bisol afirma também que a vibrante é «formadora de ataque complexo melhor do que a lateral» e, por isso, ela provoca mais apagamento. No nosso *corpus* encontram-se dez trissílabos cuja consoante da segunda sílaba é uma oclusiva/fricativa/nasal e cuja consoante da terceira sílaba é uma vibrante, e dez trissílabos com oclusiva/fricativa/nasal na segunda sílaba e líquida lateral no ataque da terceira. Verificamos que em sete das dez palavras com vibrante no ataque da última sílaba a vogal átona em posição medial sofre apagamento, sendo as exceções *bêbera*, *rémora* e *sátira*.

Relativamente aos dez trissílabos com líquida lateral na terceira sílaba, podemos constatar que a vogal medial é mantida apenas numa palavra, *júbilo*. No entanto, estes exemplos não provam necessariamente que, nestas palavras, haja uma maior propensão para a vogal ser suprimida junto de lateral ou de vibrante, já que devem ser tidos em conta a qualidade da vogal em questão e a presença das palavras no léxico habitual dos falantes. Assim, os trissílabos *bêbera*, *rémora*, *sátira* e *júbilo* não manifestam supressão da vogal por parte de nenhum dos falantes, talvez devido ao facto de três deles serem

palavras pouco frequentes no vocabulário comum (*bêbera, rémora, júbilo*) e de a vogal [i] ser uma das vogais átonas que menos apagamento sofre.

Podemos constatar, assim, que nas palavras pronunciadas como dissílabos com supressão da penúltima vogal fonológica o apagamento do segmento vocálico coloca numa situação de adjacência as consoantes que inicialmente constituíam ataques simples da segunda e da terceira sílabas. Ao ser suprimida a vogal átona pós-tônica não final, as duas consoantes são pronunciadas como fazendo parte do mesmo constituinte silábico, ou seja, de um ataque ramificado. Relembre-se o que foi dito em 1.4.1: o ataque é constituído por uma ou mais consoantes à esquerda do núcleo, formando com ele uma estrutura silábica ramificada. Vimos que, a nível fonológico, as sequências de consoantes que podem fazer parte de ataques complexos encontram-se sujeitas às restrições da língua, já que devem obedecer ao Princípio de Sonoridade e à Condição de Dissemelhança (cf. 1.4.2.). No entanto, ocorrem frequentemente, a nível fonético, segmentos consonânticos adjacentes que violam estas duas concepções teóricas. No *corpus* analisado no nosso trabalho é visível a formação de grupos consonânticos que não obedecem aos requisitos fundamentais para serem considerados «próprios» ou «legítimos»²⁷: possuírem como primeiro elemento uma oclusiva ou uma fricativa não coronal ([f] ou [v]) e como segundo elemento um líquida (lateral ou vibrante).

Vimos também que, segundo Mateus (1995), as palavras que possuem, em português, grupos consonântico não conformes ao Princípio de Sonoridade e à Condição de Dissemelhança têm, a nível subjacente, um núcleo vazio que faz com que as consoantes adjacentes passem a constituir ataques simples de duas sílabas diferentes. Nas palavras analisadas no nosso estudo verifica-se precisamente o inverso. Os trissílabos assinalados com DISS 1ø3 no *Quadro 8* perdem foneticamente uma vogal

²⁷ Cf. Mateus e Andrade (2000:42).

existente a nível subjacente (a vogal pós-tónica não final) e duas consoantes passam a ser pronunciadas consecutivamente. Desta forma, as palavras são realizadas como dissílabos e o grupo consonântico criado foneticamente ocupa a posição de ataque ramificado da segunda sílaba.

4ª Questão

«Devido ao apagamento de vogais átonas, os trissílabos proparoxítonos podem transformar-se em dissílabos graves ou até em monossílabos, se a única vogal pronunciada for a tónica.»

Apesar de termos partido do pressuposto inicial de que os trissílabos proparoxítonos poderiam manifestar a tendência para se transformarem em dissílabos graves através da supressão da segunda vogal fonológica, tal não foi absolutamente confirmado. De facto, os falantes pronunciaram várias palavras como graves, através de duas variantes: 30.63% de dissílabos graves com apagamento da penúltima vogal (em palavras como *época* ['ɛpkə]; *página* ['paʒnɐ]; *nêvedas* ['nevɔʃ]) e 12.61% de dissílabos graves com supressão da última vogal (por exemplo, *péssimo* ['pesim]; *cómodo* ['kɔmud]; *súbito* ['subit])²⁸.

²⁸ A palavra *séseles* foi realizada de maneiras distintas: dois falantes pronunciaram esta palavra como um dissílabo, no entanto, um deles suprimiu a segunda vogal fonológica (*sés(e)les* ['sezliʃ]), formando o grupo consonântico [zl], enquanto outro falante apagou foneticamente a última vogal, velarizando a líquida lateral (*séssel(e)s* ['seziʃ]). A velarização de [l] é um fenómeno que ocorre em português, quando este segmento se encontra em final de sílaba e de palavra. No português do Brasil o fenómeno de velarização vai mais longe, transformando-se em vocalização (cf. Silva, 2002:63).

As percentagens demonstram que, quando é pronunciada apenas uma das vogais átonas, se verifica maior tendência nos três informantes para a queda da vogal da segunda sílaba fonológica, relativamente à vogal átona final.

Vejamos outras consequências fonéticas da transformação de trissílabos em dissílabos graves por apagamento da vogal átona final. Como foi referido no ponto 1.4.1., a coda faz parte da rima e é constituída pela consoante à direita do núcleo. De uma forma geral, as consoantes que podem ocupar a posição de coda são em menor número do que as que podem ocupar a posição de ataque, nas línguas do mundo. Em português, apenas três consoantes podem preencher esta posição: duas líquidas (/l/ e /r/) e uma fricativa (/s/) com diferentes realizações fonéticas ([ʃ] antes de consoante surda, [ʒ] antes de consoante sonora, [z] antes de vogal).

Em 1.5.5. afirmámos também que a não realização da vogal átona em final de palavra permite a ocorrência de todas as consoantes em coda para além das que são permitidas nesta posição. Nas palavras que constituem o nosso *corpus*, a supressão da vogal não acentuada final provoca o aparecimento das seguintes consoantes em coda:

(13) *Dissílabos com apagamento da última vogal (DISS 12Ø).*

Consoantes em coda:

[t] *súbit(o)* [ˈsubit]

[k] *músic(a)* [ˈmuzik]

[d] *cómod(o)* [ˈkɔmud]

rúbid(o) [ˈrubid]

[g] *índig(o)* ['idig]²⁹

[l] *júbil(o)* ['ʒubil]

[r] *rémor(a)* ['ɾɐmur]

[m] *péssim(o)* ['pɛsim]

próxim(o) ['prɔsim]

No entanto, para além de dissílabos, os falantes realizaram foneticamente várias palavras com uma só sílaba (21.62%), devido à queda das duas vogais não acentuadas.

Como se afirmou em 1.4.1., a coda em português é sempre não ramificada, possuindo apenas um segmento a nível fonológico, se bem que a nível fonético possa surgir mais do que uma consoante nesta posição (cf. Mateus e Andrade, 2000:53). Nos trissílabos que constituem o nosso *corpus*, a queda das duas vogais átonas transforma essas palavras em monossílabos com coda ramificada. As sequências consonânticas que surgem nas palavras assinaladas com MONO são as seguintes:

(14) *Monossílabos (MONO).*

Codas ramificadas:

[pg] *trôp(e)g(o)* ['tɾɔpg]

[pt] *ímp(e)t(o)* ['ipt]³⁰

²⁹ Em versão digital não foi possível colocar na transcrição fonética um acento gráfico indicador da nasalidade da primeira vogal.

[td] *mét(o)d(o)* [ˈmɛtd]

[tr] *út(e)r(o)* [ˈutr]

[klʃ] *óc(u)l(o)s* [ˈɔklʃ]

séc(u)l(o) [ˈsɛkl]

[md] *cóm(o)d(o)* [ˈkɔmd]

[ml] *trém(u)l(o)* [ˈtrɛml]

[mr] *núm(e)r(o)* [ˈnumr]

[nr] *gén(e)r(o)* [ˈʒɛnr]

[sm] *péss(i)m(o)* [ˈpɛsm]

próx(i)m(o) [ˈprɔsm]

[zk] *mús(i)c(a)* [ˈmuzk]

Como podemos observar, a queda de vogais não acentuadas traz consigo diversas consequências fonéticas que não estão de acordo com os processos fonológicos, nomeadamente com as normas admitidas a nível subjacente para as estruturas silábicas. A presença de várias consoantes em coda e a existência de codas ramificadas infringe os princípios estabelecidos fonologicamente para a constituição silábica do português.

³⁰ Em versão digital não foi possível colocar na transcrição fonética um acento gráfico indicador da nasalidade da vogal.

Podemos também concluir que a percentagem de palavras realizadas como monossílabos (21.62%) é superior à dos dissílabos com apagamento da última vogal (12.61%). Este facto parece mostrar que os falantes ou não realizam as duas vogais ou, quando suprimem apenas uma, essa vogal é tendencialmente a penúltima.

A elevada realização de monossílabos, num *corpus* constituído apenas por trissílabos esdrúxulos confirma a seguinte afirmação de Rodrigues (2000:18): «muitas palavras ficam reduzidas, em termos vocálicos, no nível fonético, à vogal acentuada, ainda que a nível fonológico contenham diversas vogais.».

5ª Questão

«Existirá uma tendência menor para o apagamento de vogais átonas em palavras não frequentes na linguagem do quotidiano? A «estranheza» provocada por palavras eruditas ou desconhecidas poderá provocar levar à manutenção de todas as vogais presentes nesses vocábulos.»

Como já afirmámos acima (cf. 2.1.1 e 2.1.2.), uma das nossas questões de partida prendia-se com hipótese de que as palavras que não fazem parte do léxico habitual dos falantes podem manifestar uma tendência menor para o apagamento de vogais átonas. Assim, palavras com menor frequência de uso podem estar sujeitas a uma maior conservação dos seus segmentos de base. Outros autores partilham a mesma opinião. Bergem (1995:331) afirma o seguinte: «lexical vowel reduction is more likely to occur in words with a high frequency of occurrence than in words with a low frequency of occurrence». Como foi referido no ponto 1.3.4.1., Aitchison (2001:86-87)

mostra-nos que determinadas palavras sofrem redução vocálica, enquanto outras palavras, de estrutura semelhante mas menos comuns, mantêm as características originais da vogal.

O léxico largamente conhecido e utilizado com grande frequência pelos falantes é pronunciado de forma quase inconsciente, enquanto a «estranheza» provocada pelas palavras raras e eruditas pode levar os falantes a prestarem mais atenção à pronúncia. Como foi já referido, a leitura do texto foi, aparentemente, efectuada com alguma rapidez por parte dos falantes. No entanto, constatou-se por vezes uma certa diminuição de velocidade e, até, uma pequena pausa quando os falantes se depararam com palavras mais insólitas (como, por exemplo, *bêbera*, *nêvedas*, *séseles*). Além disso, os falantes pareceram hesitar, por vezes, na pronúncia de palavras que lhes eram desconhecidas.

Podemos constatar que nos *Quadros 13 e 14* os valores apresentados para a queda em palavras frequentes são claramente superiores nos três falantes. O total de quedas vocálicas efectuadas por cada falante mostra-nos que LA é o que mais apagamentos vocálicos efectua em palavras frequentes (37 vogais suprimidas, 100%)³¹. Nos trissílabos pouco frequentes é CF quem realiza o maior número de quedas (5 supressões), apesar de este número ser muito próximo da quantidade de supressões vocálicas efectuadas por JR e LA (3 e 4 vogais suprimidas, respectivamente)³².

Os resultados do *Quadro 15* mostram-nos que dos 36 trissílabos pouco frequentes (12 palavras × 3 falantes), 22 (61.11%) foram lidos efectivamente como trissílabos, enquanto 8 (22.22%) foram realizados como dissílabos graves com apagamento da vogal em posição medial, 4 (11.11%) como dissílabos graves com

³¹ Relembramos que estes resultados dizem respeito à queda de vogais átonas efectuadas pelos falantes: em algumas palavras não houve apagamento vocálico, enquanto noutras foram suprimidas as duas vogais não acentuadas. LA não realizou foneticamente 37 vogais em 37 palavras, o que não significa que tenha suprimido uma vogal por palavra.

³² Para cada um destes valores são apresentadas duas percentagens: uma relativa ao número total de palavras existentes no nosso *corpus* e outra referente ao número de palavras frequentes e não frequentes que se encontram no nosso *corpus* (cf. *Quadros 13 e 14*).

apagamento da última vogal e 2 (5.56%) foram lidos de forma anómala. Nenhum trissílabo «pouco frequente» foi pronunciado como monossílabo.

6ª Questão

«O acento desempenhará um papel importante neste fenómeno, sofrendo uma espécie de «regularização acentual»? Desta forma, as palavras esdrúxulas, com menos frequência na língua, sofreriam uma regularização acentual, transformando-se em graves.»

Referimos, no início do nosso trabalho, que em português se verifica um predomínio, na classe dos nomes, do padrão paroxítono (Pereira, 1999:121). No entanto, existem palavras que não se incluem nesse padrão, como as palavras agudas e esdrúxulas. Como o nosso *corpus* é constituído unicamente por trissílabos esdrúxulos, é dessa categoria que nos iremos ocupar.

Visto que as palavras esdrúxulas constituem, no paradigma dos nomes, um grupo minoritário relativamente à acentuação do português, poderíamos colocar a hipótese de que trissílabos proparoxítonos de estrutura silábica (C)(C)V.CV.CV(Spl) sofressem uma espécie de «regularização acentual», passando a dissílabos paroxítonos de constituição (C)(C)V.CCV(Spl). Esta transformação seria efectuada pela perda da vogal pós-tónica não final e pela formação de um grupo consonântico em interior de palavra.

As palavras pertencentes ao nosso *corpus* foram realizadas foneticamente de vários modos, já que algumas mantiveram as três sílabas, enquanto outras perderam uma ou mesmo as duas vogais átonas, o que originou uma redução do número de sílabas (cf. *Quadro 8*). Vejamos as percentagens dessas realizações por ordem decrescente: dissílabos com apagamento da penúltima vogal (30.63%), trissílabos (27.93%), monossílabos com apagamento das duas vogais (21.62%), dissílabos com supressão da vogal final (12.61%), outros (7.21%).

Podemos verificar, de facto, que a maior percentagem corresponde aos dissílabos graves originados pela queda da vogal não acentuada em posição medial (30.63%). No entanto, este valor não se distancia muito da percentagem de trissílabos (27.93%). Apesar disso, devemos ter em conta o facto de se terem verificado outras produções fonéticas dos trissílabos do nosso *corpus*: dissílabos com apagamento da vogal final (DISS 12ø) e monossílabos (MONO). Deste modo, podemos constatar que os falantes apresentaram uma maioria de produções fonéticas em que existiu, pelo menos, supressão de uma sílaba.

O resultado das palavras assinaladas com DISS 1ø3 distribui-se pelos três falantes da seguinte forma: CF produz 24.32% destes dissílabos, enquanto JR realiza 32.43% e LA 35.14%. Para além de ser o falante, relativamente aos outros dois informantes, que mais dissílabos graves com apagamento da penúltima vogal (DISS 1ø3) pronuncia, LA é o único que, de entre todas as modalidades fonéticas apresentadas (trissílabos, dissílabos graves com supressão da vogal final, monossílabos) pronuncia maioritariamente dissílabos causados pelo apagamento da vogal átona medial. Assim, LA realiza os trissílabos proparoxítonos pertencentes ao nosso *corpus* da seguinte forma (por ordem decrescente): 35.14% de dissílabos com apagamento da vogal medial,

27.03% de monossílabos, 24.32% de trissílabos e 10.80% de dissílabos com supressão da última vogal. Os outros dois falantes apresentam os seguintes resultados: CF pronuncia majoritariamente trissílabos (27.03%), em seguida, dissílabos com supressão da segunda vogal fonológica (24.32%), monossílabos (18.92%), outros (16.22%) e, por fim, dissílabos com supressão da última vogal (13.51%). JR apresenta igual percentagem de trissílabos e de dissílabos com apagamento da vogal em posição medial (32.43%), 18.92% de monossílabos e 13.51% de dissílabos com supressão da vogal final. JR e LA pronunciaram, cada um, apenas 1 palavra de forma anómala (2.70%).

Constatamos, desta forma, que somente um dos falantes (LA) pronuncia maior número de dissílabos com apagamento da penúltima vogal átona, relativamente às outras variantes apresentadas.

Além disso, os falantes realizaram também dissílabos com apagamento da vogal final (DISS 12Ø), mas esta variante é, de todas, a que apresenta valores menores (12.61%), sendo ultrapassada, por exemplo, pela percentagem de monossílabos (21.62%). Nestes dissílabos não existe formação de grupos consonânticos porque a vogal pós-tónica não final é mantida, mas surgem em coda segmentos não admitidos fonologicamente, pelo apagamento da vogal final.

Se somarmos o total de dissílabos DISS 1Ø3 (30.63%) com o total de dissílabos DISS 12Ø (12.61%) verificamos que os falantes realizaram uma maioria de palavras com duas sílabas (43.24%), relativamente às palavras pronunciadas como trissílabos (27.93%) e como monossílabos (21.62%).

No entanto, apesar de constatarmos que os falantes realizaram majoritariamente dissílabos, neste trabalho foi dado especial relevo à queda da vogal átona pós-tónica não final. Seria interessante tentar verificar se ocorre, neste momento, em português, um

fenómeno que no latim levou ao desaparecimento de certos proparoxítonos, pela perda do segmento vocálico pós-tônico não final. Como afirma Teyssier (1980:9), «as penúltimas [vogais átonas] dos proparoxítonos desaparecem com frequência na pronúncia corrente, de acordo com a tendência comum a todo o romance ocidental: dizia-se por exemplo *oc'lu-* por *oculum* e *cal'du* por *calidum* (daí, em português, *olho* e *caldo*)»³³.

Os nossos dados não nos permitem, contudo, verificar inteiramente esta hipótese. Para tal, seria necessário estudar um maior número de trissílabos proparoxítonos e de falantes. O pressuposto de que os trissílabos proparoxítonos que constituem o nosso *corpus* se transformariam maioritariamente em dissílabos com apagamento da vogal átona medial verificou-se apenas no falante LA.

Pelo que foi demonstrado, o fenómeno da queda vocálica revela-se como não sistemático já que, no mesmo contexto, o apagamento apenas se verifica em determinadas palavras. Vimos que, em certas palavras, alguns falantes mantêm a vogal enquanto outros a suprimem, encontrando-se, por vezes, três realizações diferentes para um determinado trissílabo. No nosso *corpus* podemos encontrar palavras que foram pronunciadas de formas diversas pelos três falantes: *cómodo* foi realizada como dissílabo com apagamento da última vogal (CF), trissílabo (JR) e monossílabo (LA); *séseles* foi pronunciada como trissílabo (CF), dissílabo com supressão da vogal medial

³³ Cf, também, Lausberg (1981:159); Williams (1975:64-66); Niedermann (1953:32); Wireback (1997:66-69).

(JR) e dissílabo com apagamento da última vogal (LA); *útero* foi realizada como trissílabo (CF), monossílabo (JR) e dissílabo com apagamento da penúltima vogal (LA).

Além disso, cada um dos falantes diverge, por vezes, na pronúncia de vogais que se encontram em contexto fonológico adjacente semelhante. Assim, nas palavras *péssimo* e *próximo*, possuindo ambas a vogal pós-tônica não final [i] em contexto fonológico idêntico, LA mantém a vogal medial em *péssimo* (suprimindo apenas a vogal final), mas suprime-a em *próximo* (pronunciando esta palavra como monossílabo, já que não realiza também a vogal final). No trissílabo *títulos*, o [u] não final foi suprimido pelos três falantes, que pronunciaram esta palavra como dissílabo com apagamento da segunda vogal; no entanto, em *sítulas*, apesar de a penúltima vogal ser também [u] e de o contexto fonológico adjacente ser igualmente constituído por oclusiva surda e líquida lateral, a queda da penúltima vogal verifica-se apenas num falante (LA), sendo a palavra mantida como trissílabo nos outros dois. Neste caso, o menor número de quedas da vogal medial pode ser explicado pelo facto de *sítulas* ser uma palavra desconhecida para os falantes. Mesmo assim, um deles suprimiu a vogal, já que [u] é um dos segmentos vocálicos átonos com maior tendência para não ser pronunciado e porque o contexto adjacente em causa é por vezes apontado, como vimos em 1.3.4.1., como favorável à queda da vogal pós-tônica não final.

Assim, a variação vocálica pode depender fortemente do sujeito (tipo de falante, velocidade com que o texto foi lido), da vogal em causa, do contexto fonológico adjacente e da frequência de uso das palavras.

III PARTE

CONCLUSÕES

Capítulo 4

Conclusões.

Ao longo deste trabalho tentámos demonstrar que o apagamento de vogais átonas é um fenómeno causado por diversos factores e com inúmeras consequências fonéticas e, porventura, fonológicas. Vimos que as vogais, quando não recebem acento, sofrem alteração das suas características, relativamente ao timbre, duração, intensidade e altura. As vogais átonas resultam genericamente da aplicação de regras/processos que actuam no nível fonológico e que restringem as vogais átonas às regiões mais altas e mais recuadas do triângulo vocálico. Por este motivo, as vogais átonas ficam sujeitas a um enfraquecimento que as deixa vulneráveis ao apagamento.

Numa primeira abordagem deste fenómeno, constituímos um conjunto de palavras formado unicamente por trissílabos proparoquítonos de constituição silábica (C)(C)V.CV.CV(Spl)¹, partindo do princípio de que eles manifestariam predominantemente a tendência para se transformarem em dissílabos graves com a estrutura silábica (C)(C)V.CCV(Spl). Este pressuposto partiu do facto de a acentuação dos nomes em português ser maioritariamente grave, constituindo as palavras esdrúxulas um pequeno subconjunto desses nomes. Desta forma, tendo em conta a forte propensão que o vocalismo átono manifesta relativamente à redução e à queda, as vogais da segunda sílaba fonológica seriam tendencialmente suprimidas, o que levaria à

¹ Em versão digital não foi possível colocar um acento agudo gráfico sobre o primeiro V. No entanto, note-se que a primeira vogal (V) é a tónica, pelo que se deve subentender a presença de um acento agudo gráfico sobre a mesma.

«regularização» acentual de palavras que constituem uma minoria em português. Contudo, os resultados não confirmaram absolutamente esta hipótese. Algumas palavras mantiveram-se como trissílabos e outras perderam os dois segmentos vocálicos não acentuados, sendo pronunciadas como monossílabos.

Os dados mostram-nos que os 111 trissílabos esdrúxulos (37 palavras × 3 falantes) foram pronunciados da seguinte forma (por ordem decrescente):

- 34 dissílabos com apagamento da penúltima vogal (30.63%);
- 31 trissílabos (27.93%);
- 24 monossílabos (21.62%);
- 14 dissílabos com supressão da última vogal (12.61%);
- 8 realizações que não se revêem em nenhuma das categorias acima mencionadas (7.21%).

Podemos verificar que, no total das realizações fonéticas das palavras do nosso *corpus*, a manutenção das estruturas silábicas originais se apresenta como minoritária. Os falantes não preservaram as estruturas silábicas originais em 64.86% das palavras pronunciadas (30.63% de dissílabos com apagamento da penúltima vogal; 12.61% de dissílabos com supressão da última vogal e 27.93% de monossílabos). Assim, a maioria das produções consiste em palavras em que pelo menos uma sílaba foi suprimida.

Neste trabalho quisemos também verificar se palavras raras no vocabulário comum apresentariam a tendência para manter foneticamente as vogais átonas e, consequentemente, todas as sílabas, ou se estariam sujeitas à forte elisão do vocalismo não acentuado, como acontece com as palavras mais frequentes do léxico português.

Constatámos que 61.11% dos trissílabos raros foram realizados como trissílabos e que nenhuma das palavras pouco frequentes foi pronunciada como monossílabo. cremos, então, que as palavras usadas com menos frequência na língua poderão manifestar a tendência para conservar os seus segmentos vocálicos átonos, pois nenhuma delas foi pronunciada apenas com uma sílaba.

Vimos, no *corpus* estudado ao longo deste trabalho, que a queda de vogais não acentuadas em posição pós-tónica não final provoca o aparecimento de sequências consonânticas numa situação de adjacência. Alguns desses encontros consonânticos são conformes aos princípios fonológicos da língua, enquanto outros não são admitidos no nível subjacente, existindo apenas a nível fonético. Assim, os grupos consonânticos constituídos por obstruinte (oclusiva ou fricativa não coronal) e líquida (lateral ou vibrante) são os únicos que podem formar fonologicamente ataque de sílaba em português, ao contrário de todas as outras sequências de consoantes que, segundo Mateus (1995), devem ser atribuídas a sílabas fonologicamente diferentes pela criação de um núcleo vazio.

Nenhum dos trissílabos proparoquítonos do nosso *corpus* apresenta, originalmente, um grupo consonântico em posição medial. Contudo, ao ser suprimida a vogal da penúltima sílaba fonológica, duas consoantes passam a ser pronunciadas em adjacência nas produções fonéticas categorizadas como DISS 1Ø3. Em relação a estas palavras, vimos ainda quais os encontros consonânticos legítimos e ilegítimos que se formam em cada uma delas.

Para além de provocar o aparecimento de encontros consonânticos que não existiam originalmente numa determinada palavra, a queda de vogais átonas tem outras consequências fonéticas. Nos dissílabos provocados pela supressão da última vogal

(DISS 12Ø) verificámos o aparecimento de segmentos consonânticos em coda final não admitidos nesta posição. Além disso, as palavras que foram pronunciadas como monossílabos passam a apresentar, a nível de superfície, uma coda ramificada que, como vimos no início deste estudo, não é admitida fonologicamente em português.

Como podemos verificar pelos resultados obtidos, devido à queda de vogais átonas, vários dos trissílabos proparoxítonos fonológicos analisados viram transformada a sua estrutura silábica a nível superficial, perdendo uma ou duas sílabas, adquirindo encontros consonânticos em posição interior e ganhando uma ou mais consoantes em posição final.

Como o tema inerente ao nosso trabalho diz respeito à variação, podemos partir do princípio de que o apagamento de vogais não acentuadas é um fenómeno que pode ser condicionado por diversos factores:

- *timbre vocálico*: as vogais [u] e [i] foram as que manifestaram, no nosso estudo, maior supressão a nível fonético;
- *posição ocupada pela vogal*: nas palavras realizadas foneticamente com duas sílabas, verificou-se maior quantidade de elisões em posição pós-tónica não final, comparativamente à posição final;
- *contexto fonológico adjacente*: a vogal pós-tónica não final foi suprimida praticamente em todos os trissílabos proparoxítonos em que a consoante precedente é uma oclusiva surda.

- *frequência de uso*: as palavras frequentes analisadas neste estudo revelaram uma maior vulnerabilidade ao fenómeno de supressão vocálica, relativamente às palavras eruditas e não frequentes. Estas mostraram-se muito menos permeáveis ao apagamento de segmentos vocálicos não acentuados, conservando maioritariamente as suas estruturas silábicas de base.

Sugerimos, assim, que a variação vocálica pode ser condicionada por uma considerável multiplicidade de factores e que, quando as vogais átonas não são realizadas foneticamente, surgem várias consequências a nível superficial, algumas das quais (como as abaixo indicadas) podem levantar desafios interpretativos à fonologia, dado que evidenciam, a nível de superfície, sequências ou estruturas não previstas nem conformes às descrições fonológicas da língua:

- *diminuição do número de sílabas das palavras*;
- *formação de encontros consonânticos em posição medial*;
- *presença de consoantes não admitidas em posição de coda*;
- *formação de codas ramificadas*.

Com o nosso trabalho pretendemos demonstrar os fenómenos fonéticos que ocorreram num grupo específico de trissílabos proparoxítonos. Além disso, tentámos contribuir para a ideia de que os princípios fonológicos são constantemente postos em causa pelas realizações fonéticas.

Por este motivo, as descrições fonológicas da língua poderiam, em nosso entender, começar a demonstrar alguma abertura a fenómenos fonéticos como os que foram abordados neste estudo, nomeadamente, a aspectos ligados ao Princípio de Sonoridade.

Reconhecemos, contudo, algumas limitações ao nosso trabalho. Por um lado, seria necessário abranger um número mais elevado de falantes e de proveniências dialectais, para podermos verificar se os fenómenos se restringem a apenas uma área dialectal ou se manifestam uma tendência mais geral do português europeu. Por outro lado, o material linguístico careceria de um maior alargamento e deveria ser utilizada uma maior diversidade de métodos de análise como, por exemplo, a observação de fala espontânea. Além disso, em vez de se cingirem unicamente à leitura de texto, os informantes deveriam proceder, por exemplo, à leitura de palavras ou de frases isoladas.

Não excluimos, desta forma, a hipótese de que os nossos resultados poderiam ser diferentes perante outras condições.

Sugerimos, no entanto, certos aspectos que poderão ser desenvolvidos futuramente, nomeadamente a relação das supressões vocálicas aqui analisadas com a questão da síncope vocálica historicamente verificada nos proparoxítonos latinos (cf. Williams, 1975:64-66; Lausberg, 1981:159; Teyssier, 1980:9, Niedermann, 1953:32; Wireback, 1997:66-69). Partindo do princípio de que o português possa estar a sofrer alguma evolução devido à perda de segmentos vocálicos em posição não acentuada, seria interessante tentar verificar se existe algum paralelismo entre este fenómeno e o da síncope latina, procurando dados que possam apontar para uma certa regularização acentual dos proparoxítonos em português. Tal investigação ficará, no entanto, para um momento futuro.

Por tudo o que ficou dito, vemos confirmado que a mudança e, principalmente, a variação são inevitáveis na língua.

A língua não vive apenas de regularidades e de sistemas estáveis, ela é também diversidade. Os sistemas podem ser reestruturados, pois o conhecimento da língua é indissociável do uso da língua, as propriedades universais da linguagem devem conciliar-se com a diversidade inerente a cada língua.

A fonologia generativa clássica pretendeu construir uma gramática da língua que representasse a competência dos falantes. Os fenómenos variantes, sujeitos à evolução, não eram admitidos por esta gramática da língua. Como podemos ver em Chomsky e Halle (1968:249), «in our view, a grammar of a language represents the linguistic competence of a speaker. (...) The rules that constitute the grammar of a particular speaker determine in detail the form of the sentences that the speaker will produce and understand. If two speakers differ in the phonetic (or semantic) interpretation they assign to sentences, this difference can only be due to some difference in the character or organization of the rules that make up their respective grammars. Consequently an observed linguistic change can have only one source – a change in the grammar that underlies the observed utterances». A mudança que ocorre na língua pressupõe, deste modo, uma mudança na gramática.

No entanto, a competência dos falantes de uma língua passa também pelo conhecimento da variação que pode ser admitida nessa língua. Rodrigues (2000:275) faz a seguinte afirmação: «a variação deve ser incorporada na componente fonológica com os processos que não estão sujeitos a variação. De resto, esse é o único resultado possível (e que cremos ser desejável), na medida em que as formas superficiais dessa maneira derivadas são aquelas que os falantes produzem. Não se conhecem línguas sem variação, nem falantes que não oscilem, pelo menos em certos aspectos de pronúncia,

portanto a variação tem de estar representada na gramática». A. Andrade (1987:4) refere também que a teoria fonológica deve conseguir explicar por que é que certos sistemas, fenómenos ou regras apresentam uma maior probabilidade de ocorrência, e deve também apresentar explicitações para a variação e mudança histórica.

A mudança linguística processa-se incessantemente e pode ser observada. No início do nosso trabalho referimos que Labov foi o pioneiro da observação e análise estatística de fenómeno variáveis. Como podemos ver em Santos (2003:33), Labov reformula a noção de *competência* que, para além de linguística, passa a ser também social, e de *performance*, encarada agora como reflexo estatístico da *competência*. As regras rigorosas da gramática generativa são, assim, substituídas pelo conceito de «regra variável».

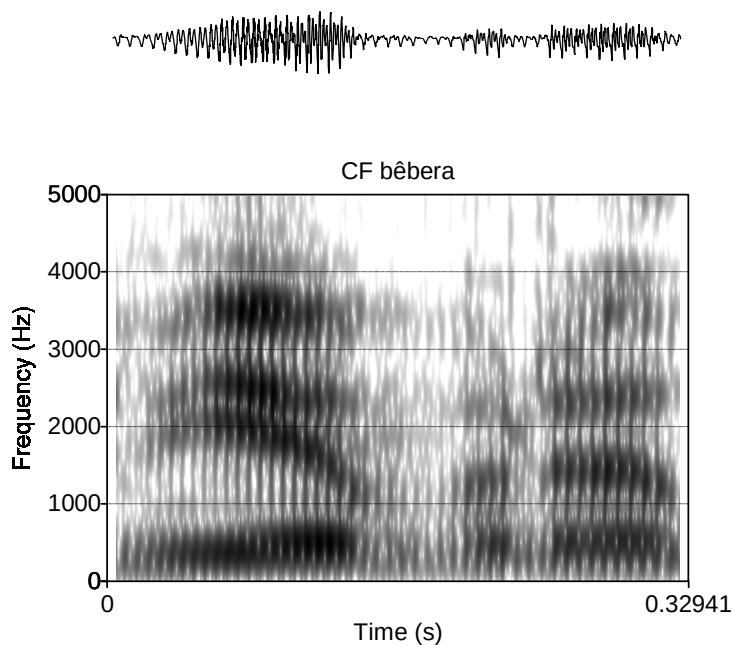
Para que os falantes produzam, ao longo dos tempos, formas variantes que poderão vir a ser operadoras de mudança, pouco mais é requerido para além do uso da língua em sociedade. Esse uso sofrerá influências de diversos géneros que, mais tarde ou mais cedo, originarão variação e evolução. Como nos demonstra Guy (2003:399), «insofar as change is driven forward by inherent social and linguistic processes, the speakers involved don't need to know about the previous history of their language any more than Galileo's falling objects needed to know about their history in order to reach the base of the Tower of Pisa. All speakers need is to have a human language apparatus, normal abilities for language production, perception, and acquisition, and normal acculturation in their society. Changes will arise as a consequence of the intrinsically dynamic and variable nature of language and society».

ANEXOS

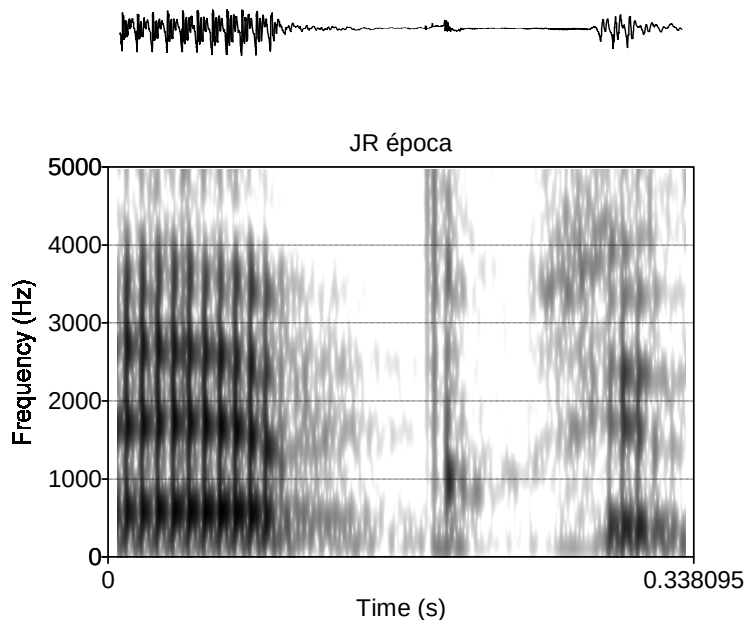
Formas de onda e espectrogramas de algumas realizações fonéticas

Anexos¹

Anexo 1: *Bêbera* (CF): Trissílabo proparoxítono.

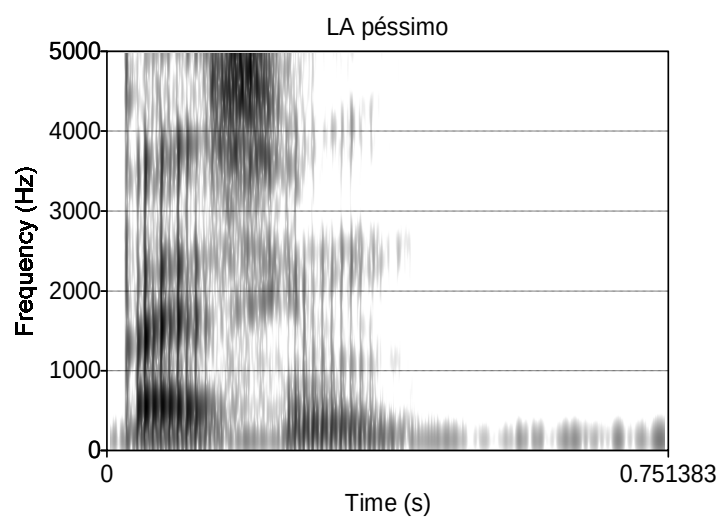


Anexo 2: *Época* (JR): Dissílabo grave com apagamento da vogal medial.

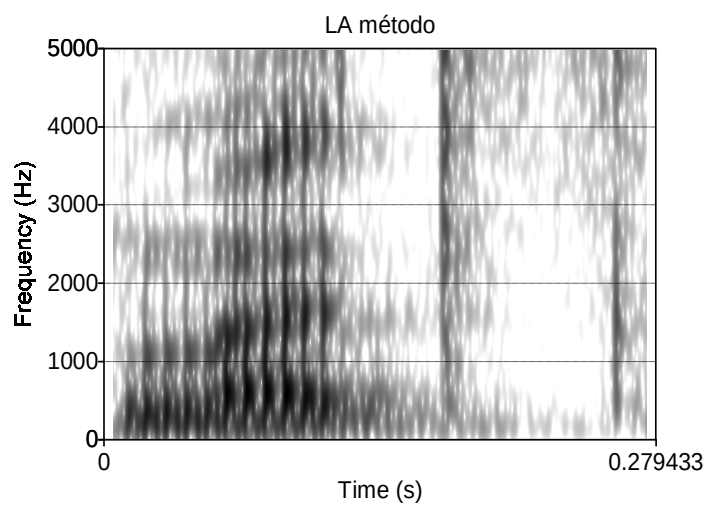


¹ A análise acústica de todas as palavras que constituem o nosso *corpus* foi efectuada através do programa de computador PRAAT (Boersma, Paul & Weenink, David (2006). Praat: doing phonetics by computer (Versão 4.4.32)[Programa de computador]. Acedido em 4 de Novembro de 2005, a partir de <http://www.praat.org/>).

Anexo 3: *Péssimo* (LA): Dissílabo grave com apagamento da última vogal.

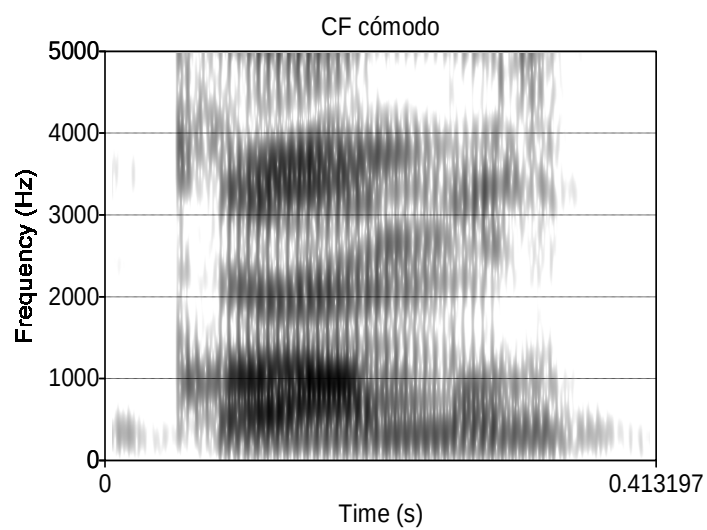


Anexo 4: *Método* (LA): Monossílabo.

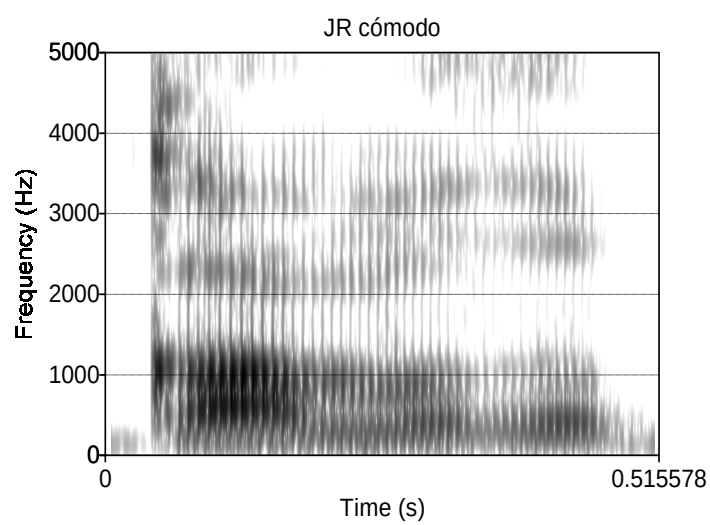
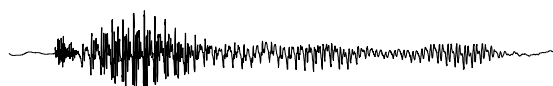


Anexo 5: *Cómodo.*

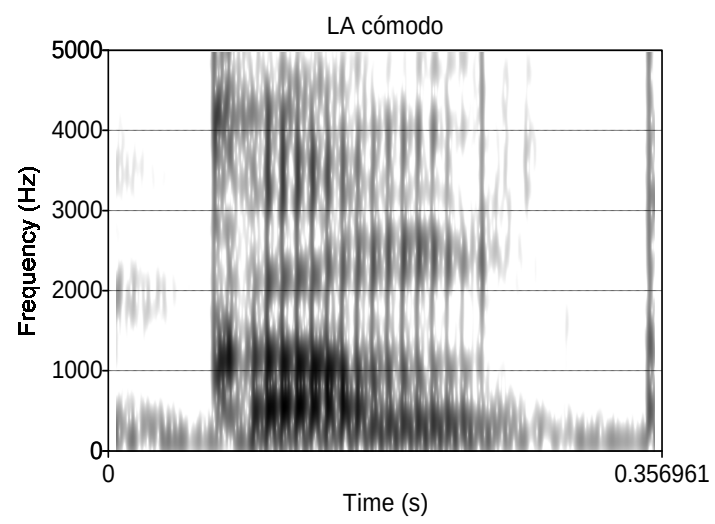
CF: Dissílabo grave com apagamento da última vogal.



JR: Trissílabo.



LA: Monossílabo.



BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

AITCHISON, Jean (2001) – *Language Change: Progress or Decay?*, Cambridge University Press, 3rd ed.

ANDRADE, Amália (1987) – *Um estudo experimental das Vogais Anteriores e Recuadas em Português. Implicações para a teoria dos traços distintivos*, Diss. Para Progressão na Carreira de Investigação, INIC, Lisboa, 1989.

ANDRADE, Amália (1994a) – «Estudo Acústico de Sequências de Oclusivas em Português Europeu», in *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL/ Colibri, 1994, pp. 1-15.

ANDRADE, Amália (1994b) – «Reflexões sobre o ‘e mudo’ em Português Europeu», in DUARTE, I. e I. LEIRIA (eds) – *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol II, Lisboa, APL e Edições Colibri, pp. 303-344.

ANDRADE, Amália; MASCARENHAS, Isabel (1995) – «Sobre a variação fonética de /i/ - Uma primeira abordagem», in *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 1995), Lisboa, APL/ Colibri, pp. 25-43.

ANDRADE, Amália (1996) – «Percepção de C ou CC oclusivas por ouvintes nativos do Português Europeu», in *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL/ Colibri, pp. 153-186.

ANDRADE, Ernesto d’ (1994b) – «Algumas particularidades do Português falado no Funchal», in *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL/ Colibri, pp. 17-29.

BARBEIRO, Luís Filipe Tomás (1986) – *Estrutura Silábica do Português. O papel da sílaba na análise dos processos fonológicos e fonéticos*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BARBOSA, Jorge Morais (1965) – *Études de Phonologie Portugaise*, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar (2. ème éd.). Évora, Universidade de Évora.

BARROSO, Henrique (1999) – *Forma e Substância da Expressão da Língua Portuguesa*, Coimbra, Almedina.

BERGEM, D. R. van (1995) – «Perceptual and acoustic aspects of lexical vowel reduction, a sound change in progress», in *Speech Communication*, pp.329-358.

BISOL, Leda ; BRESCANCINI, Cláudia (orgs.,2002) – *Fonologia e Variação. Recortes do Português Brasileiro*, Porto Alegre (RS), EDIPUCRS.

BLEVINS, Juliette (1995) – “The Syllable in Phonological Theory”, in GOLDSMITH (ed., 1995), pp. 206-244.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso (1970) – *Estrutura da Língua Portuguesa*, Petrópolis (RJ), Vozes (19ª ed., 1989).

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris (1968) – *The Sound Pattern of English*. New York, Harper & Row.

COMPANYNS, Manuel (1954) – «Notes sur les finales atones portugaises après consonne sourde», *Revista do Laboratório de Fonética Experimental*, 2, pp. 105-127.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel (1973) – «Análise acústica das vogais orais tónicas em Português», in *Boletim de Filologia*, Tomo XXII, Fascículos 3 e 4, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, pp. 303-314.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel (1975) – «Vogais e consoantes do português: estatística de ocorrência, duração e intensidade», referido em DELGADO-MARTINS (2002), pp. 53-63.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel (1977) – *Aspects de l' Accent en Portugais – Voyelles Toniques et Atones*, Tese de Doutoramento de 3^{ème} cycle, Universidade de Estrasburgo, Estrasburgo.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel (1989) – «Contributos para uma teoria da percepção do acento e da entoação em português», referido em DELGADO-MARTINS (2002), pp. 217-224.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel (1994) – «Relação Fonética/Fonologia: a propósito do Sistema Vocálico do Português», in DUARTE, I. e I. LEIRIA (eds) – *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol I, Lisboa, APL e Edições Colibri, pp.311-325.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel; POCH-OLIVÉ, Dolors; HARMEGNIES, Bernard (1995) – «Processos de mudança linguística em curso no português europeu», referido em DELGADO-MARTINS (2002), pp. 295-299.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel; HARMEGNIES, Bernard; POCH, Dolors (1996) – «Changement Phonétique en cours du Portugais Européen», in *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. III, Lisboa, APL/ Colibri, pp. 249-259.

DELGADO-MARTINS, Maria Raquel (2002) – *Fonética do Português – Trinta Anos de Investigação*, Lisboa, Caminho.

DURAND, Jacques (1990) – *Generative and Non-Linear Phonology*. London /New York, Longman

ELLISON, Mark; VIANA, Maria do Céu (1996) – «Antagonismo e Elisão das Vogais Átonas em PE», in *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. III, Lisboa, APL/ Colibri, pp. 261-281.

FARIA, Isabel Hub *et al.* (orgs., 1996) – *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho.

FARIA, Isabel Hub (2003) – «O uso da linguagem», in Mateus *et al.* (2003), pp. 55-84.

FERREIRA, Manuela Barros; CARRILHO, Ernestina; LOBO, Maria; SARAMAGO, João; CRUZ, Luísa Segura da (1996) – «Variação linguística: perspectiva dialectológica», in FARIA, I. H. *et al.* (orgs. 1996) – *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, pp. 479-502.

FOX, Anthony (2000) – *Prosodic Features and Prosodic Structure – The Phonology of Suprasegmentals*, Oxford University Press.

FREITAS, Maria João (1997) – *Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa.

FREITAS, Maria João (2002) – «Estatutos de [i] na Aquisição do Português Europeu», in DUARTE, Isabel Margarida; BARBOSA, Jorge; MATOS, Sérgio; HÜSGEN, Thomas (orgs., 2002) – *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Port.,* Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, vol. 2, pp.99-109.

GOLDSMITH, John A. (1990) – *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford/Cambridge (Mass.), Basil Blackwell.

GOLDSMITH, John A. (1995) – *The Handbook of Phonological Theory*, Cambridge (Mass.)/Oxford, Blackwell.

GOLDSMITH, J. A. (1999) – *Phonological Theory. The Essential Readings*. Malden (Mass.)/Oxford, Blackwell

GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis (1883) – *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, Paris, Imprimerie Daupéley. Facsimilado em CINTRA, L. F. L.; RIBEIRO, J. A. P., orgs. (1973) – *A. R. Gonçalves Viana – Estudos de Fonética Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 83-152.

GONÇALVES VIANA, Aniceto dos Reis (1892) – *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros*, Lisboa, Imprensa Nacional. Facsimilado em CINTRA, L. F. L.; RIBEIRO, J. A. P., orgs. (1973) – *A. R. Gonçalves Viana – Estudos de Fonética Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 153-257.

GUY, Gregory R. (2003) – «Variationist Approaches to Phonological Change», in JOSEPH B.; JANDA, R. D. (eds., 2003) – *The Handbook of Historical Linguistics*, Oxford, Blackwell, pp.369-400.

HOGG, Richard; McCULLY, C. B. (1987) – *Metrical Phonology: A Coursebook*. Cambridge, Cambridge University Press.

KENSTOWICZ, Michael (1993) – *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge, Blackwell.

LABOV, William (1972) – *Sociolinguistic Patterns*, Filadelfia, 1984.

LADEFOGED, Peter (2001) – *A Course in Phonetics*, Boston, Harcourt College Publishers, 4th ed.

LADEFOGED, Peter (2003) – *Phonetic Data Analysis – An Introduction to Fieldwork and Instrumental Techniques*, Oxford, Blackwell.

LAUSBERG, Heinrich (1981) – *Linguística Românica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed.

LEITE, Fernando (1997) – «Vogais silenciosas?», in *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, vol. I, Braga-Guimarães, APL/Colibri, pp. 157-163.

LIEBERMAN, Philip (1975) – *Intonation, Perception, and Language*, M.I.T. Research Monograph No. 38.

LOURO, José Inês (1954) – «Estudo e Classificação das Vogais», in *Boletim de Filologia*, XV (3-4), pp. 215-248.

MATEUS, Maria Helena Mira; DELGADO-MARTINS, Maria Raquel (1982) – «Contribuição para o estudo das Vogais Átonas [ə] e [u] no Português Europeu», *Biblos*, LVIII, pp. 111-125.

MATEUS, Maria Helena Mira; ANDRADE, Amália; VIANA, Maria do Céu; VILLALVA, Alina (1990) – *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.

MATEUS, Maria Helena Mira (1995) – «A silabificação de base em Português», in Mateus (2000), pp. 271-279.

MATEUS, Maria Helena Mira (1996) – «Fonologia», in FARIA, Isabel Hub *et al.* (orgs. 1996) – *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, pp. 171-199.

MATEUS, Maria Helena Mira; ANDRADE, Ernesto d' (1998) – “The Syllable Structure in European Portuguese”, in Mateus (2000), pp. 281-297.

MATEUS, Maria Helena Mira (2000) – *A Face Exposta da Língua Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

MATEUS, Maria Helena Mira; ANDRADE, Ernesto d' (2000) - *The Phonology of Portuguese*. Oxford, Oxford University Press.

MATEUS, Maria Helena *et al.* (2003) – *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho. 5ª ed., revista e aumentada.

MATEUS, Maria Helena Mira (2003) – «Fonologia», in Mateus *et al.* (2003), pp.987-1033.

MATEUS, Maria Helena Mira; FROTA; Sónia; VIGÁRIO, Marina (2003) – «Prosódia», in Mateus *et al.* (2003), pp.1035-1076.

MATEUS, Maria Helena Mira; NASCIMENTO, Fernanda Bacelar do (orgs., 2005) – *A Língua Portuguesa em Mudança*, Lisboa, Editorial Caminho.

NIEDERMANN, Max (1953) – *Phonétique historique du Latin*, Paris, C. Klincksieck.

Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Lello & Irmãos – Editores, Sistema J – Editora Portuguesa de Livros Lda., Amadora, 1996.

PEREIRA, Isabel (1999) – *O Acento de Palavra em Português – Uma Análise Métrica*, Dissertação de Doutoramento, Coimbra.

RODRIGUES, Celeste (2000) – *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa.

SÁ NOGUEIRA, Rodrigo de (1941) – *Tentativa de Explicação dos Fenómenos Fonéticos em Português*, Lisboa, Livraria Clássica.

SANTOS, I. A. (2003) – *Variação Linguística em Espaço Rural – A vogal [ü] numa comunidade do Baixo Mondego*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

SILVA, Thaïs C. (2002) – *Fonética e Fonologia do Português. Roteiro de estudos e guia de exercícios*, Editora Contexto, 6ª edição revista, S. Paulo.

STREVENS, Peter (1954) – «Some Observations on the Phonetics and Pronunciation of Modern Portuguese», *Revista do Laboratório de Fonética Experimental*, 2, pp.5-29.

TEYSSIER, Paul (1980) – *História da Língua Portuguesa*, Lisboa, Sá da Costa.

VELOSO, João (2003 a) – *Da Influência do Conhecimento Ortográfico sobre o Conhecimento Fonológico – Estudo Longitudinal de um Grupo de Crianças Falantes Nativas do Português Europeu*, Dissertação de Doutoramento, Porto.

VELOSO, João (2003 b) – «A distinção entre palavras terminadas em consoante e palavras terminadas na sequência ortográfica «consoante+ ’-e’» num grupo de crianças falantes do Português Europeu em idade pré-escolar» (pp. 259-288), in *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes - Volume comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*.

VELOSO, João (2006) – «Reavaliando o estatuto silábico das sequências Obstruinte+Lateral em português europeu», in *D.E.L.T.A. – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* [Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil]. Vol. 22, Nº 1, 2006, pp. 127-158.

VIGÁRIO, Marina; FALÉ, Isabel (1994) – «A Sílabas do Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica», in *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Coimbra, 1993), Lisboa, APL/ Colibri, 1994, pp. 465-477

WILLIAMS, Edwin B. (1975) – *Do Latim ao Português. Fonologia e Morfologia Histórica da Língua Portuguesa*, Trad., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro

WIREBACK, Kenneth J. (1997) – *The Role of Phonological Structure in Sound Change from Latin to Spanish and Portuguese*, New York, Peter Lang Publishing, Inc.